



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARÍLIA NEPOMUCENO PINHEIRO

SABERES DA CAATINGA:
Etnografia de um encontro de curandeiras, curandeiros e mestres de cultura da
Chapada do Araripe

Recife

2024

Marília Nepomuceno Pinheiro

SABERES DA CAATINGA:
Etnografia de um encontro de curandeiras, curandeiros e mestres de cultura da
Chapada do Araripe

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre(a) em Antropologia. Área de Concentração: Antropologia.

Orientador: Hugo Menezes Neto

Recife
2024

Nepomuceno Pinheiro, Marília.

Saberes da caatinga: etnografia de um encontro de curandeiras, curandeiros e mestres de cultura da Chapada do Araripe / Marília Nepomuceno Pinheiro. - Recife, 2024.
150f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia, 2024.

Orientação: Hugo Menezes Neto.

Inclui referências.

1. Caatinga; 2. Paisagem multiespécie; 3. Antropologia ambiental. I. Menezes Neto, Hugo. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

**ESSA PÁGINA SERÁ SUBSTITUÍDA PELA FOLHA DE APROVAÇÃO EMITIDA
PELA SECRETARIA DO PROGRAMA APÓS A DEFESA.**

A FOLHA DE APROVAÇÃO DEVE ESTAR SEM ASSINATURAS E EM FORMATO
PDF. ELA DEVE CONTER OBRIGATORIAMENTE:

- NOME COMPLETO DO(A) AUTOR(A) DO TRABALHO
- TÍTULO DO TRABALHO
- NATUREZA (INCLUSIVE ÁREA DE CONCENTRAÇÃO)
- DATA DE APROVAÇÃO
- NOME E TITULAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA E INSTITUIÇÕES A QUE
PERTENCEM

Modelo de folha de aprovação disponível em:

<https://www.ufpe.br/documents/39058/594591/Folha+de+aprova%C3%A7%C3%A3o+edit%C3%A1vel/b72ea9cf-f1e6-4877-afd8-a796dea86026>



vela acesa em fundo verde

Dedico este trabalho a todas as mulheres racializadas, nordestinas e mães que vieram antes de mim e abriram clareiras na mata da vida social para que eu pudesse chegar onde estou hoje. Não é corriqueiro, de onde eu vim, que mulheres racializadas, nordestinas e mães desde muito cedo consigam chegar ao final dessa etapa acadêmica e intelectual que se configura com a apresentação de uma dissertação de mestrado. Minha mãe é a primeira de sua linhagem de mulheres que a antecederam a ingressar na universidade. Ela, por sua vez, vivenciou a universidade privada, enquanto trabalhava o dia inteiro e pagava seu curso de pedagogia à noite em uma instituição privada. Eu sou, então, a primeira desta mesma linhagem a ingressar na universidade pública, enfrentar a maternidade dupla durante a graduação e conseguir seguir para o mestrado. Esse acesso e oportunidade me abriu o horizonte do mundo profissional e pessoal em muitas dimensões e me possibilitou elaborar os espaços e as vivências que experimentei de forma mais crítica e segura para disputar o mundo em que quero viver e deixar para a geração de minhas filhas. Entre a gama de mulheres que disputaram espaços e qualidade de vida no mundo antes de mim, me encorajando a estar onde estou hoje, dedico especialmente este trabalho a minhas avós. Dagmar Freitas Nepomuceno (*in memoriam*), avó materna, mulher que dedicou sua vida à gestão do lar, matriarca poderosa, mãe de oito filhos e filha de uma lavadeira potiguara e um juiz que nunca pôde conversar e chamar de pai, exímia cuidadora de minha infância enquanto minha mãe se dividia em seus inúmeros papéis sociais para dar conta do mundo do trabalho e do cuidado dos filhos. E Lúcia de Oliveira Farias (*in memoriam*), minha avó paterna, professora formada por magistério, mãe de três filhos de pais diferentes, mulher que detinha poderes mediúnicos e marcou minha experiência de vida na infância sempre que oferecia consultas espirituais junto à Seu Tranca e Mãe Cigana, seus guias. Por fim, a Conceição de Maria Freitas Nepomuceno, minha amada mãe, mulher preta, lúcida e aguerrida, que trabalhou a vida inteira em dois empregos simultâneos para conseguir oferecer um padrão de vida a seus filhos em que pudessem usufruir de boa educação. Minha mãe trabalhou na escola que estudei a vida inteira para que eu pudesse estudar nela enquanto bolsista e assim ela pudesse me oferecer, segundo ela, o maior de seus legados: o acesso ao estudo e ensino escolar de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às heranças de encantamento que recebi das mulheres com quem tive a oportunidade de conviver na vida doméstica e pessoal. Agradeço, em especial, o tempo voluntário e não remunerado que dedicaram ao meu cuidado físico, emocional e espiritual. Agradeço a luta em que travaram na micropolítica de suas vidas cotidianas para que eu pudesse estudar e vivenciar uma experiência social atravessada por alegrias, conquistas e felicidade. Agradeço o purê de batata feito com o maior afinco e os banhos de folha de colônia que recebi de minha avó Dagmar, chamada carinhosamente por mim de Mima, para que eu recuperasse minha saúde sempre que estava vulnerável. Agradeço ao meu avô paterno, homem preto com quem, desde muito cedo, pude admirar sua genialidade e expertise intelectual tão pouco valorizada no mundo em que vivíamos. Agradeço a meu pai por me fazer enxergar as nuances e as complexidades das relações parentais no mundo que vivemos e por me encorajar, à sua maneira, a perseguir os estudos. Agradeço à minha mãe Conceição Nepomuceno, por me apoiar incansavelmente em todas as fases e desafios de minha vida enquanto mulher, estudante, profissional e mãe. Agradeço ao meu companheiro José Renato Botafogo Brito por todo o apoio e amor dedicado, sem alardes, à minha vida intelectual e à minha vida doméstica, enquanto me apoiou junto aos cuidados das minhas duas crianças para que eu pudesse seguir trilhando meu caminho profissional e intelectual. Agradeço também às mestras e aos mestres que cruzei em meu caminho e que fortaleceram a minha crença em poder construir e coabitar um mundo com um devir saudável. Agradeço a Seu Antônio por ser um farol na minha vida e de muitas outras pessoas. Agradeço à Silvanete por ser antena geradora e irmanadora de bons planos e projetos. Agradeço a todos os ensinamentos oferecidos a mim por Mãe Dôra Pankararu e Dona Lica Xukuru ao longo de minha trajetória pessoal e acadêmica. E, por fim, agradeço a parceria e a inspiração oferecida pelo meu orientador Hugo Menezes Neto, que, para mim, representa um corpo de professores ditos jovens operando a instituição universidade, e manejam o devir e a força de transformação da universidade pública enquanto um lugar a ser habitado e produzido pelo afeto e pela competência, desenvolvendo projetos comprometidos com a produção do conhecimento crítico, atravessado por afetação positiva no mundo. Essa potência inaugura um novo tempo dentro da universidade pública, antes engessada por padrões conservadores e punitivos, em que estudantes podem ser enxergados como pessoas repletas de complexidades e potenciais, e que merecem ser acolhidos e encorajados para que consigam germinar projetos e estudos singulares e com relevância social.

Lo que puede el sentimiento
No lo ha podido el saber
Ni el más claro proceder
Ni el más ancho pensamiento
Todo lo cambia al momento
Cual mago condescendiente
Nos aleja dulcemente
De rencores y violencias
Solo el amor con su ciencia
Nos vuelve tan inocentes

(Mercedes Sosa; Milton Nascimento, 1976)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma investigação etnográfica sobre o Encontro de Saberes da Caatinga, realizado na Chapada do Araripe, em 2022, e visitas subsequentes, a partir de observações, entrevistas e convivência com dois interlocutores centrais: Antônio Sampaio Alencar e Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen, guardiões dos saberes tradicionais da região. A pesquisa explora as práticas de cuidado em saúde humana e comunitária, além das interações entre humanos e não humanos no bioma da Caatinga, revelando como essas práticas podem oferecer soluções para desafios contemporâneos em relação ao manejo do cuidado em saúde humana, na conservação do meio ambiente e no enfrentamento aos desafios do clima. O trabalho propõe uma reflexão crítica sobre as fronteiras entre o conhecimento científico e o saber popular, evidenciando as potencialidades dos saberes tradicionais como alternativas às narrativas dominantes sobre cuidado e saúde. A pesquisa também busca dar pistas de como essas práticas podem contribuir para a convivência da saúde multiespécie e para o enfrentamento de crises globais a partir de um contexto local. Esta dissertação dialoga com teóricos como Isabelle Stengers, Anna Tsing e Donna Haraway, destacando o papel das comunidades periféricas, como as do Sertão do Araripe, na produção de conhecimento e nas soluções que desafiam a dicotomia entre centro e periferia. Ao refletir sobre as práticas de cuidado e saúde no contexto do Encontro de Saberes da Caatinga, o estudo busca contribuir para a compreensão dos saberes tradicionais como recursos críticos e oportunos no enfrentamento de crises coletivas e compartilhadas que vivenciamos no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Caatinga; Saberes Tradicionais; Cuidado; Raizeiras; Paisagem Multiespécie; Antropologia Ambiental.

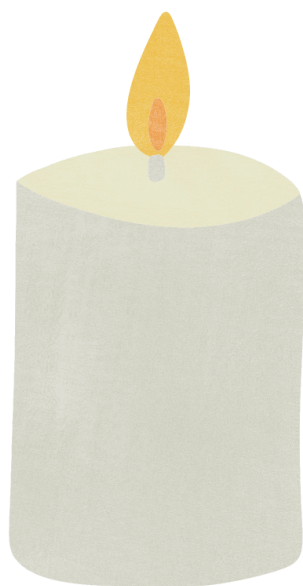
ABSTRACT

This dissertation presents an ethnographic investigation of the Encontro de Saberes da Caatinga, held in Chapada do Araripe in 2022, and subsequent visits, based on observations, interviews, and interaction with two central interlocutors: Antônio Sampaio Alencar and Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen, guardians of the region's traditional knowledge. The research explores human and community health care practices, as well as interactions between humans and non-humans in the Caatinga biome, revealing how these practices can offer solutions to contemporary challenges in relation to the management of human health care, environmental conservation, and coping with climate challenges. The work proposes a critical reflection on the boundaries between scientific knowledge and popular knowledge, highlighting the potential of traditional knowledge as alternatives to the dominant narratives on care and health. The research also seeks to provide clues as to how these practices can contribute to the coexistence of multispecies health and to confronting global crises from a local context. This dissertation engages with theorists such as Isabelle Stengers, Anna Tsing and Donna Haraway, highlighting the role of peripheral communities, such as those in the Sertão do Araripe, in the production of knowledge and solutions that challenge the dichotomy between center and periphery. By reflecting on care and health practices in the context of the Encontro de Saberes da Caatinga, the study seeks to contribute to the understanding of traditional knowledge as critical and timely resources in facing collective and shared crises that we experience in the contemporary world.

Keywords: Caatinga; Traditional Knowledge; Care; Raizeiras; Multispecies Landscape; Environmental Anthropology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Vela com fundo verde, Ilustração de Mariana Sobral para o Projeto	s.n
	GRRIPP, 2022.	
Figura 2 -	Vela com fundo branco, Ilustração de Mariana Sobral para o	s.n.
	Projeto GRRIPP, 2022.	
Figura 3 -	Planta-remédio do mato, Ilustração de Mariana Sobral para o	13
	Projeto GRRIPP, 2022.	
Figura 4 -	Mato e mão de benzer, Ilustração de Mariana Sobral para o Projeto	20
	GRRIPP, 2022.	
Figura 5 -	Cancão, Ilustração de Mariana Sobral para o Projeto GRRIPP,	61
	2022.	
Figura 6 -	Folha de Erva Cidreira, Ilustração de Mariana Sobral para o	86
	Projeto GRRIPP, 2022.	
Figura 7 -	Chá de ervas, Ilustração de Mariana Sobral para o Projeto	94
	GRRIPP, 2022.	
Figura 8 -	Fruto do Pequi, Ilustração de Mariana Sobral para o Projeto	96
	GRRIPP, 2022.	
Figura 9 -	Mulher e Chá de Ervas Medicinais na Caatinga, Ilustração de	97
	Mariana Sobral para o Projeto GRRIPP, 2022.	
Figura 10 -	Árvore de Cajuzinho da Caatinga, Ilustração de Mariana Sobral	104
	para o Projeto GRRIPP, 2022.	
Figura 11 -	Colher com lambedor de ervas, Ilustração de Mariana Sobral para	110
	o Projeto GRRIPP, 2022.	



vela acesa

As ilustrações são feitas pela amiga e comadre Mariana Sobral, com quem tive a honra e a sorte de trabalhar em quase todas as pesquisas e projetos que cito neste trabalho, e também entre os momentos de escuridão e velas acesas que atravessamos na vida pessoal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
APRESENTAÇÃO GERAL.....	16
1. NO RASTRO DA TROCA DE SABERES DA CAATINGA: COMO NASCE O ENCONTRO?.....	20
1.1 Breve história da cidade de Exu, Pernambuco.....	22
1.2 A auto atenção comunitária.....	27
1.3 Rastros que produzem uma paisagem sociocultural e coletiva da região.....	30
1.4 O Encontro caminha desde outras veredas.....	35
1.5 A caminhada de Troca de Saberes da Caatinga.....	37
1.6 A Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe que apoia e tece o Encontro de Saberes da Caatinga.....	42
1.7 O Bioma da Caatinga que ensina e tece o Encontro de Saberes da Caatinga.....	47
1.8 Dobras da Caminhada e do Encontro: a Patrimonialização da Chapada do Araripe.....	56
2. COMO ACONTECE O ENCONTRO DE SABERES DA CAATINGA: UMA ETNOGRAFIA 61	
2.1 Como a caatinga e o semiárido tornam-se protagonistas.....	62
2.2 Protagonismos Compartilhados.....	67
2.3 O método do Encontro de Saberes da Caatinga.....	80
2.4 As Rodas.....	87
3. FUNDAMENTO CONCEITUAL: COALIZÃO ENTRE PLANTAS, SERES ESPIRITUAIS E O MANEJO COM A TERRA NO ENCONTRO.....	97
3.1 Por uma ontologia própria: os ensinamentos de Silvanete.....	99
3.2 A natureza e saberes tradicionais no pensamento de Seu Antônio.....	129
3.3 O Rastro do Encontro de Saberes da Caatinga e o rastro da fricção sobre o fazer da Antropologia.....	136
3.4 Considerações Finais.....	144
REFERÊNCIAS.....	145



planta-remédio do mato; colher com lambedor e vela acesa

INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no campo da Antropologia, com foco na etnografia do evento “Encontro de Saberes da Caatinga”, buscando dar atenção às interações entre humanos e não humanos no contexto do bioma Caatinga. O ponto de partida desta pesquisa, o Encontro de Saberes da Caatinga, é um evento anual realizado na Chapada do Araripe, onde pessoas raizeiras, meizeirinhas, benzedadeiras, rezadeiras, parteiras e mestras de cultura compartilham suas práticas e saberes com a comunidade local e visitantes.

Este estudo adota uma metodologia etnográfica baseada na imersão em campo, que envolveu a participação ativa da pesquisadora no Encontro de Saberes da Caatinga, realizado em julho de 2022, além de outras visitas anteriores e subsequentes ao evento, na Chapada do Araripe. A pesquisa abarcou observações, entrevistas e convivência prolongada com dois interlocutores principais do evento e entre a região: Antônio Sampaio Alencar e Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen, protagonistas desse evento e guardiões de saberes tradicionais do território. Essas interlocuções possibilitaram uma análise das práticas de cuidado em saúde humana, cuidado relacionado à comunidade e ao território, e das formas de interação entre humanos e não humanos na Caatinga, bem como dos desafios contemporâneos enfrentados coletivamente na região.

Por meio de um olhar antropológico, busca-se, nessa dissertação, evidenciar como as soluções encontradas por comunidades locais podem oferecer alternativas para o manejo de desafios do mundo contemporâneo, como a crise na produção do cuidado em relação à saúde humana, em interlocução com as crises ambiental e climática que estão em curso. A pesquisa propõe, assim, uma reflexão crítica sobre as fronteiras entre o conhecimento científico e o saber popular, destacando a relevância e a compreensão dos sujeitos envolvidos no Encontro de Saberes da Caatinga acerca das práticas locais para a criação de formas de cuidado em saúde humana, comunitária e multiespécie.

Esta dissertação também visa contribuir para o debate teórico contemporâneo que envolve a Antropologia junto aos Estudos Ambientais, os Estudos sobre o Antropoceno e a Ecologia das Práticas, dialogando com autores como Isabelle Stengers (2002; 2003; 2013; 2015; 2017; 2018), Anna Tsing (2019), Donna Haraway (2022; 2023) e outras. O trabalho lança luz sobre as formas como as inteligências coletivas das ditas periferias do mundo, como

as que existem e se constituem a partir do território e das comunidades do Sertão do Araripe e do bioma da Caatinga, desafiam a dicotomia entre centro e periferia na produção de conhecimento e soluções para crises que assolam a humanidade. A compreensão das potencialidades dos saberes populares e tradicionais voltados para o cuidado da saúde humana e multiespécie como alternativas críticas às narrativas dominantes de cuidado em saúde humana e conservação ambiental parece urgente de ser evidenciada no mundo contemporâneo, que busca soluções de enfrentamento a problemas cada vez mais compartilhados em diversas regiões do país e também do globo terrestre.

Assim, o percurso traçado nesta pesquisa busca não apenas documentar o Encontro de Saberes da Caatinga, mas também dar pistas para a reflexão sobre as contribuições das práticas encontradas e vivenciadas pelo grupo que faz o evento na região, a fim de contribuir para a compreensão das potencialidades dos saberes populares e tradicionais como alternativas críticas às narrativas dominantes sobre cuidado em saúde humana e ambiental no mundo contemporâneo.

APRESENTAÇÃO GERAL

O conhecimento popular, ora narrado como ancestral, ora também compreendido por alguns como tradicional, o qual emerge de territórios coletivos e populares que compõem o bioma da Caatinga, é tão vasto quanto a própria diversidade de animais, vegetais e seres que são abrigados pelo território e bioma. Em meio aos desafios impostos historicamente pela escassez de investimentos públicos para o enfrentamento das temporadas de seca com restrição hídrica e aridez vivenciadas socioambientalmente por seus habitantes, que fez a fama de grande parte da região enquanto uma região de escassez, uma teia de saberes e práticas operadas por humanos e outros seres se entrelaça, costurando uma interessante tapeçaria, malha ou mosaico de experiências humanas e não humanas que promovem a saúde e a vida no território. É nesse contexto que se insere essa etnografia, um trabalho que visou elaborar a partir de imersão dentro de um território específico da Caatinga, mais precisamente em um evento que promove anualmente o encontro de humanos que manejam o diálogo com seres não-humanos, como plantas e seres espirituais, para resolver suas vidas, acessar suas memórias vivas patrimoniais e pensar questões de saúde comunitária: pessoas raizeiras, meizeirinhas, benzedoras, rezadeiras e parteiras da Chapada do Araripe, hoje nomeados pelo próprio evento como curandeiros e mestres de cultura da Chapada do Araripe, ou protagonistas. Nesse contexto de pesquisa, os laços entre os habitantes da Caatinga e o Encontro de Saberes da Caatinga promovido por eles é o centro da atenção.

O trabalho emerge enquanto uma etnografia realizada a partir do Encontro de Saberes da Caatinga realizado no ano de 2022, além dos acúmulos pessoais que construí enquanto participante em outros anos nesse espaço de reunião, que ficou conhecido por promover o conhecimento da ordem do sagrado e o conhecimento dito popular produzido na região da Chapada do Araripe e em seu entorno, onde os véus entre os mundos humano e não humano se confundem e se atravessam. Nessa jornada de imersão, pude observar intencionalmente não apenas os modos de vida, os modos de fazer encontros, os modos de fazer ciência, os modos de fazer sabedorias, os modos de fazer saúde e os modos de fazer cuidado comunitário experienciados e produzidos por seus habitantes e realizadores do evento, mas também observar um pouco das respostas que a Caatinga têm oferecido aos desafios prementes de nosso tempo: a crise socioambiental e climática que assola nossos territórios, país e planeta. Pensando conjuntamente como as soluções encontradas e manejadas por inteligências coletivas das margens e das periferias do mundo podem transformar e ajudar a achar

caminhos de resolução de problemas também para outros lugares, evocando um exercício antropológico proposto desde os anos 1980, a partir dos estudos acerca da globalização, e as reflexões produzidas pelo campo de encontro e em intersecção com a Antropologia Ambiental, a Filosofia Ambiental, os Estudos Ambientais, o Antropoceno, e a Ecologia das Práticas. Isabelle Stengers (2002; 2003; 2013; 2015; 2017; 2018), Anna Tsing (2019), Marilyn Strathern (2018); Donna Haraway (2022; 2023); Bruno Latour (1994; 2012) e outros têm produzido reflexões importantes e oportunas para a prática da Antropologia contemporânea que busco exercitar.

No Capítulo 1, “No Rastro da Troca de Saberes da Caatinga: Como nasce o Encontro?”, busco observar e escrever sobre como nasce o Encontro, e quais são seus fios condutores. Dentre os desafios e as possibilidades de etnografar o Encontro de Saberes da Caatinga, como capturar em palavras, e em algumas imagens, a riqueza das interações entre humanos e não humanos que permeiam esse ecossistema e território particular? Como dar voz aos saberes e práticas populares, tradicionais ou ancestrais, que correm como rios subterrâneos, se vistos pela ótica do centro do mundo, por entre as rochas e o chão da Caatinga por tanto tempo e chegam aos dias de hoje como ferramentas, estratégias e soluções para o enfrentamento dos desafios da vida cotidiana e, sobretudo, das questões de sociabilidade, auto-atenção e saúde comunitária vivenciadas na região, e também fora dela? São essas e outras as questões que conduzem o caminho de reflexão e descoberta dessa escrita, adentrando alguns fios de significado que promoveram e envolvem o Encontro.

Realizei pesquisa de campo e gravações de entrevistas enquanto estive instalada na Chapada do Araripe, no Posto da Serra-Exu-Pernambuco, local onde acontecem os Encontros, durante as duas semanas, sete dias de oficinas autogestionadas prévias e três dias de rodas de trocas de saberes entre mestras e mestres de cultura, que conformaram a realização do VI Encontro de Saberes da Caatinga, em Julho de 2022. E estive imersa no território também em quatro outras ocasiões, que somaram dez semanas na Chapada do Araripe neste mesmo ano de 2022. Essas últimas fora do momento do Encontro de Saberes. No entanto, tenho uma relação anterior com o território, as pessoas que nele habitam, e com o próprio Encontro de Saberes da Caatinga, há pelo menos quatro anos, desde 2020. Em todas as ocasiões, acompanhei especialmente dois sujeitos interlocutores que darão voz e corpo a essa pesquisa: Seu Antônio Alencar Sampaio e, também, Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen, ambos protagonistas deste Encontro de Saberes e desta pesquisa.

No Capítulo 2, “Como Acontece o Encontro de Saberes da Caatinga: Uma Etnografia”, busco mergulhar nas dinâmicas que dão vida ao Encontro de Saberes da

Caatinga, explorando as interações que se estabelecem entre humanos e não humanos. O capítulo examina como é feito o Encontro, e como a Caatinga e o Semiárido tornam-se protagonistas dele, não apenas como cenários, mas como agentes fundamentais na construção e na preservação dos saberes que emergem nesse evento e território.

A etnografia realizada observa as relações entre plantas, alimentos, espiritualidades e pessoas, que juntos tecem a narrativa de um evento comprometido em salvaguardar práticas e conhecimentos ancestrais de cuidado e convivência com o ambiente. O Encontro se revela como um espaço em que os protagonistas humanos compartilham saberes populares e enfrentam os desafios comunitários, enquanto o território da Caatinga e da Chapada do Araripe assumem um papel central nas discussões e trocas. Dessa forma, o evento se configura como um diálogo multiespécie, no qual seres humanos e o bioma interagem para manter viva a relação de equilíbrio e proteção da terra e de suas vidas.

Este capítulo oferece uma análise sobre como o território molda e é moldado por seus habitantes, destacando a complexidade ontológica que permeia esse ambiente e os agenciamentos que permitem sua preservação e continuidade ao longo do tempo.

No Capítulo 3, “Fundamento Conceitual: Coalizão entre Plantas, Seres Espirituais e o Manejo da Terra no Encontro”, busco evidenciar alguns fundamentos conceituais que emergem do Encontro a partir das vozes de dois de seus principais interlocutores: Silvanete e Seu Antônio. Ambos são representantes da visão que alicerça a prática e a condução do evento, articulando saberes tradicionais e espirituais que enraízam o cuidado com a saúde e o bem-estar, no manejo direto com a terra e as plantas. Para eles, o Encontro não é apenas uma reunião de pessoas, mas sim um espaço em que a interação com os seres espirituais e a natureza é central, criando uma coalizão simbiótica entre os humanos, os espíritos e o mundo vegetal e mineral.

Silvanete, uma rezadeira e guardiã dos conhecimentos tradicionais, e Seu Antônio, um raizeiro, guardião e mestre de cultura local, visionário fundador do evento, tratam a relação entre plantas e seres espirituais como um pilar fundamental para a compreensão da cura e da regeneração no contexto do Encontro. Ambos apontam para uma rede viva, composta por forças da natureza, que, em conjunto com os participantes, produzem uma troca de saberes e energias vitais, essencial para o equilíbrio e a saúde do corpo, do espírito e da comunidade.

O papel das plantas no contexto de cura, o manejo espiritual da terra e a função dos seres invisíveis que integram a cosmologia dos saberes praticados no evento, provenientes de práticas populares e ancestrais, são continuamente ressignificados pela interação vivenciada

no evento e no território, especialmente a partir do envolvimento dos participantes do Encontro, que integram e expandem essas práticas em suas comunidades de origem.

No último subitem deste capítulo, é realizada uma discussão antropológica, articulando essas práticas e saberes com teorias sobre a relação entre humanos, natureza e espiritualidade. A partir de uma perspectiva etnográfica, há uma reflexão sobre a maneira como o Encontro se estabelece como um espaço híbrido, no qual a coalizão entre plantas, seres espirituais e o manejo com a terra funciona não apenas como prática local, mas como um movimento de resistência, salvaguarda e transformação dentro de um mundo contemporâneo em constante mudança e crises, produzindo ressonância entre a teoria antropológica sobre as relações entre humanos e natureza. Das técnicas de conservação e revitalização das sabedorias e práticas de cuidado humano e cuidado com a terra e o ambiente - conservação da biodiversidade vegetal -, às estratégias de adaptação às crises de saúde humana em períodos de escassez, surge uma forma de pensar e agir localizada diante dos desafios coletivos e comunitários, iluminados pelos devir do “fazer memória”, “fazer política” e “fazer outras relações com a natureza”.



Fotografia de Marília Nepomuceno, mapa bordado e pintado por Marília, para ajudar na visualização da Chapada do Araripe, chapada que está posta entre os estados de Pernambuco, Ceará e Piauí, 2024.

1. NO RASTRO DA TROCA DE SABERES DA CAATINGA: COMO NASCE O ENCONTRO?



mato e mão de benzer

Neste primeiro capítulo, descrevo o que é o evento do Encontro de Saberes da Caatinga, seu nascimento e alguns caminhos que estruturam sua dinâmica. Busco apresentar como ele surgiu e como tem sido realizado ao longo dos anos, retratando o evento de maneira expandida e retrocedendo um pouco na história da região e de algumas pessoas. Localizo sua região, município, cidade e comunidade que o abrange, e busco narrar a história e a noção atrelada ao Encontro de Saberes partindo especialmente de conversas com um interlocutor muito valioso para a pesquisa, o Sr. Antônio Alencar Sampaio¹, chamado pela comunidade e por mim de “Seu Antônio”, que é um dos fundadores-idealizadores do Encontro; além da interlocução e vivências junto à outra valorosa interlocutora: Maria Silvanete².

No entanto, para falar do nascimento e história do Encontro de Saberes da Caatinga, Seu Antônio alerta que só é possível falando antes, minimamente, da Caminhada de Troca de Saberes, uma caminhada que acontece há mais de 20 anos, durante algumas semanas dos meses de janeiro ou julho, anualmente, em que ele também é fundador-idealizador. E que, por sua vez, foi onde germinou a ideia e o surgimento do Encontro de Saberes da Caatinga como conhecemos nos dias de hoje.

Para a descrição do Encontro farei um retorno necessário à Caminhada de Troca de Saberes, como nos conduz Seu Antonio em nossas conversas, e buscarei não apenas descrever o que pôde impulsionar o surgimento e a manutenção do evento nomeado Encontro de Saberes da Caatinga, mas compreender um pouco algumas de suas raízes, conexões e

¹ Antonio Alencar Sampaio é um homem sertanejo nascido em Granito, município próximo a Exu, em 13 de Junho de 1955, filho de duas das mais importantes famílias com ascendência branca da região. No entanto, como em diversos outros lugares do Nordeste brasileiro, essas famílias lidas como “famílias de pessoas brancas” são marcadas pela hibridação com os povos indígenas que precederam a ocupação do território antes dessas famílias. Em Exu é assim, a cidade que antes foi povoação carrega consigo a hibridação entre indígenas e posseiros. Seu Antônio, por sua vez, é um filho dessa história, que chega ao mundo em um tempo em que a família Sampaio e a família Alencar, ambas abastadas e manejadoras do capital financeiro e político da região, por meio do domínio do cultivo de gado, algodão, cana-de-açúcar e ocupantes também dos postos e papéis políticos em diversas esferas da administração municipal, estadual e federal. Seu Antônio nasce em mais um momento histórico conturbado e violento que marca a região, década de 1950. No entanto, as duas famílias já se antagonizam desde o século XIX. A parentela enorme das duas famílias fazem alianças familiares e geram parcerias, inclusive filhos, ao passo que ainda viviam à época de seu nascimento episódios violentos de assassinatos, dentre uma história marcada por tantas disputas e matanças entre si naquele território. Hoje, Seu Antônio é um homem idoso que carrega em sua cabeça muitos cabelos brancos, além de um enorme arsenal de grandes histórias e pensamentos pedagogicamente interessantes. Por isso, para apresentar Antonio Alencar Sampaio, é preciso também apresentar minimamente a história da cidade de Exu.

² Maria Silvanete Lermen, como se apresenta para o mundo, é uma agricultora familiar, agroflorestora do Semiárido, benzedeira e orientadora em saúde comunitária no seu território, a Serra dos Paus Dóias, comunidade próxima ao Posto da Serra, onde acontece o *Encontro*. Atualmente é membro da RAMA, Rede Nacional de Apoio às Mulheres Agroflorestoras e da AGRODÓIA, Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias, em Exu, Sertão do Araripe, Pernambuco, da qual foi presidente entre 2015 e 2019. A sede da associação fica abrigada dentro de seu terreno familiar de residência. No local residem Silvanete, seu marido Vilmar Lermen, agricultor agroflorestor também largamente conhecido na região e dentro do movimento agroecológico nacional, com os filhos e agora um neto.

precedentes comunitários, que dialogam com a terra e com os seres dessa paisagem multiespécie³ da caatinga brasileira, pois os encontros que se desdobraram através do tempo são emaranhados de histórias e interações entre as pessoas e o território.

Para compreender o significado do evento, me contou Seu Antônio, é preciso retroceder, seguir o rastro anterior, adentrar nas veredas da troca de conhecimentos e histórias que foram tecidas também noutros recantos do estado de Pernambuco, como, por exemplo, chegando até o bairro de Santo Amaro e a Ilha do Maruim, em Recife, lugares onde Seu Antônio morou e trabalhou na década de 1980.

Dessa maneira, levando em consideração a necessidade de retorno a outras veredas e histórias que antecedem e germinam o Encontro naquele território do Sertão do Araripe pernambucano, é preciso contextualizar a história da sua cidade e município de residência, a cidade do Exu no Sertão, que marca sua biografia, e é também a casa das relações colaborativas interespecíficas⁴ que faz surgir e abriga o Encontro de Saberes da Caatinga.

1.1 Breve história da cidade de Exu, Pernambuco

Segundo a história oficial, que consta no site da prefeitura (Exu, 2023) da cidade de Exu, no início do século XVIII, em seus primeiros anos, a povoação de Exu foi assim nomeada a partir do contato entre o povo indígena Ançu e a Fazenda da Torre, nas imediações do Rio São Francisco. Conta-se que, a partir de uma relação amistosa entre os indígenas e os vaqueiros dos fazendeiros baianos da Fazenda da Torre, as notícias de que aquelas terras que os vaqueiros frequentavam eram cheias de fontes de águas abundantes e possuía terrenos férteis e de muito boa qualidade para o cultivo e criação animal e vegetal se espalharam, impulsionando os fazendeiros baianos a transferirem-se para lá.

Conforme informações locais, a ocupação do território ocorreu pelos portugueses fazendeiros, tendo à frente Joaquim Pereira de Alencar, avô do famoso Barão do Exu. Com o início dessa ocupação dos Alencar na região, os jesuítas também chegaram até a povoação e deixaram sua marca construindo uma capelinha dedicada ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos, que tornou-se o padroeiro da cidade.

³ Paisagens multiespécies: termo difundido por Anna Tsing (2019) em “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno”, usado para denotar ambientes de colaborações interespecíficas entre humanos, animais e plantas, que ganhou notoriedade entre seu trabalho e pesquisa junto aos humanos e florestas de fungos, nas paisagens matsutake das montanhas do Noroeste Pacífico dos Estados Unidos.

⁴ “Relações ecológicas interespecíficas” é um termo e conceito usado na área dos estudos de Biologia para denotar as relações que ocorrem entre indivíduos de espécies diferentes (SILVA, 2023). Na Antropologia contemporânea essa expressão e conceito tem sido cada vez mais acessada para pontuar territórios e regiões que se estruturam a partir das relações interespecíficas entre humanos, animais e plantas.

A origem do nome dessa cidade possui duas narrativas mais populares. Há uma, mais difundida, atribuída ao povo indígena Ançu, que habitava a Chapada do Araripe e arredores, região nacionalmente conhecida como Sertão do Araripe e Sertão do Cariri brasileiro (nome derivado também em referência ao grupo indígena Kariri)⁵, que abrange os estados do Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia⁶. Outra narrativa ou hipótese narrada entre as conversas dos habitantes da região relaciona-se às abelhas de ferrão conhecidas como "Inxu". As abelhas Inxu ferroavam forte as pessoas naquele território e, segundo esta hipótese, a povoação recebia o nome de "Exu" por conta dessas abelhas. Seja a partir do povo indígena que habitava o ecótono das nossas atuais florestas de caatinga e cerrado entre os estados de Pernambuco, Piauí e Ceará, que compõem o Sertão do Araripe e uma porção do Cariri, ou através das abelhas de ferrão, independente da hipótese mais aceita e difundida, ao que parece, foi a partir da relação do humano com o que chamamos de natureza que o nome do território se deu: Exu. Do século XVIII, período de ocupação intensiva da região por pessoas vindas de outros lugares, até os dias de hoje, a região do Exu, como é chamada por seus habitantes, assim como boa parte do Brasil, figura enquanto uma paisagem de colaboração interespecífica entre pessoas de diversas culturas e advindas de lugares também diversos, junto à fauna e à flora do território, tornando-se uma paisagem em constante transformação entre humanos, animais, plantas e minerais. Com um adendo especial nesse território para os seres espirituais, muitas vezes chamados de seres sagrados, encantados ou espíritos, não humanos, que também povoam as memórias, narrativas e biografias dentro do território.

Ao longo dos anos, em meados do século XIX, Exu experimentou transformações administrativas, tornando-se um povoado elevado à categoria de vila no ano de 1846. E em 1885, tornou-se município autônomo, iniciando uma trajetória que, por vezes, incluiu supressões e restaurações. Assim sendo, entre o século XIX e XX, Exu torna-se um território marcado por lutas, movimentações políticas e revolução com relevância para a história nacional, a partir de figuras como, por exemplo, o Barão de Exu - Guálter Martiniano de Alencar Araripe e Bárbara de Alencar, uma das poucas mulheres a terem sua biografia ligada à Revolução de 1817 e à Independência do Brasil. A figura de Bárbara de Alencar⁷, bastante

⁵ Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju que situa as ocupações de terras indígenas e seus trânsitos do século XVI ao XX, que facilita a visualização no mapa sobre onde estavam o povo Kariri. Disponível em: [Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju \(eita.coop.br\)](http://eita.coop.br). Acesso em 15/01/2024.

⁶ Informação com imagem do Atlas Geográfico Escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: [sertao-cariri.jpg \(1197×906\) \(bahia.ws\)](http://sertao-cariri.jpg). Acesso em 20/01/2024.

⁷ Nascida em 11 de fevereiro de 1760 na cidade de Bom Jesus dos Aflitos de Exu, Bárbara de Alencar, uma pernambucana de ascendência branca e indígena, desempenhou um papel fundamental como matriarca na influente família Alencar. Sua história tem raízes a partir da ocupação de Exu pelos portugueses e entre os povos

citada e rememorada no Exu dos dias de hoje, ficou conhecida nacionalmente como “a mulher da revolução”, ou a “a mulher presa pela revolução”. Bárbara foi a mulher que financiou a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador, segundo nos contam os registros da história nacional, sendo uma das primeiras mulheres presas políticas do Brasil. Uma das principais personagens históricas femininas em processos de libertação colonial, sendo a única figura feminina entre Pernambuco e Ceará a lutar e conquistar, por oito dias, a independência do colonialismo português. Além disso, Bárbara era também a mãe de José Martiniano, um dos líderes da Revolução em 1817. Hoje, Bárbara de Alencar dá nome à escola pública estadual da cidade do Exu e é rememorada em conversas e histórias do povo exuense.

Em um território de transformações políticas e sociais como Exu, algumas famílias dominantes da região herdaram terras e poderio colonial, disputando por muitas décadas, e atravessando séculos, o território do Exu, que vivenciou longos períodos de matança e vinganças entre essas famílias. Duas das mais importantes famílias são justamente as por parte de mãe e de pai de nosso interlocutor, Seu Antônio. De onde pude perceber e ouvir, por meio dos relatos das pessoas moradoras do Exu, em todas as minhas imersões e passagens pela região, Seu Antônio e sua geração, mas em especial ele, figuram como um ponto fora da curva, ou uma nova brecha da história, diante dos enredos e histórias do território. Através também dos relatos do próprio Antônio, que mora em uma casa simples, em cima da Chapada do Araripe, no povoado do Posto da Serra, pude compreender que Antônio Sampaio Alencar é fruto do amor entre duas famílias que passaram muitas décadas e gerações experienciando matanças entre si. Seu Antônio, seus irmãos, irmãs e gerações descendentes, ao que parece, interrompem uma longa história secular e pública de horrores e sangue na região.

As marcas e o conhecimento público de que Exu é uma terra de matança e vinganças é notória na historiografia do estado de Pernambuco e alastra-se para fora da cidade, pois, além da memória e história oral completamente viva e narrada por quase todos na região acerca desses fatos, há também alguns materiais históricos e acadêmicos que ambientam um pouco o que se passou nas terras de Exu ao longo dos últimos séculos, como é o caso do artigo “Da lei do morrer ou matar: a tradição da vingança no Sertão - os Alencar contra os

indígenas que habitavam o Sertão pernambucano, uma vez que sua mãe, Theodora Rodrigues da Conceição, era de origem indígena, e seu pai, José Pereira Alencar, foi fundador da cidade de Exu. Bárbara de Alencar era administradora do comércio de cachaça e cana de açúcar de seu pai, e ficou conhecida como uma mulher diferente de seu tempo por escolher com quem queria casar, além de posteriormente gerir os negócios da família, cuidar dos filhos e do pai doente e se envolver com a política ativamente. Em 1810, antes da revolução de 1817, Bárbara recebe o título de heroína já por sua atuação anti-monarquia (Parente, 2014).

Sampaio (1949-1981) 1”, de Abraão Rodolfo Santana de Souza (2022), que se debruça sobre o conflito entre os Alencar e os Sampaio que abalou a cidade de Exu no século XX, chegando a motivar um pedido de intervenção federal por parte do cantor Luiz Gonzaga ao presidente da República em exercício, o presidente Aureliano Chaves, no início dos anos 1980 (LIMA, 2020). Essa disputa é narrada no trabalho de Santana de Souza como inserida em uma longa tradição de guerras entre famílias no Nordeste brasileiro. Duas famílias se digladiando pelo poder local, envolvendo um grande número dos seus membros.

Durante os percursos da história colonial e contemporânea, o município de Exu passou por diversas nomenclaturas, de Novo Exu a Exu, e sua estrutura administrativa foi moldada por distritos como Novo Exu, Tabocas, Timorante, Viração e Zé Gomes, cada qual com sua história peculiar. Essas mudanças e transformações na cidade ecoam no tempo, conectando-se às veredas da troca de saberes e enlaçando-se com a jornada etnográfica do Encontro de Saberes da Caatinga.

Além das brigas sangrentas por poder testemunhadas naquele território, a região também atravessou outros episódios marcantes em sua história: a peste bubônica assolou a região no ano de 1935 (Fernandes, 1996). Esse evento crítico deixou muitos mortos, afetando significativamente os costumes e o cotidiano de seu povo, deixando marcas na cultura local (Santos, 2021) que podem ser observadas até os dias de hoje, e arrisco dizer que produz também o advento do Encontro de Saberes da Caatinga, que acolhe, recebe e legitima a prática de inúmeras benzedeadas e raizeiras da região em dias atuais, posicionando-se enquanto pessoas cuidadoras e curandeiras diante do cenário de enfrentamento ao sofrimento, adoecimento e males vividos por seu povo.

Quando converso com alguém que não conhece a cidade de Exu, costumo dizer que é uma cidade com um contingente significativo de pessoas trabalhando voluntariamente em busca e pela promoção do cuidado e cura entre humanos e não humanos, dentre as cidades que conheço em Pernambuco, em relação ao número de habitantes que a própria cidade tem: cerca de 31.843 pessoas (IBGE, 2022). Na ocasião do próprio encontro, por exemplo, no I Encontro de Saberes da Caatinga, do ano de 2017, havia, segundo o levantamento da equipe organizadora do evento⁸, 85 protagonistas raizeiros, 73 benzedeiros e rezadores, 27 parteiras e 394 pessoas inscritas no evento; no II Encontro, de 2018, havia 79 raizeiros, 67 benzedeiros e rezadores, 15 parteiras e 539 pessoas inscritas no evento; em 2019, no III Encontro, havia 58 raizeiros, 51 benzedeiros e rezadores, 12 parteiras e 449 pessoas inscritas no evento; no IV

⁸ Dados fornecidos por meio do levantamento interno feito por Ilaide Carvalho, organizadora do evento.

Encontro, em 2020, havia 51 raizeiros, 49 benzedeiros e rezadores, 15 parteiras e 539 pessoas inscritas no evento; no V Encontro, que foi realizado de maneira online em 2020, foram 418 pessoas participando, online e simultaneamente, das lives do evento; e, em 2022, no VI Encontro, foram 87 raizeiros, 79 benzedeiros e rezadores, 10 parteiras e 587 pessoas inscritas no evento.

É interessante observar a quantidade de pessoas que detém expertises de benzimento, reza e preparo de remédios com plantas, ervas e alimentos curativos naquela região, para além das que se dispõem a construir as rodas de troca de saberes do Encontro de Saberes da Caatinga. Pois, além dessas pessoas que se dispõem a participar do Encontro, há muitas outras possíveis de serem encontradas a cada vez que se transita pela comunidade. Quando, por algum motivo, em nossas conversas despretensiosas na região, surge o assunto sobre “mal estar”, “doença”, “benzo”, “reza” ou “remédios do mato”, não faltam interlocutores para apontar que ela ou ele mesmo, ou sua avó, seu avô, sua tia, mãe, irmã ou vizinha tem um bom remédio para tal acometimento de saúde física ou emocional. São muitos os métodos, as técnicas, e as vertentes de crenças sagradas ou religiosas que povoam o território. E uma das grandes intersecções que liga a todos ou quase todos no território é, sem dúvida, o contato com a narrativa do benzo, da reza, da cura, do cuidado, da busca pela saúde e pela cura de algum mal, seja para referendar ou também desacreditar dessas práticas e técnicas, reafirmando ou negando a narrativa que está posta entre parte dos habitantes de Exu sobre o poder de curar que há entre as pessoas e seres daquele local. Muito do que os conecta passa pelas práticas de cuidado, operadas pelas pessoas benzedoras ou raizeiras da região.

Essa sabedoria comunitária direcionada para o cuidado e nomeada mais comumente enquanto “benzimento” é acionada para diversas situações, desde o cuidado com doenças “antigas”, conhecidas há muito tempo pela comunidade, como a herpes zóster - comumente chamada na região como a doença do “cobreiro”, já que é uma infecção que “anda” pela pele do corpo humano; assim como é acionada para o tratamento de quadros do que a saúde e a ciência hegemônica chamam de depressão, desânimo, ansiedade, e que podem ser nomeadas, também na região, muitas vezes por “espinhela caída” ou “mau olhado”. Apontar ou observar que o outro está com espinhela caída é uma maneira de denotar, apontar e observar que a coluna de alguém está posicionada de maneira “caída”, sinal de que aquela pessoa não está bem física, emocional e energeticamente. A falta de postura na espinhela, que denota falta de ânimo ou disposição para viver, por parte das pessoas, é o que nomeia a doença tratada na região com rezas, benzimentos com plantas e mãos postas sobre os corpos das pessoas adoecidas. Observar os efeitos do mau-olhado nas pessoas pode acontecer através de diversos

sintomas, inclusive pela região que entorna os olhos estar funda ou escurecida. Muita gente aponta “você está com pocinhos debaixo dos olhos”, ou se está com olhar sem brilho, é um dos sinais de que está com “mau-olhado”. Essa pessoa que está com mau-olhado costuma estar bagunçada ou indisposta emocional ou fisicamente, muito preocupada, com regime de descanso alterado, angústias ou falta de ânimo para viver. Além da cura para mau-olhados e espinhelas caídas, o benzimento na região é acionado também para apagar incêndios, cuidar de animais, cuidar das casas, cuidar das famílias etc. Logo, há quem seja especialista em áreas específicas de benzo. Raras são as pessoas que detêm, nos dias de hoje, o conhecimento específico para o benzo do cobreiro (herpes zóster), já outras são detentoras da sabedoria do benzo para o apagamento de fogo (apagar fogo de incêndio em casas ou matas), outras são especialistas em cuidar de engasgos (vividos por crianças, idosos ou adultos), outras em benzer lares e famílias (para restaurar a harmonia entre as pessoas e as relações entre elas em seus lares), e assim por diante.

Nesse cenário, um detalhe importante é que há pessoas benzedoras do sexo masculino e do sexo feminino. Elas, em sua grande maioria, estão com idade avançada, e algumas demandam uma narrativa de sucessão geracional viva e em voga. Há muitas pessoas benzedoras que são extremamente católicas, e há muitas pessoas com crenças afro-indígenas capitaneando suas práticas. Muitas, sobretudo as que frequentam o Encontro de Saberes da Caatinga, pautam em suas conversas a necessidade de repasse de suas práticas, técnicas e entendimentos de mundo acerca do cuidado e da cura a partir de seus benzimentos, rezas e preparos de remédios e alimentos para outras pessoas e novas gerações.

1.2 A auto atenção comunitária

As memórias acerca de doenças, dores e vidas atravessadas por situações desafiadoras e emergências, seja por conta das mortes e vinganças motivadas por disputas de poder ou através da epidemia de peste bubônica vivenciada naquela região, podem ter colaborado para produzir um fenômeno comunitário de desenvolvimento de técnicas de autoatenção (Menendez, 2003) comunitária que, nos dias de hoje, compõem os fios que constituem o Encontro de Saberes da Caatinga.

O conceito de "autoatenção", como parte de uma análise sobre os modelos de atenção aos padecimentos, foi cunhado por Eduardo Menéndez (2003), antropólogo e especialista em saúde coletiva. Menéndez propõe uma abordagem que valoriza as práticas de saúde e cuidado

desenvolvidas e mantidas pelas próprias comunidades, muitas vezes à margem dos sistemas de saúde oficiais. Ele faz uma crítica aos modelos convencionais de atenção à saúde que tendem a ser centralizados, tecnocráticos e descontextualizados das realidades cotidianas das populações, modelos que, segundo o antropólogo, frequentemente ignoram ou marginalizam os saberes e práticas locais de saúde, que são fundamentais para a compreensão e o manejo dos padecimentos nas comunidades e territórios populares e coletivos. Assim, o conceito de autoatenção pode ser lido como algo que surge como uma resposta a essa exclusão, destacando a importância das práticas autônomas e endógenas de cuidado à saúde das comunidades e territórios não assistidos pela noção hegemônica em saúde, compreendida como centralizadora e descontextualizada das práticas dos territórios coletivos e comunitários em sua análise.

Dessa maneira, a noção de autoatenção refere-se às práticas de saúde e cuidado realizadas de forma autônoma pelas próprias pessoas ou grupos comunitários, propondo uma perspectiva que valoriza o protagonismo das comunidades na gestão de sua própria saúde, sem depender exclusivamente de intervenções externas. Essas práticas são baseadas em conhecimentos locais, muitas vezes transmitidos oralmente através de gerações.

No contexto do Encontro de Saberes da Caatinga, o conceito de autoatenção é relevante, pois o evento promove, por autônoma decisão de quem o constrói, a troca de conhecimentos e práticas de cuidado entre diferentes grupos comunitários que detêm técnicas específicas, e que são diversas vezes manejadas para a aplicação do cuidado, como raizeiros, parteiras e rezadeiras, acerca de plantas, animais e seres espirituais, que vieram sendo transmitidos oralmente de geração em geração na região da Chapada do Araripe e entorno, evidenciando a diversidade e a eficácia das práticas autônomas de cuidado e saúde em territórios comunitários.

A autoatenção praticada comunitariamente no território que constitui o Encontro de Saberes da Caatinga inclui o uso de plantas medicinais, o diálogo e a relação com animais, as práticas espirituais em diálogo com seres não visíveis e seres visíveis (seres minerais, já que a formação rochosa da região permitiu que a relação entre humanos e o relevo da região ganhasse historicamente contornos e significados específicos; vegetais, já que as plantas, raízes, caules, flores e frutos foram cultural e historicamente compreendidos como medicinais e bastante relacionados pelos humanos da região para cuidar e curar doenças; e animais, já que a fauna da região se relaciona intimamente com os humanos viventes na região, fazendo com que alguns animais tenham ganhado conotações e status de signos representativos importantes para o entendimento do humano e do ambiente no território), dentre outras

formas de cuidado, que são adaptadas ao contexto específico das comunidades.

A autoatenção, nesse contexto, não apenas valoriza os saberes tradicionais, mas também fortalece a capacidade das comunidades de gerir sua própria saúde de maneira integrada. A articulação dessas práticas com as discussões e ações promovidas pelo Encontro de Saberes da Caatinga anima e ajuda a fortalecer ou reelaborar um modelo de atenção comunitária que se pretende inclusivo, participativo e culturalmente sensível, alinhado com as propostas de Menéndez para uma saúde coletiva mais justa e eficaz.

Nesse horizonte, a autoatenção também é vista como uma forma de resistência e afirmação da autonomia das comunidades sobre seus corpos e suas práticas de cuidado à saúde. Em contextos de marginalização e exclusão do acesso a direitos civis básicos, como o caso do acesso à saúde institucional oferecida pelo estado, essas práticas tornam-se uma forma de reapropriação e de valorização da cultura e dos conhecimentos locais para a produção de bem-estar e cuidado. Nesse movimento, as comunidades se fortalecem e se empoderam para gerir seus desafios, e, por conseguinte, sua própria saúde, de maneira mais autônoma e eficaz.

Os cuidados por meio da observação sobre o corpo do outro, pela emissão de palavras faladas ou cantadas proferidas com intenções de cuidado e cura de uma pessoa para outra, ou mesmo de uma pessoa para outro ser, objeto ou local - encaradas e nomeadas como rezas e bênçãos, assim como também os cuidados por meio do manejo de plantas em forma de remédios e alimentos - que são basicamente as ferramentas físicas e matérias primas usadas pelas pessoas benzedeiras, raizeiras e curandeiras em Exu, que se orientam das práticas populares e tradicionais de cuidado e cura no território, podem figurar como um método eficaz de cuidado em saúde humana produzido pela auto-atenção comunitária daquele agrupamento humano.

Dessa maneira, o Encontro de Saberes da Caatinga e as pessoas protagonistas dele nos põem a pensar como a noção de autoatenção pode ser valiosa para uma observação do território da Chapada do Araripe e entorno, já que as pessoas viventes no território do Exu produziram uma atenção coletiva e técnicas específicas de cuidado do corpo e do ambiente em prol do cuidado e da saúde comunitária, em relação aos episódios vividos anteriormente entre suas famílias e sua história coletiva, e produziram, dentro desses processos, algumas práticas de (re)construção da(s) identidade(s) das pessoas habitantes da região, que hoje são também os protagonistas do Encontro de Saberes da Caatinga.

Em uma dimensão não só de práticas de cuidado e cura relacionadas à saúde humana e à profilaxia de doenças, mas em um sentido político e comunitário dentro do território e

entre o povo, em processo de auto-observação, o que pode ser visto ali é uma experiência de auto-atenção patrimonial voltada para si enquanto grupo ou agrupamento humano, capaz de ser manejada entre as relações humanas das pessoas locais e externas e também em relação a uma legitimação política do movimento coletivo realizado entre as pessoas que se prontificam voluntariamente para a realização do evento, visto que o Encontro legitima para toda a comunidade e também para fora dela, interestadualmente, a importância de tais práticas e técnicas que as pessoas benzedeiras e raizeiras, por exemplo, detêm.

Os grupos de pessoas que estruturam a existência das rodas de troca de saberes do Encontro são em sua maioria anciões, que sempre existiram em suas comunidades, naquele território, vivendo suas práticas passadas de geração a geração, e foram construindo seus saberes e fazeres nos espaços da vida cotidiana comunitária, sem necessariamente terem, até então, construído um espaço coletivo e aberto à partilha e à observação por parte de um público oriundo de outros lugares, comunidades, cidades, estados e países, como é o caso do Encontro de Saberes da Caatinga. Por esse e outros motivos é que se faz interessante observar e etnografar a experiência desse encontro, por estar mobilizando o que podemos chamar de salvaguarda do patrimônio imaterial da região, detido entre as práticas e os saberes das pessoas curandeiras daquele lugar, assim como traz à tona e suscita discussões sobre a conservação e a preservação material e imaterial da flora e da fauna do território, para que essas práticas e saberes possam ser manejados.

1.3 Rastros que produzem uma paisagem sociocultural e coletiva da região

Para completar o panorama sobre alguns dos rastros e marcas historicamente importantes que delineiam a história de Exu, para que cheguemos ao fio da história do Encontro, há também outro fio de história e informação importante a ser levantada. O Encontro de Saberes da Caatinga carrega muito da história da cidade de Exu, que por sua vez carrega muito da narração e da contação de histórias sobre Luiz Gonzaga. O exuense não cessa de rememorar a si através do Rei do Baião. A cidade de Exu e sua história testemunharam o nascimento do consagrado Rei do Baião, e é a terra do famoso músico brasileiro, cantor e compositor, expert em cantoria, prosa, poesia e musicalidade, detentor de saber do baião: Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989) (Austregésilo, 2005). Luiz Gonzaga foi o grande responsável pela valorização dos ritmos nordestinos no início do século XX, por levar o baião, o xote e o xaxado para o conhecimento de pessoas de todas as partes do país. E, em sua cidade de nascimento, ele não é só o Rei do Baião, em Exu o Rei do Baião figura também como rei da região. Motivo de orgulho para todo o povo exuense. A memória

sobre o legado de Luiz Gonzaga movimenta a vida econômica, cultural e social da cidade. Uma das festas mais importantes da região, por exemplo, é o aniversário do Rei Luiz Gonzaga - em cada 13 de dezembro.

Ao longo dos anos, nos meses de dezembro, a cidade está em festejo do “Gonzagão”. O festejo ocupa o mês todo, em praça pública, e chama-se “Festa do Gonzagão”, como se diz em Exu. E, para além do mês de dezembro, a cidade, durante todos os meses do ano, orgulha-se apresentando logo em sua entrada, com monumentos tombados em memória ao Rei: um museu e uma grande estátua com sua imagem em grande proporção abrem o caminho de entrada da cidade. Ao chegar em Exu, você se depara imediatamente com a estátua do rei, junto ao orgulho do povo exuense em ser o mesmo povo que faz e fez sujeitos como Luiz Gonzaga, um poeta advindo de uma realidade conhecida pela escassez de recursos financeiros e materiais, que conseguiu e consegue produzir alegria na vida das pessoas por meio de suas composições e músicas que contavam sobre a paisagem sertaneja de onde ele e milhares de outras pessoas existiam, nasciam e migravam para grandes centros urbanos do país, narrando então uma trajetória-paisagem comum a inúmeros brasileiros e famílias em seu país.

A cultura local se une ao legado deixado pelo Rei do Baião, produzindo elementos contemporâneos de celebração que reforçam a presença de Luiz Gonzaga na criação da memória cotidiana entre os habitantes do território, expandindo o impacto cultural para além da música. O Encontro de Saberes da Caatinga carrega um pouco também da história da cidade de Exu, que, por sua vez, está profundamente entrelaçada com a narração da vida e da obra de Luiz Gonzaga. Em alguns dias do Encontro há apresentações culturais durante a noite, com mestres de cultura, como os Irmãos Aniceto, trio de homens que fazem música e apresentações entre o xote, o xaxado e baião, assim como a Companhia de Teatro Traquejo, que encena uma peça belíssima contando a história e os elementos que compõem a cultura da região. O exuense não cessa de rememorar a si mesmo por meio do Rei do Baião. Há uma intersecção entre os habitantes de Exu e da região que os une através da memória do artista que é preservada não só como patrimônio cultural, mas como um símbolo de identidade regional.

A memória de seu legado continua a movimentar a vida econômica, cultural e social da cidade, especialmente em torno das festividades em sua homenagem. Durante o período do mês de dezembro, a cidade se transforma, com atividades em praça pública, shows e homenagens a Luiz Gonzaga. Essa celebração, que se tornou um dos maiores eventos locais, vai atraindo visitantes e movimentando a economia local ano a ano. Exu é rica em produção

artesanal, com estandes e museu dedicados à arte em couro, onde são feitos chapéus, chaveiros, bolsas, sandálias e outros produtos. Ainda assim, a falta de significativos incentivos mais estruturados para essa economia criativa diminui o impacto positivo que o evento poderia trazer para os artesãos locais. Iniciativas como o “Projeto Bora Gonzaguear” emergem como tentativas de fortalecer a conexão entre a cultura local e a economia criativa da cidade. O projeto engloba uma diversidade de talentos regionais, promovendo apresentações culturais, feiras de artesanato, de agricultura familiar, eventos gastronômicos, o tradicional “Caminhar das Sanfonas”, saraus poéticos e até cavalgadas. Essas atividades acontecem paralelamente às festividades de Gonzaga, gerando uma movimentação significativa na cidade, especialmente no mês de dezembro, mas também em outros momentos ao longo do ano. Outro destaque é o “Festival Viva o Gonzagão” que acontece também no mês de dezembro e dura por volta de uma semana, começando em torno do dia 8 e culminando no dia 13, o aniversário de Luiz Gonzaga. O festival articula shows e eventos culturais.

Assim, as festas em homenagem a Luiz Gonzaga e os eventos culturais que se sucedem ao longo do ano não apenas mantêm viva a memória do artista, mas também conectam a cidade de Exu ao seu passado e presente. A música de Luiz Gonzaga narra as paisagens sertanejas e as histórias de migração, criando uma trajetória-paisagem que muitos brasileiros reconhecem como parte de suas próprias histórias. Gonzaga não só levou o baião para o resto do Brasil, como também trouxe o Brasil de volta para Exu, onde sua memória continua a moldar a vida cotidiana e as celebrações locais.



Fotografia de Ariane Cordeiro, Estátua que abre a cidade de Exu, 2020.



Fotografia da Companhia de Teatro Traquejo, encenando a história da cidade e contando sobre a história de Luiz Gonzaga, em noite cultural no Encontro de Saberes da Caatinga, 2022.

1.4 O Encontro caminha desde outras veredas

No princípio de nossa conversa sobre o surgimento do Encontro de Saberes da Caatinga, Seu Antônio relata e tipifica que o que era feito nos anos de 1980: “era um trabalho modesto” dedicado às plantas medicinais que habitavam as favelas. Nas estreitas vielas do centro urbano recifense, entre a Ilha do Maruim e Santo Amaro, comunidades antigas da cidade do Recife, a rua era o elo entre as casas e as pessoas daquelas comunidades. Cada planta medicinal manejada entre aquelas ruas carregava consigo a história de quem a cultivava, de quem a conhecia, de quem a trazia para a favela. E era nesse intercâmbio que se tecia mais um fio da rede de troca de saberes, transformando a riqueza de conhecimentos individuais em um conhecimento coletivo. Pessoas oriundas de cidades do interior, de cidades como a Exu do Sertão do Araripe, levavam às comunidades e às favelas do centro urbano do Recife o que detinham de sabedoria e estratégia para cuidar de si e do outro, como era o caso do manejo e uso de plantas medicinais e alimentos. A falta de acesso à saúde pública de qualidade e as enfermidades tão variadas entre centros urbanos nos anos de 1980, época em que havia menos de um médico para cada mil pessoas no país (CFM, 2020), eram manejadas muitas vezes com remédios à base de plantas, que saíam desde o campo, das cidades e regiões rurais do estado, às favelas do Recife, produzindo uma verdadeira alquimia cultural, como me contou Seu Antônio falando dos 15 anos que trabalhou com pessoas marginalizadas, enquanto morava em uma dessas comunidades no Recife.

Entre as histórias contadas por Seu Antônio, surgiram nomes como Nilza e Ednel, mulheres que carregavam a sabedoria ancestral das plantas, trazidas desde seus territórios de origem, que não eram a comunidade/favela urbana recifense, eram cidades mais distantes da capital do estado, ambientadas com dinâmicas mais próximas ao que entendemos como rural - vidas mediadas com regularidade cotidiana pelas relações humanas e mais que humanas, muito subsidiadas pelo cultivo e manejo de animais, plantas e os ciclos de chuva e estiagem, por exemplo.

"Eu não levava nenhum conhecimento, simplesmente provocava a troca, recorda-se humildemente Seu Antônio, que repete algumas vezes que seu propósito era transpor as fronteiras do aprendizado, tornando o aprendizado que ele, e tantas outras pessoas tinham, público, e segundo ele “consistente”.

Então esse trabalho era reunir as ruas, as pessoas... Muitas pessoas viviam na rua, era nas favelas, né? As pessoas de uma rua traziam as plantinhas que cuidava da casa dela e que elas cuidavam deles. As pessoas da outra rua traziam as plantas aqui que cuidava na casa dele, que cuidava da família dele... Então isso ali ia gerando

uma produção de conhecimento muito grande dentro da favela. Na verdade é uma consistência no conhecimento, transformar ele num conhecimento público, né? (Seu Antônio em conversa gravada no mês de julho de 2022).

Foi durante o ano de 1984, em meio aos desafios enfrentados nas favelas, surgiu uma movimentação na medicina popular da época, conta Seu Antônio. A partir de um encontro realizado em Olinda, na “Casa da Criança”, ocorreu o Encontro Nordestino de Medicina Popular, como foi nomeado. Foi concebido por Celerino Carriconde, um médico naturalista que trouxe à luz das discussões sobre saúde da época práticas antes marginalizadas nas prescrições e abordagens médicas, e que Seu Antônio conta sendo um marco que inicia o Encontro de Saberes da Caatinga.

As práticas e técnicas evidenciadas no encontro em Olinda derivavam da sabedoria popular para cuidado e cura da saúde humana e comunitária, utilizando os "remédios do mato", a sabedoria do campo, das pessoas do interior do estado, dos antepassados, ou seja: o conhecimento ancestral, popular ou tradicional, do cuidado por meio das plantas medicinais e alimentos. E Seu Antônio e demais curandeiros foram parceiros e participantes do encontro.

Anos depois desse encontro em Olinda, após essa vistosa movimentação, o Dr. Celerino Carriconde recebeu o reconhecimento internacional da Ashoka Fellowship (ASHOKA, 1994), em 1994, por sua contribuição em reorientar o Sistema de Saúde do Brasil, incentivando as comunidades rurais e carentes a redescobrir e valorizar o conhecimento popular e local sobre plantas medicinais, assumindo assim maior responsabilidade por sua própria saúde. O movimento iniciado por Carriconde na década de 1980, segundo Seu Antônio, pavimentou o caminho e abriu portas para a integração da medicina popular no Sistema Único de Saúde (SUS).

No entanto, a história não se limita a um único capítulo de germinação do Encontro de Saberes da Caatinga. Em 1989, na Chapada do Araripe, após passar 15 anos morando no Recife e tendo participado e produzido de muita troca de saber acerca das plantas medicinais, Seu Antônio volta ao Sertão do Araripe e uma nova caminhada, literalmente, iniciava-se, liderada por ele e um grupo comprometido com a educação ambiental. Essa jornada, permeada por espiritualidade e solidariedade, tornou-se a semente da Caminhada de Troca de Saberes, uma continuidade que ele narra como uma extensão do encontro acontecido em Olinda, que se desdobrara em diferentes direções, através de diversas pessoas.

Seu Antônio, por sua vez, relata que, ao ser convidado por pessoas e comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, com quem já havia trabalhado ou conhecia, para que fizesse oficinas de troca de saberes nesses territórios, empreendia com um grupo uma

cuidadosa preparação para sair em caminhada por essas comunidades. Não havia propaganda, apenas convites pessoais, pois a presença em locais sensíveis e comunitários, segundo Seu Antônio, demandava respeito e compreensão prévios, e era uma época em que as ferramentas de telecomunicações não tomavam por completo as interações e as relações sociais. Sobre isso, Seu Antônio me contou que cada passo na caminhada era um ato de desvendar o crescimento humano, uma jornada que se propunha a ir além das aparências, a desbravar territórios humanos e naturais.

Quando a gente é convidado por uma comunidade e principalmente comunidade tradicional, comunidade de indígenas, de quilombolas do sertão, e de ribeirinhos... Principalmente com essas pessoas, quando a gente é convidado, a gente fazia um levantamento junto à comunidade de interesse deles, então é um trabalho bem anterior à caminhada, quando se escolhe o local, o princípio é esse: ser convidado. Depois levantar com a comunidade dos interesses reais dela dentro dessa caminhada, dessa passagem nossa na comunidade dela. Tinha as oficinas que a gente tinha pra oferecer que era de interesse deles, vinha os trabalho que eles podiam oferecer pra gente, e tinha a parte de plantas medicinais. Essa troca de conhecimento de plantas medicinais como foi lá no início na favela de Santo Amaro e do Maruim, Peixinhos... Então, a gente levava as oficinas para aquela comunidade. Entre elas estava a de plantas medicinais e estavam as oficinas de curas tradicionais. E de primeiro grupo que era todo da Chapada (do Araripe), já tinha do grupo que começou mais daqui, né? (Seu Antônio em conversa gravada no mês de julho de 2022).

Assim, a troca de saberes, ou a Caminhada de Troca de Saberes, consolidava-se como um elo entre passado e presente, um encontro que não se limitava a propagar conhecimento, mas a construir pontes, segundo Seu Antônio, entre culturas e modos diversos de viver em comunidade. Dessa maneira, a caminhada se revelava para seus primeiros adeptos, não apenas como um movimento físico, mas, como uma jornada espiritual, que é narrativa que alimenta até os dias de hoje a própria caminhada, que ainda existe, e alimenta também o Encontro de Saberes da Caatinga.

1.5 A caminhada de Troca de Saberes da Caatinga

A caminhada, conta Seu Antônio, tinha o propósito de trocar conhecimento entre os caminhantes. Basicamente, ele disse que se tratava de um “constante vivenciar de sentimentos em grupo”, como a solidariedade, observada em diferentes regiões. As pessoas caminhantes iam com esse propósito, o de sentir as outras pessoas com quem cruzassem pelos caminhos, e também com o propósito de provocar situações e dinâmicas positivas para que as trocas entre pessoas ocorressem. Não havia uma abordagem direta, mas sim um

despertar de sentimentos intencional a partir do momento em que o grupo se dispunha a caminhar junto.

Aí depois ela [a caminhada] não tomou mais identidade de um local, entendeste? Como você vê hoje, você que já participou, você vai ver que tem a identidade de vários lugares, né? São bem diversificados. E as pessoas que foram chegando de longe da caminhada é porque conhecia alguém que era da caminhada. Que era da caminhada. E aí era um convite pessoal. Não existe propaganda. A caminhada nunca se fez uma propaganda sobre a caminhada. Inclusive porque você não pode fazer uma propaganda pra levar as pessoas pra casa dos outros, entendeu? Você ir pra uma comunidade quilombola é um lugar altamente sensível. É preciso que quem seja indo pra lá, seja muito preparado antes, que tem sido discutido muito antes com ele sobre isso, sobre aquele, aquele mundo, né? Pra que eles sejam uma presença de respeito, quem for pra lá mesmo. Que a gente não seja de respeito, mas pra lá só vai se machucar lá, né? Então por isso que nunca teve, não, propaganda. Nunca teve um propósito de ser muita gente não, temos um propósito de se trabalhar, de tá desvendando o crescimento humano. Até chegar aqui esse ponto... (Seu Antônio em conversa gravada no mês de julho de 2022)

Ao ouvir sobre isso, resolvi perguntar mais incisivamente: “por que começar a caminhada, seu Antônio? Como ela está relacionada ao Encontro?”. De pronto, Seu Antônio me responde que é porque ela, a caminhada, é quem dá energia para o Encontro, em vários sentidos, sendo uma continuidade. A ideia surgiu em conjunto com um grupo local da Chapada, incluindo Islândia e Ilaide Carvalho, duas outras exuenses à época ainda jovens adolescentes, e que se mantém até os dias de hoje ao lado de Seu Antônio manejando e capitaneando os desafios e as potências do que se tornou o Encontro de Saberes da Caatinga. A caminhada se desdobrou também em um curso de educação ambiental ministrado por cerca de três anos na Chapada do Araripe. Para Seu Antônio, a caminhada, inicialmente, não era focada em um aspecto religioso, mas, ao longo do tempo, tornou-se uma prática espiritual.

Para Seu Antônio, a caminhada da troca de saberes é quando somos convidados por comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas e ribeirinhas para caminhar por elas, entre elas. Alguma pessoa da comunidade precisa nos chamar e, assim, em grupo, entre o grupo que costumeiramente caminha junto, há um debate se há condições de ir. Antes da caminhada, é realizado um levantamento com a comunidade para identificar seus interesses reais com a chegada de outras pessoas externas à comunidade. Isso ocorre muito antes da caminhada, e o convite é pessoal, sem qualquer forma de propaganda. O objetivo é trabalhar em conjunto, desvendando o crescimento humano, simultaneamente o crescimento individual e coletivo também acerca do cuidado humano e do cuidado comunitário.

Ao longo desses mais de 20 anos de caminhadas, foram estabelecidas conexões profundas com as comunidades e a região da Chapada do Araripe. Elas foram ganhando corpo e história ao longo do tempo, expandindo os territórios possíveis de se caminhar e

incorporando atividades como cursos de permacultura, extração de óleos essenciais da caatinga e cursos de educação ambiental, em parceria com a Islândia, me contou Seu Antônio. Hoje, Islândia é conhecida fora do território do Exu como Islândia Carvalho, integrante do quadro de pesquisadoras docentes da FIOCRUZ Pernambuco⁹, e sua irmã Ilaide é gestora de uma escola estadual do Exu, além de também atuar como terapeuta integrativa na região. No entanto, desde suas juventudes, estiveram as duas envolvidas nas atividades e caminhadas propostas em conjunto com Seu Antônio, participando do planejamento e da realização de caminhadas e dos cursos de educação ambiental que os envolviam na região. Nessas atividades abrangia-se diversas vivências, como aprendizado com as raizeiras e raizeiros, trilhas e descoberta dos locais importantes para a comunidade, olhos d'água da região, serras, buracos e cavernas, proporcionando uma intensa imersão na própria vivência de suas comunidades e territórios de passagem. Dormir em pedras e interagir com a natureza fazia parte desse processo, e essas caminhadas foram sendo chamadas de “troca de saberes”.

As trocas de saberes ano a ano foram se expandindo para além da região da Chapada do Araripe, atraindo participantes de diversos lugares. A caminhada já aconteceu em outras regiões e biomas do país, como o Acre, Tocantins, Goiânia, Minas Gerais etc, assim como já aconteceu em outros países, como a Argentina e a Espanha também. Essa jornada de caminhadas, imersão e trocas junto a muitos outros indivíduos e sujeitos se entrelaça com a trajetória do Encontro de Saberes da Caatinga, sendo, para a narração de Seu Antônio, uma expressão viva da interconexão entre conhecimento, comunidade e respeito ao território.

A minha própria história com o *Encontro* e com esse trabalho se inicia após uma caminhada que fiz em 2020, no início do ano que passei na seleção do mestrado. Neste ano, a caminhada foi do Caldeirão do Beato Zé Lourenço, no Ceará, até o Posto da Serra, em Exu, Pernambuco, onde na sequência aconteceu o Encontro de Saberes da Caatinga. No início da caminhada, eu anotava em meu caderninho de bolso, depois de descobrir a importante, quase nada conhecida e esperançosa história do Caldeirão do Beato Zé Lourenço (Ramos, 1991; Maia, 1992; Alves, 2008; Sousa, 2009), que é a história de êxito de um território coletivo e

⁹ Pesquisadora titular e Docente de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto de Pesquisas Aggeu Magalhães - Fiocruz Pernambuco. Vice Líder do Grupo de pesquisa em Economia Política da Saúde - UFPE. Coordenadora Grupo de pesquisas Saberes e Práticas em Saúde - Fiocruz - PE e Coordenadora Executiva do Observatório Nacional de Saberes Tradicionais e Práticas Integrativas e Complementares. Atua na produção de *softwares* para a popularização da ciência e tecnologia (SuperSUS, Onde está o dinheiro da saúde). Membro da Associação Brasileira de Economia da Saúde - ABRES, Associação Brasileira de Saúde Coletiva - ABRASCO. Membro fundadora da Rede de MTCI para as Américas. Possui Doutorado em Saúde Pública e Mestrado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Fiocruz. Especialista em Gestão de Sistemas de Saúde. Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2156250277158191>. Acesso em 03/02/2024.

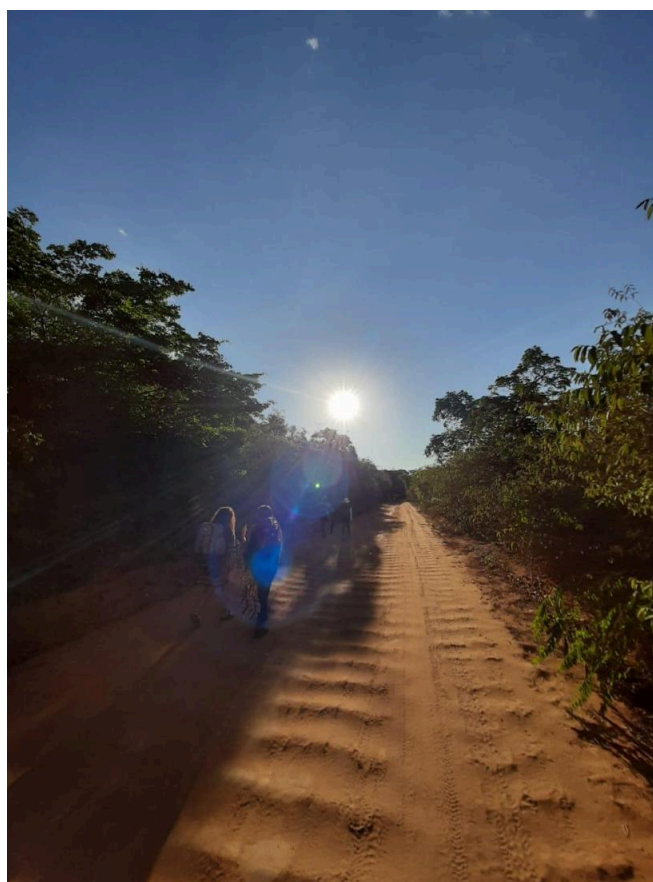
comunitário que foi o Caldeirão: “porque a conexão com a ancestralidade é a mais poderosa curandeira das dores da vida”, rabisquei em meu caderno de anotações. E escrevi significativamente nesse caderninho por muitos dias. Escrevi que estava realizando uma “tarefa difícil”: caminhar em média de seis a oito quilômetros por dia e refletir sobre as histórias que estava conhecendo e as pessoas com quem estava me relacionando, que nunca antes havia visto na vida. Hoje releio que a minha sensação era de “realização e tranquilidade em poder andar sozinha e segura, a perder de vista”, e ter tempo para refletir sobre a existência e a história humana, sobretudo a do povo nordestino. Eu estava viajando pela primeira vez sozinha após ser mãe de duas crianças, sem que aquilo fosse uma obrigação de trabalho doméstico, ou uma obrigação de trabalho ou estudo expressamente dirigido, e isso para mim, naquele momento, significava muito. “Viemos até aqui para nos conhecermos. Aqui nos irmanamos de maneira poderosa. Realmente me parece que as chaves para esse mundo partem da irmanação”, eu escrevia. Passamos por algumas comunidades no caminho do Ceará para Pernambuco, e o aprendizado e as trocas foram realmente engrandecedores ao vivenciar, ouvir, ver e sentir tanta gente que vive sem muita ou quase nenhuma assistência do Estado, inventando estratégias para solucionar suas vidas e seus desafios cotidianos, enquanto partilhavam muita solidariedade e atenção direcionadas ao grupo de caminhantes que atravessava seu território. O grupo de caminhantes oferecia sua força de trabalho terapêutico, como acupuntura, massoterapia e também suas expertises para consertar caixas d’água, cercas quebradas, ou algo desse gênero, enquanto trocava também conhecimentos sobre remédios e alimentos curativos feitos com plantas e sabedorias de cada comunidade. Ao chegar no destino final, depois de dez dias de caminhada, eu me sentia novamente, ou pela primeira vez, racionalmente crente na potência positiva do humano. Tenho escrito em meu caderninho uma frase de Seu Antônio: “Esse nosso movimento é acordar o conhecimento antigo” (Seu Antônio, em 18.01.2020).

Nesse mesmo caderninho, escrevi sobre as minhas impressões do primeiro Encontro de Saberes em que estive presente, o de 2020. No primeiro dia de evento, ouvi e anotei, de Dona Francisca, agricultora, raizeira, benzedeira e parteira residente em um município próximo à Exu, de Trindade-PE, que “todo mundo tem um ninho, e o ninho é o coração”. A maneira com que ela expressou isso era profundamente tocante, embalada pela troca de informações sobre como cuidar da roça, dos alimentos e das doenças que acometiam os humanos na vida. No segundo dia, anotei sobre o despertar para a sensibilidade do estar em roda, com uma postura de atenção. As rodas de troca de informações e conversas eram encaradas com muita atenção por todos que a compunham. No terceiro dia, anotei que Seu

Antônio havia pedido para que eu mediasse a roda de raizeiros pois ele havia passado mal. Durante esses três dias de Rodas de Trocas de Saberes no Encontro de Saberes da Caatinga de 2020, após imersão e vivência em caminhada, passei muitas semanas e meses reverberando e acessando todo o aprendizado daquelas semanas, com sentimento de agradecimento por tudo que havia vivenciado.



Fotografia de Fernando Beija-Flor, Caminhada de Troca de Saberes, 2020.



Fotografia de Marília Nepomuceno, Caminhada de Troca de Saberes da Caatinga, 2020.

A caminhada de Troca de Saberes da Caatinga continua acontecendo ano a ano. Parou durante o período de isolamento social, provocado pela pandemia da Covid-19, e retornou em 2022, acontecendo pelos territórios do Nordeste brasileiro. Em 2022, ocorreu no mês de julho, para poder acompanhar o calendário do Encontro de Saberes da Caatinga, que, naquele ano, não aconteceu, como de costume, em janeiro, e sim em julho após retorno total das atividades presenciais pós covid-19. E nos anos seguintes voltou a acontecer no mês de janeiro, sempre antecedendo no calendário os dias que estão programados para acontecer o Encontro de Saberes da Caatinga.

Atualmente o corpo coletivo de pessoas que vai às caminhadas têm se modificado. Muitos dos primeiros caminhantes, que em grande parte é o grupo que organiza o Encontro de Saberes da Caatinga, estão em outros momentos de vida e decidem apenas vivenciar o Encontro, que demanda uma grande organização prévia e por isso não vão mais à caminhada como iam antes. Seu Antônio, sim, é a única figura tarimbada que anima e convoca o grupo para se organizar para a caminhada desde muitos meses antes e não perde uma caminhada, sempre recebendo novas pessoas para caminhar junto com ele. Mesmo nos anos em que sua companheira estava numa situação muito delicada de saúde, ele ia caminhar durante o dia com os caminhantes, que estavam em comunidades ou povoados próximos de sua casa, já que as últimas caminhadas foram todas escolhidas para acontecer entre comunidades do Nordeste. E, em boa parte dos trajetos da caminhada, ia, passava o dia e voltava de carro para casa, para dormir em casa. A caminhada de 2020, em que fui, foi próxima à sua casa, entre as comunidades da divisa do Ceará com Pernambuco, por exemplo. A caminhada de 2022, foi na Floresta Nacional do Araripe - Apodi, entre a região do Exu e Crato. A caminhada de 2023 foi na Serra da Capivara, no Piauí, e a caminhada de 2024, após o falecimento de sua amada esposa, foi no litoral norte da Paraíba.

1.6 A Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe que apoia e tece o Encontro de Saberes da Caatinga

Entre raizeiras e seus terreiros, seus terrenos, seus quintais e suas roças, benzedeiras e moradores da região, é possível observar que, se não eles próprios, as suas famílias são compostas por agricultores. Grande parte das famílias da região são advindas da interação de muitas gerações na lida com a terra. São agricultores e agricultoras familiares que receberam

seus ofícios ainda muito jovens para ajudar e dar continuidade às atividades dos pais e mães entre a vida das famílias da região. Os que não atuam hoje como agricultores são pessoas que, por motivos de escassez financeira ou desafios com a lida com a terra e os insumos para sua manutenção, resolveram procurar trabalho nas cidades ou na roça de alguém mais poderoso. Nesse contexto de saída da lida com a terra, e com pouca escolaridade, finda que essas pessoas ocupam subtrabalhos ou trabalhos pouco remunerados no negócio de terceiros e não conseguem mais ter tempo para plantar a sua própria comida e suas plantas de cuidado e cura, seus remédios. Trabalham em horário comercial, sem que lhes reste algum tempo para plantar uma pequena roça que sirva para alimentar seus animais ou sua própria família.

Alguns agricultores e agricultoras da região visualizaram esse horizonte de baixo estímulo à continuidade da agricultura familiar, também na década de 1980, diante das discussões vividas junto às comunidades eclesiais de base. Os sindicatos de trabalhadores rurais e duas ONGs de assessoria aos trabalhadores da região, “CAATINGA” - Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições não-governamentais Alternativas (Caatinga, 2024) e “CHAPADA” - Centro de Habilitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe (Chapada, s.d.), entenderam que deveriam se movimentar e desempenhar um papel significativo de estímulo à continuidade da agricultura familiar no Araripe, visto que manter as pessoas trabalhando em suas próprias roças lhes dava autonomia para garantir, no mínimo, a comida base da sobrevivência e uma segurança alimentar mínima.

Desde essas movimentações e a fundação da Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe, na década de 1980, que a discussão sobre a garantia do direito à terra e à dignidade da vida das pessoas agricultoras familiares ganha cada vez mais espaço e ressonância para fora da região. Hoje, dentre as discussões e reflexões coletivas do meio rural, a Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe (Agroecologia..., 2022) tornou-se uma rede reconhecida na promoção do que se chama Agroecologia no Brasil e também referência nas práticas e discussões políticas sobre a convivência com o Semiárido na região e no país. O movimento de agricultores e experimentadores da região do Araripe é, para Seu Antônio, também uma grande vereda e uma troca de conhecimento que ajudou a produzir o Encontro de Saberes da Caatinga. É uma sequência de tudo que estava sendo gestado e vivido na década de 1980 naquela região, conta Seu Antônio.

Por meio dessa rede, e sobretudo de uma das pessoas, que é fundadora da Rede de Agricultores Experimentadores e também do Encontro de Saberes da Caatinga, o Paulo Pedro de Carvalho, Seu Antônio conta que se legitimava a participação de diversas organizações sociais que constituem e constituíram apoios ao Encontro de Saberes da Caatinga. A relação

com a agricultura, a agrofloresta e as práticas de bem viver e boa convivência com o Semiárido são a tônica da rede e, por conseguinte, tornam-se impulsionadoras do entendimento e das narrativas que permeiam também o Encontro. A quantidade de dias de atividades que envolvem todo o Encontro (dez dias) e o entendimento do que é importante ser abordado nas conversas e vivenciado entre as pessoas surge também dessa relação e inteligência coletiva já gestada desde a década de 1980 por parte do grupo que compõe a caminhada o Encontro e também da Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe

Quando se parou pra dizer ‘vamos fazer assim, uns dez dias’, de um encontro de troca de saberes, como acontecia como a gente, caminhada... Foi um retratinho mesmo, mesma coisa. E aí nós fizemos uma consulta à Rede de Agricultores Experimentadores... E aí já tinha caminhado quase vinte anos quando começou o encontro. (Seu Antônio em conversa gravada no mês de julho de 2022).

Lá no encontro em Ouricuri (2022), na sede da Rede de Agricultores... Se eles tinham interesse de aceitar esse encontro pela rede, né? Qual é a importância disso? É não desconsiderar o que já vinha acontecendo aqui, entendeu? O movimento deles, ele já vinha aqui. Eles tem um encontro de agricultores experimentadores que é uma troca de conhecimento, que foi que cada um avançou na agricultura e tal e tal. Aí nosso encontro só se viu uma sequência do que eles já faziam. E além de que esse encontro de raizeiros, parteira, curandeira, juntando através da rede, ele legitimava a participação das organizações sociais. Todas são ligadas à Rede. Então, na verdade, o encontro... Ele pegou um prato feito. Uma articulação que a rede de agricultores já fazia. Aqui a rede de agricultores já fazia em relação à agricultura e agrofloresta... Porque aqui, as ONGs daqui, o Caatinga principalmente, ele é um dos pioneiros em Agroecologia aqui no Pernambuco. Então, naquele tempo que eu cheguei aqui, eles tinham uma escola... Então foi a partir daí que a gente passou a ser parceiro com a rede de agricultores. E dessa rede estava o quê? Os caatingas e Chapada. Não vou citar nome assim porque pra não correr o perigo de esquecer gente muito especial. Tem gente muito especial nisso aqui, Seu Tumtum, por exemplo... Sim, e aí o Caatinga já fazia essa costura, essa articulação aqui. Então a presença do Paulo Pedro já é antiga nessa área, inclusive o Celerino já tava também... Algumas vezes já vinha na Caatinga também. Já tinha uma relação, né? Já estava conectado. Era conectado com isso. Pronto aí foi... Então se juntou com essas outras lideranças desses outros municípios, e com o Ceará. Eu não sei o que foi através de quem que conectou o Ceará, que é forte até hoje no Encontro, né? Então essas pessoas foram cabeça da gestão do encontro, aí da divulgação dentro do encontro... Não era mais um encontro de troca de raizeiro, conhecimento de raizeiro com raizeiro. De ficar guardado, como era nos locais antes, das caminhadas, que nos encontro das caminhadas nas comunidades indígenas e quilombolas toda informação ela ficava lá. Não se trazia conhecimento para fora de lá. E já esse aqui [o Encontro de Saberes da Caatinga], o objetivo dele é expandir, entendeste? Tanto conhecimento tiver aqui é pra ir pra todo canto. Pra quem for de direito, de interesse, pode usar esse conhecimento. Então é uma mudança bem grande, foi essa aí. Que antes de tudo, que abriu é uma amplitude, né? Que num segundo é que num tinha essa seleção também de participar não, ficou aberto. Quem tinha a ver, vem. Vem. Então só quem vem com esse ponto é quem tem a ver. Não vem quem não tem a ver porque até a partir da estrutura, né? Que bom mesmo é que não tivesse nem hotel pra fazer essa seleção. Pessoa que vem e pronto, quando ele vem pra acampar, ele já está dizendo que ele tem a ver. Então porque o princípio é a simplicidade, interação, principalmente interação, troca sem exploração, né? De verdade, dizer uma coisa dentro da verdade. Por exemplo, eu estava questionando no grupo [de *Whatsapp* da organização do encontro] algumas propagandas que fizeram do encontro aonde parece que é de alguma religião, entendeu? Ela não pode

ter qualquer fala que venha do encontro assim. Se escutou um padre, escutou o padre. Um padre vai dizer “poxa, que legal, né?”. Vai achar bom que as mulheres estão se juntando pra trocar seu conhecimento... Se for um espírito, é a mesma coisa, se for um evangélico, a mesma coisa... Porque essas mulheres aqui são tudo mulheres muito simples. Ele [o Encontro] não tem esse compromisso ideológico nem espiritual. Como uma linha, está entendendo? (Seu Antônio em conversa gravada no mês de julho de 2022).

A fala de Seu Antônio, que se inicia tratando da conexão com a Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe e percorre o entendimento dele sobre o fluxo dos conhecimentos e a constituição de redes no território que sedia o Encontro, oferece-nos uma riqueza de elementos para uma análise etnográfica do Encontro de Saberes da Caatinga, revelando, em poucas palavras, o que é vivenciado no Encontro a partir das transformações, dinâmicas e significados, tanto para os participantes quanto para o próprio contexto da Caatinga. A partir de suas palavras, é possível refletir sobre a importância do evento e seus impactos para a expansão do saber produzido entre o território e as comunidades que o habitam.

Seu Antônio destaca uma mudança fundamental na forma como o conhecimento é compartilhado atualmente no Encontro. Ele menciona que, anteriormente, os encontros entre raizeiros e outros detentores de saberes eram restritos, ficando "guardados" nas comunidades. Esse fechamento protegia o conhecimento, mas limitava sua circulação. Para ele, o Encontro de Saberes da Caatinga rompe com essa lógica, ao se propor como um espaço aberto, com o objetivo explícito de expandir o conhecimento. Aqui, o evento adquire uma dimensão antropológica importante: ele se torna um veículo de coalizão, transmissão e difusão de saberes tradicionais, permitindo que eles alcancem novas audiências. Essa mudança reflete uma transição de um modelo de transmissão endógeno, restrito à comunidade local, para um modelo mais exógeno, em que o conhecimento é compartilhado além das fronteiras comunitárias da região do Araripe. Esse processo pode ser interpretado à luz do fluxo de saberes, em que as práticas locais passam a ganhar relevância em contextos mais amplos. O Encontro, nesse sentido, opera como uma arena de intercâmbio cultural, mas sem perder de vista a vontade da preservação e o respeito aos saberes ancestrais locais.

Outro ponto enfatizado por Seu Antônio é a abertura do evento para quem "tem a ver", ou seja, para aqueles que compartilham de uma compreensão, uma sensibilidade similar e um interesse pelo que é discutido no evento. Aqueles que se sentem atraídos pelos temas e práticas do Encontro são incentivados a participar, mas dentro de uma lógica de simplicidade e ausência de exploração. Essa predisposição a juntar pessoas que têm interesses

similares acerca do cuidado e cura da saúde humana e ambiental no evento promove a sensação de comunidade entre os participantes. E a sensação de comunidade, mesmo que composta por pessoas advindas de diversos lugares e contextos do Brasil, promove também sensação de inclusão, que, nesse caso, pode ser lida tanto pelo caráter pragmático quanto simbólico. Pragmático porque as condições do evento, como a ausência de hotéis, e o incentivo ao acampamento ou aluguel de casas vagas dentro da comunidade do Posto da Serra, onde acontece o Encontro, criam uma barreira invisível de acesso que seleciona participantes que já demonstram um comprometimento com a paisagem da comunidade que recebe o encontro, a vivência e a troca de saberes que ocorre no evento. E também têm caráter simbólico, porque essa simplicidade remete aos valores centrais do evento: o que pode ser chamado de interação autêntica e de respeito pelas práticas de cuidado comunitário.

Seu Antônio também faz questão de frisar que o Encontro não está vinculado a nenhuma linha espiritual ou ideológica específica. Embora participantes de diferentes crenças possam comparecer, o evento não se compromete com uma única visão de mundo ou espiritualidade. Esse aspecto é relevante para entender o Encontro como um espaço de pluralidade e coalizão de saberes, práticas e maneiras de manejar o mundo e a vida humana, em que diferentes perspectivas e saberes podem coexistir sem que exista hierarquização institucionalizada entre as interações. Essa busca por neutralidade é especialmente importante quando se considera o caráter sagrado que muitas dessas práticas têm para os participantes, como benzedeiros e raizeiros. O Encontro se constitui como um espaço no qual esses saberes podem ser partilhados sem serem moldados por estruturas religiosas dominantes ou institucionalizadas. Há uma coexistência de diferentes cosmologias e perspectivas naquele ambiente, que podem coexistir e se entrelaçar sem a imposição de uma hegemonia ideológica ou espiritual.

Por fim, Seu Antônio fala sobre a importância da interação como um dos pilares do Encontro. Ele menciona a "troca sem exploração", destacando a comunalidade e o compromisso com a verdade nas interações entre os participantes. Isso sugere que o evento não é apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas de construção de laços comunitários, em que a confiança, o respeito e a simplicidade são centrais. A troca de saberes, nesse contexto, vai além da transmissão técnica de conhecimentos e envolve também um processo de reconhecimento mútuo e construção de redes sociais e afetivas. Do ponto de vista de uma análise etnográfica, essa interação promove uma forma de prática social, na qual os participantes se engajam ativamente na produção de significado e na reprodução de saberes tradicionais e populares. O Encontro, então, configura-se como um microcosmo de

interação, em que diferentes formas de conhecimento, humano e não humano, se encontram e são compartilhadas.

A fala de Seu Antônio revela a importância do Encontro de Saberes da Caatinga como um espaço dinâmico de troca, inclusão e preservação de saberes comunitários, populares e tradicionais de diversos sujeitos sociais. Ele reflete processos contemporâneos de abertura e circulação de conhecimentos que antes eram restritos, ao mesmo tempo em que preserva valores como a simplicidade e o respeito às práticas locais e às crenças diversas e espirituais. O evento oferece uma janela para entender as formas de resistência e de resiliência das comunidades da Caatinga diante dos desafios socioambientais contemporâneos, sugerindo que os saberes comunitários, populares e tradicionais podem oferecer soluções valiosas para pensarmos como nos organizarmos em outras searas e dimensões do mundo social.

É então dessa inteligência coletiva oriunda das pessoas e das aprendizagens junto à rede de pessoas que constituem o Encontro de Saberes da Caatinga, entre o mundo humano e multiespécie, que se forja, e também se inscreve, o evento.

1.7 O Bioma da Caatinga que ensina e tece o Encontro de Saberes da Caatinga

A paisagem ambiental do Encontro é um bioma exclusivamente brasileiro, majoritário na região do Sertão do Araripe, a Caatinga, fazendo ecótono com o Cerrado em cima da Chapada do Araripe. A Caatinga abrange cerca de 850.000 km² do território nacional e se estende por oito estados do Nordeste, incluindo Pernambuco, Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (ASA, s.d.; Caatinga, s.d.). Em Pernambuco, 80% do território do estado é dominado por esse ecossistema. Sua biodiversidade, entre plantas, animais e seres multiespécies, mais que humanos, é única e adaptada à aridez e às variações sazonais do clima. Nesse território, os humanos que ali habitam narram, com alguma regularidade, entre os seus cotidianos e a lida com a vida, sobre suas relações com animais, plantas e seres mais que humanos, sobretudo seres espirituais e invisíveis. Longe dos grandes centros urbanos, as histórias sobre seres fantásticos ou a interação entre humanos e outros seres passa de geração a geração ganhando novos contornos, com alguma regularidade.

Tem alguns bichos aqui, como o canção [um pássaro], por exemplo... Os rezadores fazem tudo que é criar canção em casa. O canção faz proteção espiritual... Como é o jabuti lá para as favelas, em relação às doenças respiratórias, todo mundo tem um jabuti ali nas favelas... Pois é, enfim... Um dia cheguei na casa de uma pessoa,

chega saí triste... Um monte de canção preso. E eu fiquei sem querer falar nada, sabe? E ele se explicando, se explicando, as necessidades de proteção e tudo, e eu calado... (Seu Antônio, conversa gravada no mês de julho de 2022).

O exemplo citado por Seu Antônio a respeito do canção, um pássaro associado à proteção espiritual, e sua reação ao vê-lo preso em uma casa, traz elementos de uma cosmologia local, vinculada a práticas de cuidado espiritual. A fala de Seu Antônio nos leva a refletir sobre o campo das relações entre humanos e não humanos, um tema central na Antropologia contemporânea. No contexto do Encontro de Saberes da Caatinga, animais como o canção não são vistos apenas como seres biológicos, mas como agentes espirituais, que desempenham papéis fundamentais na vida das pessoas, em especial na proteção contra males e acometimentos de saúde entre o mundo humano e comunitário. Essa visão implica uma cosmologia na qual os seres não humanos possuem agências próprias, interagindo diretamente com os humanos em uma teia de relações que vai além do visível ou material.

O canção funciona como uma figura de mediação entre mundos, capaz de oferecer proteção espiritual, semelhante ao papel do jabuti nas favelas, como mencionado por Seu Antônio, que é considerado um guardião contra doenças respiratórias. A presença desses animais no cotidiano das comunidades aponta para uma cosmologia viva, na qual animais, plantas e outros seres fazem parte de um sistema de cuidado e proteção espiritual, buscando salvaguardar as paisagens animais, ambientais e a vida humana. Não é incomum saber de animais, plantas ou espíritos que fazem mediação entre mundos nas rodas de troca de saberes da caatinga, com humanos e não humanos compartilhando qualidades espirituais. O canção, nesse contexto, não é apenas um animal, mas um agente espiritual, capaz de oferecer algo valioso às pessoas que o mantêm por perto.

A tristeza de Seu Antônio ao ver os canções presos revela uma reflexão entre o uso tradicional de animais em práticas espirituais e os valores que dizem respeito à preservação do animal no ambiente. Ele menciona que o rezador utiliza o canção como um protetor espiritual, mas expressa um desconforto ao ver esses animais aprisionados, sugerindo que, mesmo dentro das práticas tradicionais, existe uma reflexão sobre o tratamento desses seres. Essa reação aponta para uma preocupação ética com relação ao uso de seres não humanos dentro de práticas espirituais e de cuidado. Mesmo que os canções sejam vistos como importantes para a proteção espiritual, a prática de mantê-los presos suscita um conflito moral. Essa tensão pode ser lida como uma reflexão em disputa em que as práticas tradicionais entram em conflito com entendimentos sobre o respeito à vida animal e ao meio ambiente.

Essa situação pode ser compreendida por meio do entendimento de que a tradição está sempre em transformação, que costuma também ganhar alguma evidência nas conversas e trocas que acontecem durante o Encontro. Há uma constante coalizão de repertórios em curso e em disputa no evento. A prática de usar o canção como um protetor espiritual não é questionada em si, mas a forma como essa prática é realizada - no caso, mantendo o pássaro em cativeiro - tornou-se, nesse caso, objeto de reflexão. Isso sugere que as práticas culturais e espirituais tradicionais não são estáticas, mas adaptáveis e abertas à reinterpretação diante de contextos éticos e sociais, que vão se transformando e que podem ganhar novos contornos a partir da troca de saberes entre sujeitos sociais, comunidades e territórios.

O silêncio narrado por Seu Antônio durante essa situação revela a maneira como os conhecimentos e práticas são transmitidos e discutidos também dentro do Encontro. Seu silêncio não é uma omissão, mas uma forma de respeito às práticas tradicionais locais e à complexidade das necessidades enfrentadas pelas pessoas. A explicação que a pessoa oferece sobre a necessidade de proteção espiritual indica que, mesmo com a prática de manter os canções presos, há uma justificativa que se baseia nas demandas do cotidiano - proteger a si mesmo e sua família de possíveis males espirituais e de saúde física - e isso é tratado com muita seriedade e respeito. Esse tipo de postura indica um momento de suspensão de julgamento, no qual a prática é observada e compreendida em seu contexto, sem uma imposição de valores externos, e grande parte da troca de saberes que ocorre durante o Encontro carrega essa conotação. As pessoas que se reúnem no evento se põem em uma postura de atenção e respeito ao contexto cultural e às motivações por trás de uma prática, antes de oferecer críticas ou reflexões.

No entanto, o fato também aponta para uma ambiguidade moral que emerge quando práticas tradicionais entram em diálogo com questões contemporâneas de ética e bem-estar, nesse caso, bem-estar animal. A presença do canção como um ser espiritual e protetor se choca com a imagem do pássaro preso, sugerindo que as cosmologias locais estão em constante negociação. A prática de capturar e manter esses animais é vista por alguns como uma necessidade espiritual, mas para outros, como Seu Antônio, isso pode ser uma fonte de desconforto, apontando para uma reavaliação das relações entre humanos e não humanos. A compreensão das complexas relações entre humanos e não humanos no contexto do Encontro de Saberes da Caatinga é recorrentemente evidente. Ao mesmo tempo que esses seres são vistos como agentes espirituais importantes para o cuidado e a proteção das pessoas, suas vidas também são atravessadas por dilemas éticos que refletem tensões e são constituintes do território da Caatinga.

E por falar em território caatingueiro, a nomenclatura “Caatinga” deriva da observação humana acerca da mata esbranquiçada, rala e seca que toma conta da região nas épocas em que não há chuvas e tem suas raízes em língua indígena, conta Seu Antônio. Caminhando com ele pela Floresta Nacional de Negreiros - Parque Nacional no município de Serrita (próximo à Exu), em Setembro de 2022, onde ele tem trânsito livre por ser funcionário do ICMBIO, além de raizeiro e mestre referenciado na região, pude pensar como alguns dos humanos se parecem com algumas espécie da mata branca, como os angicos e as favelas, plantas típicas da Caatinga. O exercício da Caminhada de Troca de Saberes e as imersões no Encontro de Saberes da Caatinga me ajudam a pensar sobre isso, ao ver como as pessoas daquele território e região se pensam e pensam o mundo a partir das referências das plantas, dos animais e do entorno, que convencionamos chamar “natureza”. E por isso pensei na comparação de humanos e plantas ao conhecer de perto algumas das espécies famosas da Caatinga na Flona Negreiros.

Assim como alguns de nós, humanos, o angico manso e a favela mansa são espécies espinhosas e nada convidativas para o toque. Em suas carapaças, produzem espinhos e caroços pontudos, que são poucos convidativos para o toque e a interação humana no ambiente. Os angicos brabos e as favelas brabas, por sua vez, são os seres vegetais dessa mesma espécie, com carapaças mais lisas e aparentemente inofensivos, camuflando com maestria seus altos graus de concentração de toxinas, com sua aparência de “pele” lisa e convidativa ao toque. A Caatinga é um território que funciona para mim, e talvez para muitos, como um despertador. A partir da observação dela, refletimos sobre os humanos e seus comportamentos diversas vezes. E não é incomum que eu ou outros humanos percebam que, em ambientes socioambientais com muitos desafios, o comportamento de alguns humanos por vezes se pareça com um comportamento espinhoso, duro, reativo ou pouco convidativo para a interação, e em alguns dos muitos casos, com um exame um pouco mais aprofundado é possível perceber que aquelas pessoas aparentemente mais ásperas ou espinhosas para realizar interações são sensíveis, acolhedoras à sua maneira e solidárias, contrariando suas supostas aparências ou comportamentos vistos superficialmente.



Fotografias de Marília Nepomuceno, Angico Manso sinalizado dentro da Floresta Nacional Negreiros, Serrita-PE, 2022.



Fotografias de Marília Nepomuceno, Angico Manso sinalizado dentro da Floresta Nacional Negreiros, Serrita-PE, 2022.

Pensando sobre as pessoas e o que as movem na região, as pessoas agricultoras na Caatinga, em alguma dimensão, vivem também para preservar o ecossistema, o bioma e a

região em que vivem, com o intuito de aliar as práticas de cuidado espiritual em saúde, assim como práticas de produção de alimentos e de geração de renda para as famílias sem destruir ou desmatar a Caatinga, por ouvirem e entenderem desde algumas gerações passadas que se acabamos com a terra e o território acabamos com nossa própria fonte de vida, alimentação e sobrevivência humana.

No entanto, essas pessoas são atravessadas historicamente, ao longo das últimas décadas, por uma forte pressão para a abertura de suas terras e territórios para a pecuária extensiva e, mais recentemente, para a monocultura de grãos (*commodities*), como soja e milho, que se mostraram ao longo das últimas décadas aparentemente muito lucrativas de imediato, por devolveram em forma de dinheiro um suposto lucro sobre a terra e a produção nela. Um ponto de vista inspirado pela produção e modo de manejar a terra típico de grandes empresários, que preferem promover o desmatamento da Caatinga e a degradação do solo, provocando a substituição da mata nativa por pastagens e monocultivos, como nos conta Seu Antônio, Silvanete e alguns moradores da região.

Recentemente, por exemplo, grandes empresários, que têm comprado as terras no alto da Chapada do Araripe, estão inclusive conseguindo implantar tecnologias de acesso à água na região, coisa extremamente relevante, visto que o acesso à água é muito desafiador no alto da Chapada. A tecnologia para buscar água em grande profundidade é muito cara e a população residente do alto da Chapada do Araripe, mesmo insistentemente furando poços, nunca conseguiu buscar água no solo, pois, segundo conta Seu Antônio, a água está a mais de 500 metros de profundidade. No entanto, ele relata que há pouco tempo os grandes fazendeiros acharam água lançando mão de caras ferramentas e tecnologias.

Aqui em cima da Chapada é bioma cerrado. E aqui é bom pra quem quer fazer esse tipo de agricultura única [monocultivo]... Porque é plano, não tem pedra, e é bom para você irrigar, não tem dificuldade... Então a primeira coisa que eles fizeram foi abrir poço fundo. Porque todo mundo procurava água e não achava. Todo mundo sabia que tinha, mas era de 500 metros para lá. E eles acharam água suficiente para irrigar a serra toda. Então ele tem mais agora, vai ter mais um aqui no alto... Recentemente compraram aqui em cima dele agora mais de 318 hectares... (Seu Antônio, conversa gravada no mês de julho de 2022).



Fotografia de Marília Nepomuceno, vista de parte da Chapada do Araripe, a caminho do povoado histórico de Tabocas, povoado vizinho ao Posto da Serra, 2022.

O bioma do Cerrado, presente no alto da Chapada, encontra-se com o bioma da Caatinga, que é predominante de toda a região do entorno e debaixo da Chapada do Araripe. A Caatinga abrange 10% do território nacional e é presente em todos os estados nordestinos, além do norte de Minas Gerais. Além da fauna animal, a vegetação caatingueira é conhecida como exclusivamente brasileira, e a cultura e história produzida entre humanos e outros seres, sobretudo seres encantados, fomentam a cultura e o patrimônio imaterial da região. De maneira geral, além do patrimônio genético, vegetal e animal, esse patrimônio imaterial é realmente particular da região. A Caatinga, para muitos de seus estudiosos e alguns de seus residentes e moradores históricos, como são algumas pessoas que compõem o grupo do Encontro de Saberes da Caatinga e da Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe, é um tesouro inigualável.

Entretanto, a Caatinga enfrenta desafios devido ao crescente uso pouco sustentável ou insustentável dos solos e dos ditos recursos naturais, e, por isso, não à toa, desde a década de 1980, como conta Seu Antônio e pessoas de referência da região e território, é possível

perceber as movimentações em busca de uma maior compreensão e investimento em políticas públicas que garantam uma melhor convivência com a região semiárida, denominação referente ao bioma da caatinga. Tema, discussão e demanda que tem implicado cada vez mais corpos e reivindicado espaços de interlocução para além do território da Caatinga. Organizações e movimentos da sociedade civil têm desempenhado um papel de conscientização bastante significativo na busca pela preservação do patrimônio vegetal, animal e também cultural da região, promovendo discussões e eventos que impulsionam práticas de melhor convivência com o clima semiárido, o bioma da caatinga e os seres que a habitam. Esse esforço não apenas beneficia o território, mas também fortalece as comunidades que vivem e são constituídas diretamente dele.

As pessoas, os animais, as plantas e tudo o que vive, cresce e nasce na Caatinga brasileira é atravessado pelo clima semiárido, considerado o clima da maior parte do Nordeste brasileiro, e ocorre a alguma distância das cidades nordestinas litorâneas. Moldado ao longo de milênios, e diante das políticas públicas (e da ausência delas) no atendimento a esta região, o clima semiárido apresenta desafios particulares para a agricultura e demais atividades humanas, já que suas chuvas são comumente concentradas entre 200 e 800 milímetros anuais, produzindo um regime hídrico desafiador, se comparado a outros climas e regiões do Brasil. O Semiárido nordestino, embora seja mais chuvoso que outras áreas semiáridas globais, registra uma evaporação anual de 3.000 mm. E suas chuvas irregulares e a pequena profundidade do solo limitam a capacidade de absorção hídrica, explicam alguns estudiosos do clima, argumentando sobre as secas cíclicas vivenciadas na região (Caatinga, s.d.).

A discussão sobre a convivência com o clima semiárido e o combate e enfrentamento à desertificação vem acontecendo ao longo das últimas décadas justo porque é sabido que o investimento em políticas públicas e tecnologias sociais de enfrentamento à seca e à desertificação são medidas efetivas para a erradicação da escassez das águas e a promoção de segurança e soberania alimentar e nutricional na região, e que, por conseguinte, tornam-se ferramentas promotoras de melhores condições de vida no território.

Tecnologias sociais, como a implementação de cisternas para armazenamento de água da chuva - que são construções humanas que garantem o armazenamento de água e são muito baratas, girando em torno de R\$ 2.000,00 a R\$ 10.000,00 reais, ou a construção de encanamento que recolhe e canaliza a água das chuvas através dos telhados das casas e armazena em reservatórios como as cisternas, já são ferramentas significativamente conhecidas como sanadoras emergenciais e efetivas para esse tipo de problema, e ainda assim

não foram largamente implementadas pelo estado brasileiro na região, visto que grande parte das famílias habitantes não tem condições financeiras de arcar com a construção de uma cisterna junto a um sistema de captação de águas da chuva.

Essas soluções e tecnologias sociais de enfrentamento à seca e à desertificação, que garantem uma melhor convivência com o Semiárido, não apenas suprem o consumo humano de água, mas também apoiam práticas agrícolas e pecuárias por parte das pessoas viventes na região, possibilitando uma oportunidade de acesso a sua soberania hídrica e alimentar. ONGs como o CAATINGA, o CHAPADA e movimentos sociais de formação de redes, como a Articulação do Semiárido - ASA, foram responsáveis por demandar ao estado brasileiro que fosse direcionado recursos para a construção de cisternas na região, e conseguiram, a partir dos anos 2000, implementar um programa nacional que ficou conhecido como o “Programa de Cisternas”, Programa Um Milhão de Cisternas - P1MC (ASA, s.d.). Foi o primeiro programa desenvolvido pela ASA, no início dos anos 2000, visando atender a uma necessidade básica da população que vive no campo: armazenamento e acesso à água de beber.

Em suma, a região do Sertão do Araripe e da Chapada do Araripe detém uma relação com a Caatinga e os desafios do clima semiárido que os tornam protagonistas de uma narrativa histórica, articulando as experiências de seres multiespécie, diante da resistência, preservação e busca por inovação para resistir aos desafios.

As articulações feitas na região há décadas e a organização da sociedade civil em torno dos seus desafios e problemas que se relacionam com o ecossistema natural e social têm dado o tom do movimento de alianças e sedimentação dos eventos que impulsionam suas vidas e ecoam Brasil afora. Ao que parece, existe um fio condutor que pode ser visto transbordando no Encontro de Saberes da Caatinga que chega lá por meio da Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe, da Rede de organizações parceiras do Encontro e do movimento de troca tão premente aos humanos daquela região, que germinaram tanto a Caminhada de Troca de Saberes da Caatinga como o Encontro de Saberes da Caatinga.

1.8 Dobras da Caminhada e do Encontro: a Patrimonialização da Chapada do Araripe

Levando em consideração o movimento e as referências culturais que existem no território da Chapada do Araripe, entre seus mestres e mestras de cultura, suas sabedorias, práticas e técnicas tão particulares, vem acontecendo, ao longo dessa década, um movimento

de articulação e pedido de salvaguarda e preservação da região da Chapada do Araripe. Por meio de organizações da região, ligadas à rede que compõe também o Encontro de Saberes da Caatinga, mas sobretudo a partir da Fundação Casa Grande, ONG conduzida pelo trabalho de construção da concepção de patrimonialização elaborada por Alemberg Quindins (informação verbal¹⁰), há um entendimento que a Chapada do Araripe constitui o território de um “museu orgânico”. Com início em 2017, o processo que demanda regionalmente que a Chapada receba o título de patrimônio cultural e natural mundial da humanidade, através da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tem ganhado força ao longo dos anos, com a realização de seminários e parcerias com instituições como a Universidade Regional do Cariri (URCA) e a Fundação Casa Grande, além de receber apoio de outros órgãos governamentais. A expectativa das organizações envolvidas nesse pleito é de que a região fosse incluída na lista de indicação brasileira ainda no ano de 2024, e que a candidatura fosse oficialmente apresentada à UNESCO também em 2024 (IPHAN, 2023).

Alemberg, que é um dos personagens que aparecem no filme Saber da Caatinga, de 2021, e que em 2023 tornou-se gerente de Cultura do Serviço Social do Comércio Ceará (SESC Ceará), elabora uma narrativa importante acerca do que chama de “Geografia Cultural da Chapada do Araripe”. E conta sobre as reuniões de curandeiros que ocorriam no alto da Chapada há muitos séculos, além de narrar sobre o primeiro habitante do lugar ser um rio, o Rio Acaraú.

A Chapada do Araripe é um platô central, onde, segundo Alemberg, todo o reinado da água se apresenta. Segundo ele, biomas nascem e trazem consigo seus primeiros habitantes, os herbívoros e carnívoros. A partir de então começa a interpretação do seu ambiente e daí é que viria a cultura. O relevo, para ele, é “o molejo” que transforma em arte as vidas sociais dos seres que habitam os biomas. E ele diz com energia: “O tratado geológico é quem faz a música do povo do mato” (informação verbal¹¹). Alemberg lembra que “Luiz Gonzaga já contava: o baião vem debaixo do barro do chão” (informação verbal¹²), as mitologias e lendas habitam o lugar conhecido como Chapada do Araripe e são as forças que habitam os territórios que “parem nós”, ele explica. Mães D'Água [nascentes], Boqueirões e

¹⁰ Informação verbal fornecida por Alemberg Quindins no V Seminário Internacional Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe - Patrimônio da Humanidade, em 04 de junho de 2024.

¹¹ Informação verbal fornecida por Alemberg Quindins no V Seminário Internacional Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe - Patrimônio da Humanidade, em 04 de junho de 2024.

¹² Informação verbal fornecida por Alemberg Quindins no V Seminário Internacional Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe - Patrimônio da Humanidade, em 04 de junho de 2024.

Caldeirões [formações do relevo da região] são evocados enquanto ele traz à tona as capitâncias hereditárias, as sesmarias, o ciclo do couro, os árabes e indígenas da região e a vivência e percepção produzida naquele território.

Alemberg aciona reflexões sobre o patrimônio biocultural da região e da vida não humana, construindo a dinâmica humana entre as comunidades que habitam a Chapada como sendo extremamente importante para o processo de gestão do território. Para ele, o reconhecimento da Chapada enquanto patrimônio da humanidade muda a responsabilidade de quem lá habita. Para ele, a responsabilidade deve ser cada vez maior sobre a Chapada e sua água, sua floresta, os arranjos produtivos das economias locais e criativas e a relação da cultura com a educação integrada. “Temos a responsabilidade de ver essa bacia geológica como uma grande sala de aula a céu aberto, ensinado a seu povo o valor de ser único como o soldadinho do Araripe”, pássaro que só ocorre na região, ele enfatiza (2024).

O entendimento que norteia o pedido de patrimonialização da Chapada do Araripe se dá por ela reunir um patrimônio dito natural, que conta as camadas da história do planeta Terra. A Chapada é “um livro deitado”, como Alemberg gosta de dizer, que conta a história dos cerca de 115 milhões de anos desde quando ela era formada também por lagos de água doce, em cujos arredores desenvolveu-se um ecossistema continental, formado por diversos grupos de insetos, escorpiões, aranhas, plantas, anuros, lagartos, peixes e pterossauros, como o *Tupandactylus imperator* e outros répteis.

Questões de cultura, acerca da cultura junto ao que chamamos natureza, sendo negociadas com a biologia, a geografia e o patrimônio, parecem que têm sido mote de uma reflexão comunitária na região ao longo dos últimos anos, de maneira organizada. Atualmente, no ano de 2024, no mês de junho, por exemplo, aconteceu a 5ª edição do Seminário Internacional Bacia Sociobiodiversa da Chapada do Araripe - Patrimônio da Humanidade¹³. Reunindo especialistas, pesquisadores, gestores públicos, acadêmicos e entusiastas, focando na gestão participativa dos territórios culturais, o seminário, promovido pela Fundação Casa Grande, teve o apoio do Ministério Público do Ceará e do Ministério da Cultura (Brasil, 2024), e contou com a presença de representações de museus que promovem a discussão sobre patrimônio cultural e natural na região.

Na ocasião estavam presentes: o Museu Orgânico Casa do Mestre Antônio Luiz, Ceará; Museu Orgânico Casa do Mestre Nena, Ceará; Museu Casa dos Pássaros do Sertão, Ceará; Museu Casa da Mestra Zulene, Ceará; Museu Casa da Mestra Ana da Rabeca, Ceará;

¹³ Coloco em anexo a este trabalho a Carta do V Seminário Internacional Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe - Patrimônio da Humanidade - ANEXO 01.

Museu Casa da Mestra Marinês, Ceará; Museu Terreiro Cultural da Mestra Maria de Tiê, Ceará; Museu da Fotografia do Cariri - Casa de Telma Saraiva, Ceará; Morada de Conteúdo, Casa de Mãe Yayá, Ceará; Museu Oficina Antônio Linard, Ceará; Museu Oficina do Mestre Chico Aprígio, Pernambuco; Museu Oficina do Mestre Toin dos Couros, Pernambuco; Museu Oficina Mestre José Venceslau, Pernambuco; Museu Casa do Mestre Luizinho dos Couros, Pernambuco; Museu Casa Oficina Mestra Dinha, Ceará; Museu Oficina Corrinha Mão na Massa, Ceará; Museu Casa do Doce João Martins, Ceará; Museu do Becco do Cotovelo - Café Jaibaras, Ceará; Museu Oficina Antônio Rabelo, Ceará; Museu Ateliê Casa Zé Tarcísio, Ceará; Museu Oficina Mestre Françuli, Ceará; Museu Dim Brinquedim, Ceará; Comunidade do Quilombo de Águas Claras, Pernambuco; Comunidade Ilha do Massangano, Pernambuco; Grupo Coco Raízes, Pernambuco; Grupo Coco Trupé, Pernambuco; Grupo de Mulheres Artesã de Várzea Queimada, Piauí; Agroecologia LAVIDA, Ceará; Agrodoia, Pernambuco. Grupos de Tradição Popular e Celebrações Culturais: Grupo de Tradição Popular Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, Ceará; Grupo de Tradição Popular Reisado Reis de Congo do Mestre Aldenir, Ceará; Grupo de Tradição Popular Reisado São Miguel, Ceará; Grupo de Tradição Popular Maneiro Pau do Mestre Cirilo, Ceará; Grupo de Tradição Popular Reisado Dedé de Luna, Ceará; Grupo de Tradição Popular Reisado São Francisco, Ceará; Grupo de Tradição Popular Banda Cabaçal São José, Ceará.

O Seminário surge, nesse contexto de pleito pela patrimonialização da Chapada do Araripe, com o objetivo de avivar as discussões acerca do patrimônio cultural e natural. Busca trazer à tona a importância de uma abordagem inclusiva, que valoriza a participação ativa das comunidades na preservação de sua história e identidade. A abordagem sobre a relevância do envolvimento comunitário na produção e preservação de saberes locais é o foco das discussões. Especialistas, pesquisadores, gestores públicos, lideranças comunitárias e políticas, universidades, acadêmicos e mestres da cultura popular se reuniram para promover um diálogo sobre a gestão de sítios reconhecidos como patrimônios mundiais, nessa ocasião. Esse processo de troca de experiências e saberes entre diferentes atores, pode-se dizer que se assemelha ao que ocorre no Encontro de Saberes da Caatinga, no sentido de que sujeitos e comunidades se reúnem e compartilham seus conhecimentos ancestrais. Ao reunir essas diversas perspectivas, o seminário, assim como o Encontro de Saberes, sublinham a necessidade de uma gestão sustentável do território que transcenda fronteiras geográficas e políticas, propondo soluções que beneficiem as comunidades e preservem seu legado cultural e natural.

No cerne dessas discussões, o papel das organizações na preservação do patrimônio cultural e natural se destaca. Assim como no Encontro de Saberes, no qual o compartilhamento de conhecimento é fundamental para manter vivas as tradições locais, o seminário destacou a Rede dos Museus Orgânicos como uma iniciativa inovadora para dar voz às comunidades na preservação e promoção de sua cultura. Essa rede fortalece a identidade local, garantindo que as histórias e as tradições sejam narradas e vividas pelos próprios habitantes, empoderando-os como protagonistas de sua memória coletiva. A ênfase na participação comunitária e na valorização dos saberes populares e tradicionais dialoga diretamente com a estrutura do Encontro de Saberes da Caatinga, no qual o conhecimento é compartilhado de forma ampla, para ser usufruído por quem tem interesse e direito a ele.

O entendimento de que a Chapada do Araripe é um patrimônio, com riquezas culturais e ambientais, tem ganhado cada vez mais corpo e ocupado espaços de conversas e trocas durante os últimos anos, dentro e fora do Encontro de Saberes da Caatinga.



Vista de um pedaço da Chapada, na Subida da cidade de Exu para o povoado do Posto da Serra,

Fotografia de Marília Nepomuceno, 2022.

2. COMO ACONTECE O ENCONTRO DE SABERES DA CAATINGA: UMA ETNOGRAFIA



Cancão

2.1 Como a caatinga e o semiárido tornam-se protagonistas

Uma pessoa, ao se debruçar sobre o Encontro de Saberes da Caatinga, torna-se apta a se debruçar também sobre o encontro dos agenciamentos entre plantas, alimentos, espiritualidades e pessoas que protagonizam há alguns anos um evento compreendido como autônomo e que tem funcionado como uma espécie de ferramenta de salvaguarda de saberes e práticas de cuidado entre humanos e demais seres que povoam aquele ambiente: a Caatinga e a Chapada do Araripe. O Encontro, ao mesmo tempo em que promove um diálogo multiespécie daquele e naquele território, definindo e regulando o que poderíamos chamar de uma ontologia específica (Latour, 1994) dos protagonistas que fazem o evento, revela a força do repertório do povo e do território que motiva essa reunião anual. O evento coloca seus protagonistas humanos como partícipes, agentes e autores responsáveis por conseguir manejar os problemas e desafios que enfrentam comunitariamente junto às suas sabedorias populares, além de colocar como protagonista central dos debates, a partir de discussões e práticas de aprendizagem e partilha, o próprio território e bioma da Caatinga.

Tanta coisa que a gente vem identificando como essa terra se protege... Por exemplo, ela não ter água em cima [da Chapada do Araripe]... Sim, espanta a gente, né? É uma grande proteção, né? Só ter água lá para 500 metros de profundidade era quase como não viável [deixar gente degradar o solo em cima da Chapada], né? Em outros tempos com certeza, em outros tempos, na verdade era um tesouro... Foi o jeito que ela arrumou de se preservar... (Seu Antônio, conversa gravada no mês de janeiro de 2022).

A fala de Seu Antônio e de diversos outros protagonistas do evento evidenciam modos de fazer encontros, modos de fazer ciência, modos de fazer sabedorias, modos de fazer saúde e modos de fazer cuidado comunitário experienciados e produzidos pelos habitantes e realizadores do evento em comunicação aos entendimentos que foram elaborando junto ao território, bioma e paisagem ambiental que os circunda. A observação e agenciamento dado ao território, seja por meio das plantas típicas do território que se relacionam muito com os humanos na região, seja por meio da ausência da água como visto no trecho aspeado acima, revela como o território da Chapada do Araripe, com suas características específicas, é compreendido como um agente ativo na preservação e proteção da biodiversidade e paisagem local. A ausência de água superficial, que, inicialmente, parece uma limitação, é reinterpretada como uma estratégia de preservação ambiental do próprio território e ambiente em relação aos humanos, demonstrando uma ontologia específica na qual o território e suas características intrínsecas influenciam as práticas humanas e a

sustentabilidade do ecossistema.

Diante de tudo isso, busco refletir: Como se produz a rede que compõe o Saber da Caatinga? A técnica da etnografia pode colaborar para revelar o protagonismo das pessoas detentoras de saber e o protagonismo do bioma que costura e constrói o Encontro, desde a instância de trocas e articulações entre si, como entre os agenciamentos dos humanos junto às plantas, os agenciamentos dos humanos junto às espiritualidades com as quais eles lidam, e entre o território e bioma em que vivem?

Além disso, busco refletir também sobre o que está acontecendo no campo entre as discussões sobre os humanos e mais que humanos e se é possível pensarmos numa tradição ou conservação para além da perspectiva humana. Dessa forma, diante das narrativas produzidas por e naquele lugar, seria, então, possível pensar que é experienciado no Encontro uma conservação multiespécie?

Os próprios agenciamentos e fluxos que se fazem da Chapada do Araripe entre humanos e outros seres são capazes de revelar a malha (Ingold, 2021) que compõe o Encontro de Saberes da Caatinga. Tim Ingold, antropólogo britânico, introduziu o conceito de "malha" na teoria antropológica como uma maneira de reposicionar e repensar as relações entre humanos, não-humanos e ambientes. Para Ingold, o mundo é constituído por uma teia de interações e processos contínuos na qual todos os seres e elementos estão intrinsecamente conectados. O conceito de malha está detalhado na obra *The Life of Lines* (2015) no qual ele propõe uma visão e perspectiva do mundo como sendo uma malha de linhas vivas, desafiando a visão estática e fragmentada das coisas como entidades isoladas que comporiam o mundo e a vida nele.

Ingold sugere que, em vez de entender o mundo em termos de objetos e substâncias, devemos vê-lo como um grande emaranhado de trajetórias e interações. Essa perspectiva enfoca os processos de crescimento, movimento e transformação do mundo e das vidas que nele habitam como sendo linhas na malha que compõem e representam a trajetória de uma vida em interação com outras. Assim, a malha é uma rede dinâmica e fluida, composta por fios que se entrelaçam e se transformam constantemente.

O conceito de malha destaca a interconectividade e a interdependência de todas as formas de vida e elementos no mundo entre si. Dessa maneira, a compreensão das relações humanas deve considerar essa teia complexa de interações e influências mútuas, promovendo uma visão holística e integradora da existência. O Encontro de Saberes da Caatinga e seus agenciamentos refletem, então, o que descreve Ingold a partir da rede dinâmica de interações e processos contínuos que conformam o mundo. A malha é formada por uma teia de

interações que se dão dentro e fora do evento nomeado Encontro de Saberes da Caatinga, e seus processos contínuos delineiam as linhas e trajetórias de vidas em interação. Assim, o conceito de malha de Ingold enriquece a análise do Encontro, ressaltando a complexa rede de interações multiespécies que sustentam e definem esse evento.

O Encontro não é apenas um evento, mas uma manifestação viva dessa malha na qual saberes, práticas e agentes (humanos e não-humanos) estão em constante interconexão e transformação. O que está sendo gerado ou compartilhado é capaz de nos fazer pensar fora de nós, fora da dimensão antropocêntrica, pois as plantas e ervas medicinais, a presença ou ausência da água, os animais que habitam o território, e a articulação humana entre as espiritualidades vivenciadas naquele território, de certo, nos extrapolam. O saber do ecossistema e bioma caatinga nos extrapola, como fica evidente em tantas menções à plantas, aos animais ou à memória sobre a água na região, rochas e relevo da região. O território do Araripe, a paisagem sonora e também visual da Caatinga, que é específica ambientalmente, é, segundo contam seus habitantes, uma paisagem construtora de memórias e forças singulares.

A Serra do Araripe, como um todo, e onde acontece o Encontro de Saberes da Caatinga, é um local de muita força. Ele não foi dito, “nós vamos começar aqui por causa disso”. Todas as circunstâncias levaram a ser na Serra do Araripe. Mas a Serra do Araripe é um local que é como uma área de geração de energia. Não é como lâmpada compartilhada que a gente apaga a lâmpada. Não. Ela é um campo de energia fortíssimo, é como um gerador. Porque é uma das regiões mais antigas do planeta Terra. Há 90 milhões de anos, isso aqui era uma região de lago, de água doce. E esses lagos de água doce, eles formavam um ambiente natural pra um tipo específico de vida. Então, as placas tectônicas se afastaram e o mar entrou aqui... (Seu Antônio, conversa gravada no ano de 2021, em ocasião do filme Saber da Caatinga).

O evento que impulsiona e sustenta a produção deste trabalho é o que ficou conhecido e nomeado pelos seus realizadores como Encontro de Saberes da Caatinga. O evento acontece comumente no Posto da Serra, no município de Exu-PE, e reúne durante três dias por ano pessoas detentoras de saberes e práticas de cuidado e cura da saúde humana e comunitária, em sua maioria, vindas dos estados de Pernambuco, Ceará e Piauí, para que em reunião debaixo de grandes árvores de visgueiros, e em roda, possam falar e ouvir, em movimento de atenção entre si, sobre cuidado e cura do humano e do ambiente. O evento tem se tornado um espaço de partilha das histórias dessas pessoas que protagonizam as rodas e de seus territórios, assim como permite que pessoas de outros lugares tragam suas vivências, experiências e compreensões para um espaço de conversa e troca.

No entanto, para chegar ao Encontro é importante dizer que não há sinalizações sobre ele na cidade. Na época das semanas que antecedem o evento, o que muitos chamam de período “pré-Encontro”, há a divulgação de chamadas sonoras para o evento nas rádios locais e também entre carros de som que transitam entre as comunidades, mas no caminho, efetivamente, de chegada ao Encontro não há placas nem sinalizações e só consegue chegar ao evento quem está sabendo dele por algum motivo. Na Chácara Paraíso da Serra, sede do evento no Povoado do Posto da Serra no município de Exu, não há nenhuma placa ou cartaz sobre a reunião ou evento. Chegará até o local quem já foi, quem está indo com alguém que conhece ou quem estiver se deslocando pela primeira vez para ir ao evento e conseguir perguntar na cidade de Exu onde está acontecendo o Encontro de Saberes da Caatinga, ou o Encontro de Seu Antônio.

Os conhecimentos relacionados à saúde e ao cuidado, dentre as vivências nas comunidades dos humanos que protagonizam as rodas, são a linha que perpassa toda a malha que é justificada para a realização do evento. O Encontro vem, portanto, se consolidando enquanto momento marcante no calendário anual da região por ser compreendido como gerador de força e visibilidade dos protagonistas das rodas.

Durante os três dias as pessoas que vêm para protagonizar as rodas chegam, hospedam-se no povoado do Posto da Serra e lá se reúnem enquanto pessoas detentoras/es de saberes populares e tradicionais, como define o IPHAN (Alencar, 2017), tornando-se protagonistas e mestres de cultura, como são nomeadas pelos organizadores do evento e das rodas de troca de saberes. Rodas essas que são a estrutura metodológica base para a realização da reunião. São espaços de partilhas e escutas, produzidos com intencionalidade pela equipe de organização.



Fotografia de Marília Nepomuceno, Roda de Raizeiros, 2022.

Durante o evento de três dias as pessoas se dividem em três grandes rodas de acordo com seus interesses e expectativas de escuta e partilha, referentes às áreas do saber relacionadas: 1) a raízes/plantas - roda das pessoas nomeadas como raizeiras/os; 2) ao parto/nascimento - parteiras e 3) a bênçãos/rezas - benzedeiras/os e rezadeiras/os.

No evento há uma perspectiva que costura as três rodas: a noção, o desejo ou a necessidade, por parte da equipe que organiza anualmente o evento, de fortalecimento e visibilização de cada uma e cada um dos protagonistas do evento, desde seus modos de vida, suas técnicas de produção de remédios, cuidados e saúde de maneira geral. Além disso, busca-se fortalecer e visibilizar também boa parte de suas matérias primas e seres em colaboração junto às suas práticas, que são, em grande maioria, plantas nativas da região e seres espirituais. Essa noção, desejo ou necessidade do grupo que organiza o evento é partilhada pelas mestras e mestres que compõem o evento, acolhida pelos participantes que vêm de longe ouvir suas histórias e reverbera do evento até as comunidades de origem dos protagonistas das rodas, produzindo uma direta e notável legitimação e valorização de seus

saberes, práticas e ofícios de cuidado e manejo de elementos, principalmente vegetais e espirituais para produção de remédios, cuidado e saúde comunitária.

2.2 Protagonismos Compartilhados

Em conversa com Seu Antônio, em Setembro de 2022, enquanto íamos para a Floresta Negreiros, perguntei-lhe diretamente: “No Encontro, principalmente na roda de raizeiras e raizeiros, o senhor fala muito do pequi¹⁴. O senhor acha que o pequi é muito importante para o Encontro? É mais importante que outras plantas?”.

A resposta de Seu Antônio para a questão que eu lhe trouxe ilustra a sua compreensão e a compreensão de outros humanos naquele território, nos possibilitando dialogar com a teoria produzida por Isabelle Stengers e seu conceito acerca da Ecologia das Práticas (Stengers, 2003). Ao discutir e expor a importância do pequi para as pessoas, a cultura de cuidado e cura da região, ele revela como as práticas de valorização e legitimação dos saberes tradicionais de cuidado humano por meio das sabedorias produzidas junto às propriedades das plantas do ambiente resultam em novos processos, reflexões e benefícios tangíveis para as comunidades participantes, evidenciando também o impacto econômico e social produzido por meio do Encontro.

Tem algumas plantas que são muito presentes [no território]. Muito importante pra vida da gente aqui. Muito importante na medicina popular. O pequi inclusive foi a única, a única planta, que curou tuberculose, na época de tuberculose ninguém curava... Pro pequi com mel, tomando mesmo e ingerindo... É ingerido. Ele é muito importante... Só que ela a gente [grupo que faz o Encontro] tem o propósito de justiça, não sabe? Então qual foi? Quanto era um litro de óleo de pequi quando a gente começou o Encontro? Era quarenta [reais] que eles [extrativistas cozedoras/es do óleo de pequi] vendiam pras pessoas que ia vender o óleo de pequi verdadeiro [atravessadores/revendedores]. Eles [os revendedores] quem vendia o óleo de pequi, vendia por sessenta, né?

Para um ativista que me procurava pedindo para eu arrumar óleo de pequi eu passava por quarenta [reais] e o revendedor vendia por sessenta [reais]. Aumentavam um pouco. Com o encontro a gente falando da importância e da dificuldade que é você fazer um litro de pequi, que você gasta de energia de caroço de pequi, mil caroço de pequi pra fazer, né? E o fogo e a sua presença... Aí nós chegamos a subir ele pra sessenta, oitenta [reais]. Isso o fornecedor [extrativistas cozedores do óleo de pequi] entregando de sessenta e oitenta, né? Aumentou vinte conto [para quem faz o óleo]... Aí já nos último [Encontro] ele ficou com o fornecedor entregando de oitenta [reais], e o vendedor [atravessador] entregando de cem [reais]. Pronto, mas aí os fornecedores tomaram coragem de vender a um preço mais justo depois de muita gente saber do trabalho que é fazer o óleo, né? [Trabalho

¹⁴ Fruto muito comum na região da Chapada do Araripe, ecótono entre Cerrado e Caatinga. Cientificamente nomeado como “*Caryocar brasiliense*” ganhou notoriedade histórica na medicina popular e tradicional da região e depois foi estudado em laboratório onde foram cientificamente atestadas suas propriedades medicinais, reiterando seu valor cultural já histórico em algumas regiões do Brasil. Algumas de suas propriedades mais conhecidas podem ser descritas como: antioxidantes, anti-inflamatórias, antimicrobianas e cicatrizantes.

narrado por Seu Antônio diversas vezes nas rodas de raizeiras/os do Encontro, que dão a dimensão para quem não sabe do processo, como é fazer o óleo de pequi].

Todo mundo cresceu os olhos. Ai eles [atravessadores] estavam querendo entregar, e estava entregando era [por] cento e vinte [reais], entendeu? E eu alertei, eu digo: - “olha, você fazendo isso você vai terminar ficando com o estoque de um ano, dois, três anos...” - Eu sei, eu não vou conseguir vender o óleo de pequi todo, eles disseram. Mas quando vinha as pessoas no encontro vi que dava certo vender por cento e trinta [reais], né? Tinha público pra comprar né?

Tinha público pra comprar. Que fosse. Mas supervalorizou o valor. Ai esse ano eu já eu não considere mais o atravessador. Eu procurei alguns fornecedor que não tava ainda tocado por ambição, sabe?

Então eles entregaram, eu quis entregar mas foi direto com eles, o pessoal da caminhada todinho comprou óleo de pequi a cem [reais] aí depois as pessoas tiveram que botar de cem [reais] aí também inclusive a não ser as pessoas que já tinham comprado de cento e trinta [reais] ele num botava de cem [reais], ele botava cento e cinquenta [reais] mas não venderam um litro.

Então, o que a gente quer? Que o óleo de pequi chegue a cem reais, certo? E se mantenha a pessoa [para] poder produzir a vontade, conseguir vender a vontade também. Está certo que sua produção vai ser vendida, né? E não apresentar ambição. Porque senão ninguém pega um bicho desse não, mas todo jeito é importante buzinar antes... Que se pegar vai dizer que eu matei o Guiné e a torcida direito... Então o que é que tem que acontecer?

O mel de urucu [abelha nativa] mesma coisa. Então teve gente vendendo mel de urucu misturado no encontro, isso não é admissível, entendeu? Qualquer coisa misturada que não seja real. A gente está lutando pelo real.

Entendeste? E tem outras plantas, outras coisas, todas elas são ricas na história. O mel do visgeiro mesmo, que não é tão importante na medicina... Mas é o mel dele que é usado no fígado, mas ele não é um astro na medicina popular... O Pequi é um astro... Ouro brasileiro. Na medicina nacional. Sim, até com a cúrcuma... E outras plantas como a é como a marcela, e como a Quebra Fraca, como a imburana, segurando a de cheiro. Todas elas têm que ser divulgada... (Seu Antônio em conversa no mês de Setembro de 2022).

Seu Antônio destaca como a justiça econômica e a valorização do trabalho dos extrativistas são importantes para a sustentabilidade do território e esse entendimento povoa as conversas que acontecem durante o Encontro. O pequi, a cúrcuma, ou a macela, por exemplo, são pinçados por Seu Antônio em sua fala, ilustrando como são valiosas e importantes para o território e para as pessoas que o habitam. Mais ou menos conhecidas e difundidas, ele aponta como são importantes. Ele destaca que a matéria prima usada e desenvolvida naquela região, sob as relações entre humanos e vegetais, é valorosa e historicamente usada na região para cuidar da saúde humana. A perspectiva de Seu Antônio ecoa e faz coro às ideias de Stengers (2003) sobre a Ecologia das Práticas pondo em vista a necessidade do entendimento de valorização das práticas locais específicas para a costura e

transformação da malha do Encontro, do ecossistema da caatinga e também do mundo de maneira geral.

O discurso de Seu Antônio e dos demais organizadores e protagonistas no evento engendra muitos objetivos. Está impregnado da vontade de promover a valorização das práticas humanas de manejo saudável junto ao ambiente, ao passo em que está buscando gerar valorização e geração de renda para extrativistas, e ainda se dispõe a animar a conservação ambiental da região. A valorização do pequi, por exemplo, contribui para a conservação do ecossistema onde é encontrado, promovendo práticas de uso sustentável do ambiente e proteção ambiental. Se a população das comunidades entende que é vantajoso permanecer cultivando o pequi ganha o pequi, que não será retirado da paisagem, e ganha a população, que se beneficiará das propriedades medicinais e curativas acessadas por meio da ingestão do óleo de pequi e manejo externo do óleo no corpo humano para produção de cuidados diversos, assim como gerará renda entre a comunidade. É mobilizada, portanto, uma malha capaz de produzir sustentabilidade ecológica junto aos agentes humanos e vegetais imbricados nessa relação na caatinga. A malha que produz o Encontro produz, no mínimo, protagonismos compartilhados entre seres humanos e seres vegetais, se não considerarmos que ao preservar os seres vegetais estamos também preservando a água, o solo e demais outros elementos.

Islândia, Seu Antônio e Paulo Pedro, no livro dos anais do 1º e 2º Encontro de Saberes da Caatinga, publicado pela Fiocruz Pernambuco em 2018, contam que foi depois de sete anos consecutivos de seca severa que a Rede Araripe assumiu com muita coragem e disposição a realização do Encontro de Saberes e Práticas da Caatinga - Raizeiros, Raizeiras, Rezadeiras, Rezadores, Benzedeiros, Benzedeiras e Parteiras, como foi chamado *a priori*. O Encontro teve duas primeiras versões: o primeiro ocorreu no período de 19 a 22 de janeiro de 2017, e o segundo ocorreu no período de 9 a 28 de janeiro de 2018, no mesmo local onde ocorre até os dias de hoje, na Chácara Paraíso da Serra, comunidade do Posto da Serra do Exu, município de Exu.

Atualmente, em 2024, algumas coisas foram reconfiguradas. Hoje há uma compreensão de que o Encontro deve acontecer bianualmente no Posto da Serra, e sair do Posto da Serra, ano sim, ano não, para também acontecer em territórios parceiros e próximos da região, com o objetivo de movimentar as sabedorias e os fortalecimentos produzidos pelo evento em relação às mestras e mestres em outros territórios. Segundo Seu Antônio, “quando

o encontro sai do Posto da Serra ele desperta e fortalece as sabedorias de raizeiras/os, rezadoras/es e parteiras de outros lugares, e isso é muito bom”.

No ano de 2021, a partir da Lei Emergencial de Cultura do Estado de Pernambuco, a Lei Aldir Blanc I, a LAB I, inscrevi uma proposta de roteiro que foi premiada e permitiu que falássemos o que estava ocorrendo com as pessoas que fazem o evento e com o próprio Encontro de Saberes da Caatinga em meio à pandemia. Essa premiação gerou o filme-documentário Saber da Caatinga, dirigido por Marília Nepomuceno e Ingá Patriota, parceira que convidei e com quem criei vínculo quando havíamos caminhado juntas na Caminhada de Troca de Saberes da Caatinga em 2020. Ingá é uma jovem mulher nascida de uma família da cidade de São José do Egito, Sertão do Pajeú, “a cidade dos poetas pernambucanos”, e à época estudava e trabalhava (ainda trabalha) no campo do audiovisual, além de militar ativamente no movimento social pernambucano de acesso à moradia (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST). Para a produção do filme convidei também os exuenses e colaboradores da equipe voluntária de organização do Encontro: Ariane Cordeiro, colaboradora de todos os encontros da caatinga, filha de agricultores familiares e hoje formada em nutrição; Maiadson Vieira, filho de família agricultora, voluntário no trabalho de comunicação e divulgação do Encontro nos últimos anos, hoje professor concursado da rede estadual de ensino de Pernambuco; Emanuele Eufrásio, Ilaide Carvalho e Seu Antônio Alencar, além do brasiliense, colaborar antigo e voluntário do evento, que também havia se tornado grande amigo na mesma caminhada em que conheci Ingá, o José Renato Brito.

Saber da Caatinga¹⁵ é um filme de encontro e costura por meio das falas das mestras e mestres da região ouvidos para a sua realização, em 2021, e pensado como um ferramental de salvaguarda dos saberes das pessoas que o fazem acontecer anualmente em roda, já que

¹⁵ O filme Saber da Caatinga é fruto de uma premiação advinda da Lei Aldir Blanc I - no âmbito da Fundação de Cultura de Pernambuco. Ter escolhido fazer o filme com o recurso da premiação foi uma maneira que entendemos de dar a devolutiva em dinheiro aos participantes do filme e contratando pessoas locais para a produção, além de transformar a premiação em um objeto audiovisual que promova ainda mais o fortalecimento, visibilização e salvaguarda das protagonistas do filme e do território dos saberes da Caatinga. O filme tem 25m02 e pauta um pouco do atravessamento da pandemia entre os protagonistas do Encontro de Saberes da Caatinga. O filme foi exibido no dia 14/07/2022, dentro da programação VI Encontro de Saberes da Caatinga, e pôs quem aparece no filme e demais pessoas presentes a chorar, quando se viram em tela grande narrando sobre si ocasião muito especial e emocionante. Além disso, o filme participou de algumas mostras e festivais de filmes locais em Pernambuco e Espírito Santo, e ganhou O 8º Cine.Ema – Festival Nacional de Cinema Ambiental do Espírito Santo. No site do festival é possível ler: “O filme ‘Saber da Caatinga’ (de Marília Pinheiro e Ingá) ficou em terceiro lugar pelo júri técnico e foi eleito o melhor filme pelo júri popular, obtendo o maior número de votos pela plataforma Cine.Ema On” (Cinema, 2022).

naquele momento e ano os horizontes estavam turvos e não sabíamos o que aconteceria dali em diante, por conta da pandemia da Covid-19. Meizinheiras, como se chamam algumas raizeiras, e raizeiros, benzedores, rezadores e parteiras se reuniam anualmente há 6 anos àquela época para viver uma troca e cuidado coletivo em que também era autorizada a presença de pessoas externas aos seus universos cotidianos e comunidades. O fato de não estar realizando o evento e sem saber se um dia iriam realizá-lo novamente estava gerando muitas reflexões entre todos os que foram ouvidos para a realização do documentário. Era uma época em que não sabíamos como seria o dia de amanhã e nossos futuros devido à epidemia do vírus SARS-CoV-2, o vírus da COVID-19. Naquele ano de 2021 o Encontro não aconteceu presencialmente e esse acontecimento foi o fio condutor para que esse filme fosse produzido. No início do filme, em voz *off*, Maiadson narra:

É das terras que nasceu Gonzaga e que gerou Dona Bárbara de Alencar, que nascem essas narrativas de proteção da cultura popular. E entre galhos, flores e folhas, raízes, frutos e chás nasce o Encontro de Saberes da Caatinga, que a memória anseia preservar. Raizeiros e raizeiras como raízes irão se fincar no solo sagrado que alimenta a vida e dá a cura a quem precisar. (Maiadson Vieira, narrando seu cordel na abertura do Filme Saber da Caatinga, 2021).

O filme figura como um retrato etnográfico e também poético do Encontro de Saberes da Caatinga. Numa sociedade desigual e diversa como a brasileira, a cultura, a memória e a visibilização de patrimônios imateriais e detentores de saberes e bens culturais tornaram-se caminhos que elucidam e indicam a importância desses sujeitos em nossa sociedade, mostrando-se capaz de nos lembrar que esses guardiões de pressupostos culturais são sujeitos ativos dentro do mundo que existimos e estão – sem cessar – produzindo resistências, diálogos e soluções para o mundo. E foi a partir desse entendimento que o filme foi realizado.

O povo diz assim, faz o seguinte, passa pra mim, me ensine. Como é que eu posso ensinar? Uma coisa que, quem me ensinou foi Deus que me ensinou, não foi pessoalmente. Essa questão de como o dom veio, não tem explicação. Porque não tem uma hora certa, a natureza arruma uma forma, assim como ela arruma uma forma de dar uma manga doce, ela também arruma uma forma de trazer um cientista pra atender a humanidade. Que é um rezador, que é um curador, que é uma parteira. Porque essas pessoas não são feitas pela escola, elas são feitas por Deus, da necessidade que se tem. Quando eu falo de Deus, eu falo da natureza. Enquanto rezadeira, bebedeira, sei lá que nome vocês queiram dar, a gente primeiro tem que estar bem, sentir essa energia curadora, muito forte dentro da gente. E quando a gente tá num coletivo, e esse coletivo tem o mesmo objetivo que o meu, aí fica muito forte. Sabe aquele dial do antigo rádio? Quando você liga e conecta na mesma estação? Então, o encontro de saberes, ele permite que todos os protagonistas estejam na mesma sintonia, na mesma sintonia, na mesma energia. Há tal momento que a gente nem sabia que existiam tantos rezadores, viemos saber através do encontro, que tinha muitos rezadores. Porque você viu ali a roda do

encontro, e cada um, você dizia assim... Nossa, não sou só eu. Cada um ia falar na sua, como que foi o começo, como que tava sendo até hoje. Às vezes a mesma medicina que eu uso, ela já usa de outra forma. Isso me deixa tão feliz, porque eu fico pensando em Deus. Senhor Jesus, não sou só eu que sei fazer. E nem sou eu que sou doutora pra ninguém... (Trechos das falas de algumas rezadeiras e raizeiras que se mesclam no início da edição do Filme Saber da Caatinga, 2021).

No ano de 2022 o Encontro aconteceu virtualmente devido à pandemia e ficou sob a responsabilidade, segundo informa Seu Antônio, das pessoas colaboradoras do evento que residem no território do Ouricuri-Piauí, onde está sediada a ONG CAANTIGA, instituição que abrigava outro fundador do Encontro, o Paulo Pedro de Carvalho. Paulo Pedro foi responsável por ser a pessoa de referência na coordenação do Encontro naquele ano e que deu condições para que a estrutura de transmissão virtual de oficinas e entrevistas com raizeiras, raizeiros, benzedeiras e benzedores fossem feitas e divulgadas na internet, em ocasião de um evento que aconteceu com o público acompanhando apenas de maneira online por conta dos efeitos da pandemia da Covid-19.

No ano de 2023 o Encontro retornou a acontecer presencialmente, mas em outro território, dessa vez no Crato, na região do Cariri Cearense, no campus do Instituto Federal do Ceará, Campus Crato (IFCE), que apoiou o evento diante da parceria já firmada na região a partir das figuras de referência da coordenação do Encontro, como as irmãs Valéria Carvalho e Verônica Carvalho, mais conhecidas publicamente como as “Pretas do Cariri”, ambas participantes e protagonistas do Encontro anteriormente. Verônica, integrante do grupo e roda de benzedeiras, e Valéria integrante do grupo e roda de raizeiras. Além destes dois anos, 2022 e 2023, todos os demais anos, desde 2017 o evento aconteceu no Posto da Serra do Exu, em cima da Chapada do Araripe com apoio de um conjunto grande e diverso de organizações parceiras, como a já citada ONG CAATINGA; a Associação AGRODÓIA (Associação das agricultoras e agricultores da Serra dos Paus Dóias, associação da qual faz parte Maria Silvanete Lermen, outra valiosa interlocutora deste trabalho); a própria FIOCRUZ de Pernambuco, a partir da articulação da Islândia de Carvalho; a Associação Cristã de Base do Crato, a ABC do Crato; o Centro Nordestino de Medicina Popular, o CNMP; o Parque Aza Branca, parque que abriga parte do patrimônio de Luiz Gonzaga na cidade de Exu-PE; a Prefeitura de Exu, que faz parceria disponibilizando alguns transportes para algumas das protagonistas, em sua maioria raizeiras e benzedeiras que moram em sítios bastante afastados da cidade de Exu e do Posto da Serra, para que possam comparecer ao evento; além das pessoas voluntárias da mesorregião do Araripe e de outras regiões do estado e do país.

Segundo está registrado na publicação dos anais do 1º (2017) e 2º (2018) Encontros, pessoas dos países como Argentina, Colômbia e México estiveram envolvidas durante todo o processo de preparação até a culminância final dos dois primeiros Encontros de Saberes da Caatinga. No entanto, Seu Antônio e boa parte do conjunto de pessoas que se envolve para a realização anual do evento costuma dizer que o Encontro é autônomo. Em diversos momentos e ocasiões, essa narrativa sobre a autonomia para a realização do evento é retomada, muito como forma de atentar para a condição de “liberdade e respeito” que o espaço produz ou pretende produzir entre seus participantes e frequentadores.

E outra coisa... Não se tenha restrição de manifestação espiritual de quem quer que seja dentro do Encontro. Todas as manifestações espirituais são bem vindas. Uma coisa é você fazer propaganda da igreja evangélica, né? Outra coisa é você se negar ao evangelho e se expor. Ninguém pode fazer isso, restringir e nem se entregar a nenhum uma instituição, ou a um partido... A quem quer, qualquer coisa dividida. Por isso que a gente é independente. A gente se não tiver ninguém que queira participar (colaborar) com uma gota d'água... Como a própria prefeitura dizer “não vou levar os pipa d'água” (caminhões pipa que são oferecidos pela Prefeitura da Cidade do Exu para abastecer as caixas d'água dos banheiros da Chacára que serve de apoio para o Encontro, não tem problema não... A gente não vai deixar de acontecer por causa disso. Então essa preocupação de nenhuma maneira, entendeu? Eu tanto tinha, desde que começou, há vinte e cinco reais a inscrição pra você (quem é de fora do território) participar... Vinte e cinco reais você participar (de) oito dias, dez dias, de um de troca de informação e de conhecimento que é do seu interesse, porque senão os outros sem interesse... (Seu Antônio em conversa no mês de Setembro de 2022).

Voltando um pouco à cronologia do encontro, foi no segundo Encontro em 2018, que o evento passou a se fazer, a ser realizado, começando a partir de uma “semana-pré”. A partir de 2018, sete dias antes de se iniciarem os três dias com as três rodas de trocas de saberes com as mestras e mestres detentores de saber foi inaugurada uma semana em que era possível vivenciar outras sabedorias, principalmente as trazidas pelas pessoas e público que vêm de fora do território. Nesse ano foi inaugurada uma semana pré-Encontro, como ficou nomeada. Nela são oferecidas oficinas de terapias diversas feitas e produzidas pelos participantes que chegam para assistir e participar do evento de três dias, que é o momento das rodas de trocas de saberes entre as mestras e mestres da região, e que Seu Antônio e equipe realizadora chama efetivamente de Encontro de Saberes da Caatinga - o encontro das mestras e mestres raizeiros, benzedores e parteiras da região do Sertão do Araripe e também dos sertões próximos, oriundos dos estados do Ceará, Piauí, Paraíba e do próprio Pernambuco que detém outros sertões.

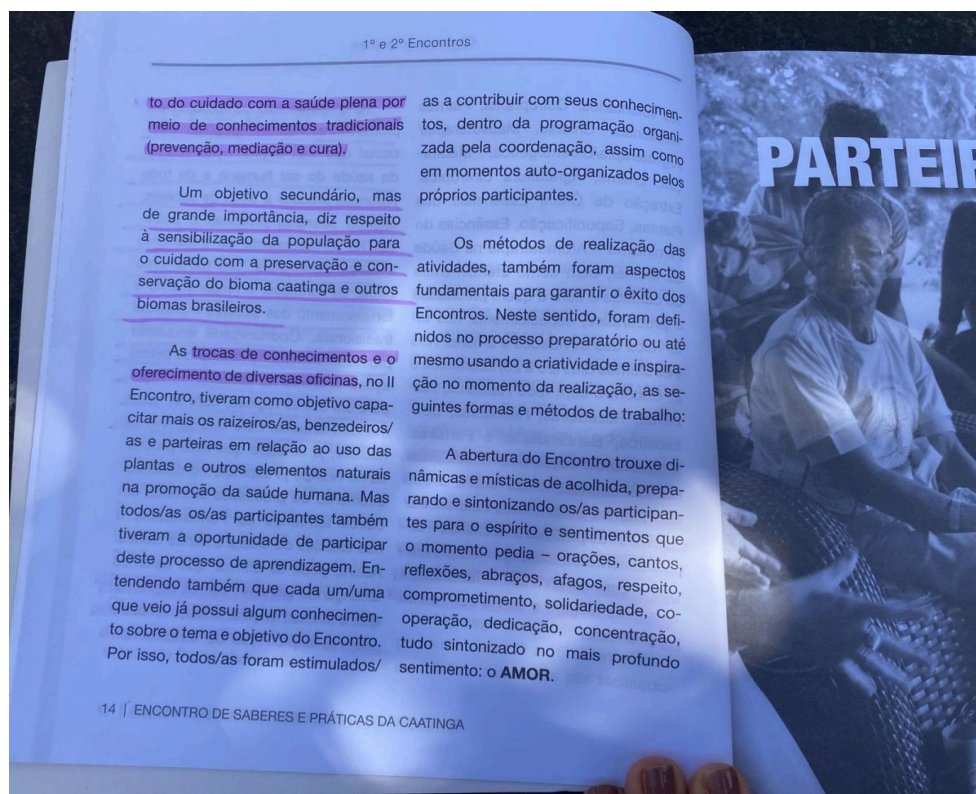
As oficinas da semana pré-Encontro acontecem em sua maioria na Escola Municipal Joaquim Ulisses de Carvalho, do posto da Serra do Exu, que também é onde se abriga a cozinha que apoia e oferece alimentos durante todo o evento. Na escola, que no mês de janeiro, mês típico da realização do evento, acontecem as oficinas autogestionadas pelos participantes do evento. Por se tratar do período de férias dos alunos e professores, o espaço também se torna o local de alimentação dos participantes. Cozinheiras da comunidade são contratadas para preparar comida, café da manhã, almoço e jantar para os participantes que desejarem se inscrever no evento pagando um valor adicional para a alimentação. As oficinas da semana pré-Encontro são realizadas por facilitadoras/es voluntários e se constituem enquanto um momento de partilha de práticas e aprendizagens diversas, não necessariamente relacionadas às sabedorias daquele território da caatinga ou do Sertão do Araripe em específico. As oficinas vão de Quiropraxia, Shiatsu, Massoterapia, Argiloterapia, Bioenergética, Meditação, Agricultura Sintrópica, Extração e destilação de óleos essenciais, Saponificação, Aromaterapia, Saúde da Mulher, Biodança, Ginecologia Natural, Auto-hemoterapia etc. Depois da realização dessas oficinas - que a organização do evento entende como momento da troca entre as pessoas que chegam para vivenciar o evento, e é o momento em que elas podem também doar voluntariamente suas expertises e técnicas de cuidado e cura para quem estiver disposto e presente naquele território - é que parte-se para os três dias finais, os três dias de roda de troca de saberes da caatinga, como é conhecido o momento de reunião das mestras e mestres da região que chegam em sua imensa maioria para o evento apenas nos três últimos dias.

Não é fácil mobilizar pessoas idosas que moram distante, sem muitos recursos de mobilidade e também financeiros e, na sua maioria, mulheres. Há um desafio cultural grande diante dessa mobilização, atravessado por marcadores de gênero, geração e classe. Mobilizar mulheres idosas para que fiquem durante alguns dias fora de suas casas em uma reunião que se pretende enquanto evento de reafirmação de suas práticas não hegemônicas e populares de cuidado e cura em saúde, engendra muitas questões importantes. Ter um contingente grande dessas mestras e mestres presentes nos últimos três dias de Encontro é por certo algo de extrema significância para o território e evento. Significa que há um entendimento regional de muita relevância por parte das mestras e mestres, e suas famílias, que permitem que essas pessoas estejam dedicadas por três dias a se reunirem em rodas de conversas e contarem sobre suas sabedorias acerca das plantas medicinais, acerca das suas técnicas de rezas, da sua comunicação com a natureza e acerca das suas espiritualidades.

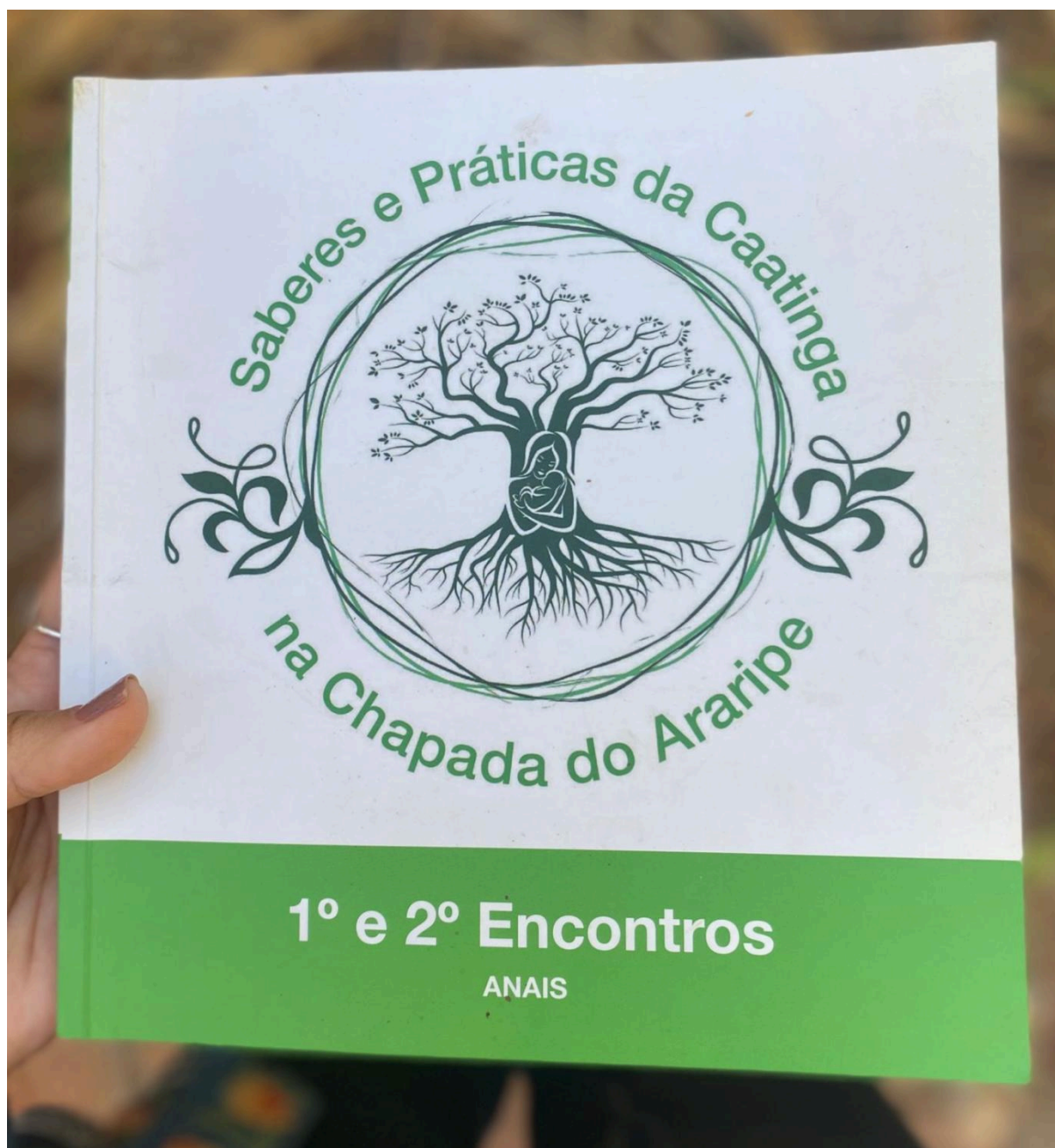
Os três dias de rodas de troca de saberes é compreendido pelo grupo que organiza e vivencia o evento como um momento de trocas e aprofundamentos de conhecimentos sobre os usos das plantas e demais elementos naturais, além das técnicas de rezas e outras práticas tradicionais, especialmente da caatinga, na prevenção, cuidado e cura de diversas enfermidades que mais afligem e causam sofrimentos entre as pessoas e suas comunidades. Nesse sentido, consta nos primeiros anais do evento, e também nos discursos de Seu Antônio, Islândia, Ilaide, Paulo Pedro, Silvanete, e das demais pessoas que constroem o Encontro de Saberes da Caatinga há anos, que o encontro tem como objetivos: 1) promover a medicina popular tradicional que visa à promoção integral da saúde do ser humano e de toda natureza; 2) articular a troca de saberes, criando sinergias proativas e positivas ao fortalecimento do tratamento e curas tradicionais; 3) promover um movimento capaz de fortalecer o renascimento e fortalecimento dos saberes e práticas tradicionais; 4) constituir-se enquanto oportunidade e processo animador e indutor de outras ações similares nos território do Araripe e em outras regiões com as quais mantém sintonia.



Fotografia de Marília Nepomuceno da Roda de Abertura do Encontro de Saberes da Caatinga, com grande roda de bênçãos, 2022.



Encontro Saberes e Práticas da Caatinga Período do Evento 19 a 22 de Janeiro de 2017 19 a 28 de Janeiro de 2018 Local Comunidade do Posto do Exu Exu, Pernambuco, Brasil	Local Publicação Recife-PE Organizadores dos Anais Islândia Maria Carvalho de Sousa Ana Vartan Ribeiro de Alencar Ulisses Paulo Pedro de Carvalho Francisco Jaime R. de Lima Filho Manuele Eufrásio Saraiva Sonicleide Sinara Feliciano Almeida	Comissão Organizadora Adenir Saraiva Alyenir Peixoto Tenório Ana Vartan Ribeiro de Alencar Ulisses Antônia Jaqueline Gonçalves Barbosa Antônio Alencar Sampaio Bruno Gonçalves Barbosa Cecília Tayse Muniz Teixeira Cícera Vitória Gonçalves de Souza Damiano Danilo Gonçalves Barbosa Edson Sales de Oliveira Francisco Jaime Rodrigues de Lima Filho Gleice Kandida Ferreira Islândia Maria Carvalho de Sousa Jefferson de Sousa Lermen José Renato Kaelly de Souza Benedito Manuele Eufrásio Saraiva Marcus Vinícius Moreira Barros Maria Iláide Carvalho de Sousa Maria Joseane Silva Narciso Maria Lúcia Carvalho Fernandes Maria Silvanete B. de Sousa Lermen Matson Herembergue Natalia Ferreira de Oliveira Patrícia Souza Paulo Pedro de Carvalho Paulo Maier Pedro de Sousa Lermen Sabrina Roberta Vitorino Santiago Silésia Alencar Sonicleide Sinara Feliciano Almeida Thailisson Santos Ribeiro Vilmar Luiz Lermen Fotografia Eliana Barbosa de Amorim Gonçalo Malta Ana Vartan R. de Alencar Ulisses	Facilitadores das Oficinas Alice Regis Alice Regis Dorsa Amanda Oliveira Andrade Ana Paula Viana Gomes Angélica Samara R. de Gusmão Antônio Alencar Sampaio Celerino Carricande Cícera Fabiola de Souza Santos Diana Moreira Divino Roberto Veríssimo Eliana Barbosa de Amorim Gregor Kux Islândia Maria Carvalho de Sousa Ivânia Maria C. de Alencar Jasper Meneles Bfencourt Júnior Leonor Solano Gonzáles Manoel Indício do Nascimento Maria Araújo Maria Silvanete B. de Sousa Lermen Patrícia Elaine de S. M. Saraiva Tereza Alencar Almeida Thais Memo Vilmar Luiz Lermen Projeto Gráfico Bruno F. E. Leite Sistematizadores Ana Vartan R. de Alencar Ulisses Francisco Jaime R. de Lima Filho Gleice Kandida Ferreira Islândia Maria Carvalho de Sousa Mariana Ferreira Manuele Eufrásio Saraiva Marcus Vinícius Moreira Barros Paulo Pedro de Carvalho Sabrina Roberta Vitorino Santiago Sonicleide Sinara F. Almeida Thailisson Santos Ribeiro
--	---	--	--



Fotografias de Marília Nepomuceno, capa da publicação dos ANAIS do 1º e 2º Encontro de Saberes da Caatinga, realizado pela Fiocruz-Pernambuco em 2018.

Pelo que se tem notícias, entre o grupo organizador do evento, o processo de reunião e troca de saberes no Araripe já estimulou o desencadeamento de processos e eventos similares em outros territórios de Pernambuco, Ceará, Minas Gerais e Goiás. Entende-se que assim teriam alcançado um de seus maiores objetivos: o de animar, inspirar e fazer renascer saberes e processos de fortalecimentos do cuidado com a saúde por meio de conhecimentos tradicionais, desde a prevenção, a mediação, o cuidado e a cura. O grupo acredita que um objetivo secundário, mas de enorme importância, diz respeito à sensibilização da população

para o cuidado com a preservação e conservação do bioma caatinga e outros biomas brasileiros, e entendem que esse objetivo tem encontrado êxito, sobretudo porque hoje estamos vivenciando o processo e percurso de pedido, por meio de organizações oriundas da caatinga e em especial da Chapada do Araripe, do reconhecimento da Chapada enquanto Patrimônio Cultural do Brasil e também da Humanidade, detentora de uma patrimônio cultural e natural relevante para os humanos e universo multiespécie.

A equipe núcleo de organização do Encontro entende também que os momentos das rodas de trocas de saberes são momentos que têm o objetivo de produzir ainda mais capacitação às raizeiras e raizeiros, benzedoras/es e a parteiras em relação ao uso das plantas e outros elementos naturais na promoção da saúde humana e do ambiente de forma que cada participante das rodas tenha a oportunidade de narrar e provocar o processo de ensino e aprendizagem acerca do cuidado e curas tradicionais e populares, levando em consideração que todas e todos possuem algum conhecimento sobre o tema e objetivo do Encontro. E é justamente por esse motivo que são estimuladas/os a participar e contribuir com seus conhecimentos dentro dos três dias de rodas de Troca de Saberes do evento Encontro de Saberes da Caatinga.

Seu Antônio narra isso de diversas formas e uma delas ele narrou também a caminho da Floresta Negreiros, em setembro de 2022, quando perguntei quem são os raizeiros que ele via que estavam muito presentes e gostavam de vir em todos os Encontros, ao longo dos últimos anos.

São vários. São vários, são todos que vêm, todos que vêm, eles continuam vindo, né? Eu não sei quando morre (se continuam vindo)... Eles estão se apresentando como eles são aqui. Então aonde é que uma curadeira, uma rezadora, ou um raizeiro se apresenta (assim?)... Inclusive algumas delas, das curandeiras, até vestida como ela faz lá no seu quartinho, entendeu? Aqui no meio da multidão... Ali (na sua comunidade) era uma vergonha ela fazer isso. Aqui ela faz com muito orgulho. É como é, né? E é como nas histórias de cada permissão que existe na Terra.. Então muitas coisas boas e muitas coisas ruim só acontece quando tem alguém que abre essa permissão... Do governo (por exemplo) quem que liga praquilo então você vê como é que abriu uma história... De perdão (outro exemplo) se não fosse a presença de Jesus Cristo comé que abria a compreensão quase como um direito, né? Que é hoje (por exemplo) os adolescentes, (a relação d)os pais com os filhos, quase como um um direito, se não fosse pelo caminho de Cristo? Ele que abriu essa permissão. Tem como abrir e como reabrir o não julgamento. “Não julgamento” foi a primeira lei que Deus deu pro homem na beira da observação, não como fruto de dizer isso é bem, isso é ruim, do bem e do mal, né? Era maçã na época. Aí depois Jesus disse, eu mesmo, com o mesmo peso que você julgar tu vai ser julgado, né? Então quem abriu essa permissão? Foi ele. Quem abriu a permissão pra amar? Foi ele. Qualquer maneira de amor vale a pena como diz o poeta porque são muitas maneiras de amar, é o infinito. Quem abriu permissão pra as pessoas conhecerem os processos da terra, que está passando com a terra não é? Então teve os que abriram. Quem abriu permissão pra uma guerra sem violência? Apanhando e aqui sendo morto aqui, até vencer uma guerra como a Índia como Gandhi fez, Gandhi abriu permissão.

Quem abriu permissão pra cheirar uma flor, ou um homem cheirar uma flor, um homem se encantar com a cachoeira? Quem foi? Foi o hippie. Vê, não foi nem religioso, nem foi isso, nem foi aquilo outro. Foi o hippie... Vê, como a coisa foi aconteceu, né? (Seu Antônio em conversa no mês de Setembro de 2022).

Seu Antônio mescla muitos entendimentos em suas concepções de mundo, suas narrativas, seus entendimentos e práticas para viver. Ao passo que convoca a figura de Jesus Cristo para explicar sobre “permissão” e compreensão coletiva das práticas das pessoas no mundo, elaborando sobre relações das pessoas e marcos da história com o território e a cultura.

A fala de Seu Antônio traz à tona seus entendimentos sobre a natureza das permissões que guiam as ações humanas, entrelaçando saberes populares, práticas espirituais e reflexões sobre a moralidade e o comportamento social. Ele aponta para um aspecto essencial do Encontro de Saberes da Caatinga: a abertura de espaços para que práticas culturais e espirituais, muitas vezes marginalizadas ou tratadas ocultamente em outros contextos, possam ser expressas com orgulho e autenticidade. Esse fenômeno de ressignificação e empoderamento dos curandeiros, rezadeiras e raizeiros no Encontro cria uma dinâmica em que essas figuras tradicionais não apenas se apresentam, mas se afirmam dentro de uma estrutura social que historicamente invisibilizou suas práticas.

A fala também sugere que o Encontro opera como um espaço de transgressão positiva, em que normas e valores sociais que restringem ou reprimem certas formas de expressão e saberes são desafiados e reconfigurados. Ao mencionar como curandeiras e rezadeiras, por exemplo, podem se apresentar vestidas da mesma forma que em suas práticas privadas, mas dessa vez "no meio da multidão", Seu Antônio destaca o papel do Encontro em transformar vergonha em orgulho, promovendo uma ruptura nas dinâmicas de poder e validação social. Nesse espaço, o saber popular é legitimado, retirado das possíveis margens que costumam habitar e é trazido para o centro de um evento que visa não apenas à troca, mas à afirmação cultural.

Essa narrativa de abertura e transgressão pode ser entendida como um processo contínuo de "abertura de permissões", como menciona Seu Antônio. Ele costuma fazer analogias entre essas permissões e momentos históricos e espirituais que marcaram transformações profundas na forma como a humanidade lida com o amor, a paz, a natureza e até mesmo com suas próprias limitações morais. Ao evocar figuras como Jesus Cristo, Gandhi e movimentos como o hippie, Seu Antônio sugere que certas permissões – sejam elas para amar sem julgamento, para perdoar, ou para se reconectar com a terra e a natureza – são

abertas por indivíduos. Esses "abridores de permissão" criam novas formas de existir e agir no mundo, assim como o Encontro de Saberes da Caatinga cria um espaço para o saber popular, antes reprimido ou marginalizado, ser validado e celebrado.

Na interlocução com a fala de Seu Antônio se insere uma análise mais ampla sobre como o Encontro de Saberes da Caatinga funciona como um *locus* de resistência e afirmação identitária. Ele ressignifica práticas culturais que, em outros espaços, poderiam ser motivo de vergonha ou ridicularização, transformando-as em atos de orgulho e pertencimento. A figura do "abridor de permissões" também pode ser lida como uma metáfora para o próprio Encontro, que abre espaço para que as comunidades possam não apenas trocar saberes, mas também resgatar e reforçar suas tradições dentro de um contexto contemporâneo que, frequentemente, desvaloriza ou apaga esses saberes populares e ancestrais.

Ao evocar diferentes exemplos de figuras e movimentos históricos, Seu Antônio constrói uma narrativa que conecta o local ao global, o espiritual ao material, e o cultural ao político. Ele sugere que as permissões para amar, perdoar, lutar sem violência e se reconectar com a natureza foram abertas por figuras que desafiaram as normas estabelecidas e criaram novos caminhos para a humanidade. Da mesma forma, o Encontro de Saberes da Caatinga abre uma nova "permissão" para que os saberes populares possam florescer e serem regados, sendo reconhecidos e respeitados, não apenas em suas comunidades de origem, mas em um contexto mais amplo.

Esse processo de abertura de permissões é central para a compreensão do Encontro de Saberes da Caatinga como um espaço de resistência cultural. É um espaço de acolhimento, onde curandeiros, rezadeiras, raizeiros e outros detentores de saberes tradicionais podem, finalmente, se apresentar como são, com o orgulho de serem parte essencial de uma rica tradição, manifestação e reunião cultural.

2.3 O método do Encontro de Saberes da Caatinga

Os métodos de realização das atividades do Encontro parte de uma perspectiva holista¹⁶, que agrega compreensões sobre respeito e integração com a natureza e as pessoas. Tal entendimento, nomeado de diversas maneiras, é evocado a todo momento, entre leituras e

¹⁶ Holismo, do grego *holos*: "inteiro" ou "todo". Sistema total que determina *algo como ver* o mundo como um todo integrado, como um organismo. Em oposição aos pensamentos materialistas, reducionistas, cartesianos etc. A abordagem holística em saúde convoca uma aproximação entre saber oficial e saber popular, e os estudos transculturais tem enorme valia na construção de novas formas integrativas de saúde. (Crema, 1989; Teixeira, 1996).

concepções culturais, sociais e políticas em relação aos acontecimentos que contornam a história da região. Essa perspectiva que se parece holista e aberta respeitosamente à diferença é determinante para garantir o método de organização e realização do evento. As dinâmicas são baseadas em místicas de acolhida, momentos de chegada, partilhas de histórias, contações sobre o que faz cada pessoa entender quem é, de onde vem, o que fazem como prática de cuidado, como descobriram suas expertises em relação a esse cuidado, juntamente com técnicas de facilitação de processos oriundas do que conhecemos ou nomeamos enquanto práticas da educação popular, dinâmicas de ativação de grupos feitas em linguagem e gestos populares, que se fundam em transformar conhecimentos em matérias acessíveis a todos os públicos enquanto, ao mesmo tempo, buscam produzir uma transformação social, no cenário das pessoas envolvidas nas ações. O que entendemos hoje sobre o que é a educação popular, e suas práticas, é atravessado pelo ato de reconhecer as realidades e as condições de vida das pessoas envolvidas nas ações e atividades, e atuar a partir dessa realidade reconhecida, promovendo e organizando estratégias e redes de apoio e transformação social (NEVES, 2022).

Outro ponto que une todas as pessoas que participam do evento sem que sejam reconhecidas enquanto mestras e mestres entre as rodas de troca de saberes é o fato de que, ao chegarem ao Encontro, todas são orientadas a realizar o cadastro de inscrição, no valor de R\$ 25,00. Caso optem por comer na cozinha que apoia o evento, os participantes pagam também os custos de alimentação, que nos últimos anos giraram em torno de R\$ 100 a R\$ 150 durante os dez dias de evento, englobando os sete dias da semana pré e três de rodas de mestres de sabedorias e cultura.

Existe um conjunto de sujeitos envolvidos na realização do evento. Há as pessoas locais, colaboradoras voluntárias, que se organizam meses antes para mobilizar os mestres e mestras para os três dias de roda, buscando-os ativamente nas comunidades para convidá-los e avisá-los do dia do evento, além dos voluntários de outros territórios que costumam colaborar na chamada “equipe de comunicação”, cuidando de registrar o evento e manejar suas redes sociais, como o Instagram,, por exemplo. Há também, é claro, as mestras e mestres detentores de saberes relacionados a plantas e técnicas de cuidado em saúde humana e saúde da terra, já que as pessoas raizeiras/os, benzedeiros/os e parteiras que compõem as rodas são, em sua grande maioria, agricultores familiares ou pertencentes a famílias agricultoras na região; estes são isentos de inscrições e têm todos os custos de transporte, alimentação e hospedagem pagos pelo caixa do encontro, mantido a partir das inscrições do público visitante geral, oriundo dos quatro cantos do Brasil, que tem ano a ano povoado o Encontro de

Saberes da Caatinga. Esse público é diverso; no entanto, pela observação que pude fazer nos anos em que frequentei o evento, posso dizer que são pessoas que carregam no mínimo uma intersecção em si: são indivíduos em busca de outras narrativas, outras maneiras de lidar com a saúde, e outras formas de enxergar o mundo. Não é incomum encontrar pessoas que estão em processos de crises existenciais, tanto na vida pessoal quanto na profissional, que buscam o espaço do evento quase como um elixir revitalizador de suas vidas. Muitas delas, inclusive, mudam alguns rumos de suas trajetórias profissionais e pessoais depois da passagem no Encontro, passando a vender produtos fitoterápicos, produzindo cosméticos a base de plantas, ou enveredando mais profundamente em formações no campo da saúde integrativa¹⁷.

O público constitutivo do Encontro tem como grande intersecção a busca por aderência a uma narrativa sobre cura e cuidado, imersos em uma espiritualidade não estritamente produzida pelo mundo ocidental, aliada a uma busca por mudança de hábitos de vida e costumes no mundo contemporâneo. Nesse contexto, o público não é mero espectador, mas também produtor e promotor do Encontro. Há uma dinâmica fluida e híbrida que conecta os participantes aos protagonistas do evento; inclusive alguns dos participantes de anos anteriores passam a compor as rodas de protagonistas dos últimos três dias de evento. Essa dinâmica também se estabelece em relação ao envolvimento das pessoas locais, pois o Encontro ajuda nos embates cotidianos da vida comunitária da região, onde o preconceito em chamar alguém, de maneira acusatória, de “macumbeira” tem sido substituído por olhares de respeito, ao ver que pessoas de diversos lugares do Brasil vêm ouvir as sabedorias que aquele indivíduo detém e que ali existem. Muitos membros das comunidades próximas têm, ano a ano, se desnudado da vergonha social de assumirem seus ofícios e práticas enquanto curandeiras, inclusive. Da mesma forma, após o contato com o evento, pessoas de outras cidades, estados e territórios retornam, nos anos seguintes, na condição de praticantes daquelas sabedorias compartilhadas e aprendidas ali.

¹⁷ Saúde integrativa é uma abordagem de cuidado que combina práticas convencionais da medicina ocidental com terapias complementares e alternativas, visando o bem-estar integral do indivíduo. Ela considera a pessoa como um todo, abrangendo aspectos físicos, emocionais, mentais, espirituais e sociais. A maior referência amplamente citada na definição de saúde integrativa é o Dr. Andrew Weil, médico e autor que popularizou o conceito (Andrew, 2011).



Fotografia de Marília Nepomuceno, abertura da Roda de Benzedeiras, 2022.

O Encontro apresenta uma chancela para que pessoas de outros locais pratiquem cuidados, e estabelece uma legitimação pública de mestras e mestres de cultura da região. Haja visto que hoje, desde o Encontro de 2022, o coletivo de organização do evento chama os protagonistas de “mestres de cultura”, e alterou o nome do evento para Encontro de Saberes da Caatinga: raizeiras/os, benzedeiras/os, rezadoras/es, parteiras e mestres de cultura da Chapada do Araripe. O Encontro forma e forja seus protagonistas e abre espaço para o diverso, mobilizando fronteiras.

Há uma grande força no evento que é a abertura para o diferente. Os efeitos disso são irrefreáveis porque o Encontro gera uma dinâmica de transformação contínua, em que as práticas e saberes compartilhados não apenas são transmitidos, mas se reconfiguram ao serem apropriados por diferentes indivíduos e contextos. Esse processo é alimentado pela confluência de culturas e espiritualidades diversas, em que as trocas vão além da simples transmissão de conhecimento, tornando-se veículos de reinvenção pessoal e coletiva. A cada novo ciclo do evento, o Encontro não apenas legitima as tradições locais, mas também

expande essas práticas para novos territórios, ao mesmo tempo em que as adapta às demandas e realidades contemporâneas das pessoas e comunidades. Essa reinvenção contínua faz com que as fronteiras entre o saber popular e tradicional, e o saber contemporâneo sobre cuidado e cura, sejam constantemente movidas, impossibilitando a contenção ou limitação, e o cálculo do seu impacto.

O efeito do contrário e do contraditório costura a própria malha do evento. O contraditório é constituinte do Encontro, haja visto que participam do evento tanto militantes em prol da vacinação quanto os chamados *antivax*, como foi percebido nos eventos que se sucederam após a pandemia da Covid-19. Há a confluência de pessoas que acreditam nas práticas da ciência ocidental hegemônica e aquelas que a desacreditam, para citar mais um exemplo. No entanto, há um limite para o contraditório e o divergente, e Seu Antônio atua como um balizador, junto a Islândia e demais pessoas da equipe organizadora, na manutenção de normas que devem se adequar ao caráter e missão do evento. Um caso ilustrativo disso, ocorrido nos últimos anos, foi o de uma rezadeira de outro território vir ao evento e decidir cobrar pelo benzimento que daria às pessoas após as rodas de trocas de saberes. A equipe organizadora não aprovou e desestimulou de pronto a prática, reiterando que, embora ela pudesse cobrar por sua prática em seu espaço de trabalho comum, não era adequado fazê-lo no Encontro. A rezadeira havia atendido alguns participantes e dito a eles que suas situações espirituais e de saúde eram graves e precisavam de cuidados severos, mediante pagamento.

O contraditório no Encontro, embora parte essencial de sua dinâmica, exige uma costura cuidadosa para que não se desvie dos princípios que o evento busca promover. O confronto entre ideias divergentes, como no caso dos militantes da vacinação e os *antivax*, enquanto elaboram e contam suas práticas, expõe tensões subjacentes entre diferentes visões de mundo. A organização precisa, então, encontrar maneiras de lidar com esses conflitos sem sufocar a diversidade que é um dos pilares do Encontro. Entretanto, há uma linha tênue entre acolher o contraditório e manter a integridade do evento. A mediação de figuras como Seu Antônio e Islândia se torna bastante significativa para que as divergências não se transformem em rupturas.

Conflitos práticos, como o caso da rezadeira cobrando por seus serviços, revelam um limite claro para a participação: práticas que ferem o espírito colaborativo e de troca gratuita de saberes são prontamente desestimuladas. Com os *antivax*, o tensionamento é tratado de maneira a não reprimir essas vozes dentro do espaço, mas tomando o devido cuidado de não legitimá-las como parte da missão do evento, criando um desafiador manejo entre acolhimento e restrição. Na prática, isso significa que, embora o Encontro aceite o diverso,

não permite que posições contraditórias comprometam a coesão do evento ou suas diretrizes fundamentais, como as citadas nos anais produzidos após os primeiros Encontros.

Nesse contexto, em busca de garantir o êxito dos Encontros, foram definidos no processo preparatório e de realização das reuniões as formas e métodos de trabalho, que constam na publicação dos Anais dos Encontros 1 e 2 (2018) e que serão descritas a seguir.

Na abertura dos Encontros acontecem dinâmicas e místicas de acolhida, preparando e sintonizando os participantes para o que é chamado na publicação de “espírito e sentimentos”, de acordo com que o momento pede. Esse momento é feito a partir de “orações, cantos, reflexões, abraços, afagos, respeito, comprometimento, solidariedade, cooperação, dedicação, concentração, tudo sintonizado no mais profundo sentimento: o amor” (Anais dos Encontros 1 e 2, 2018, p. 14).

Com o acompanhamento de uma viola e em ritmo de cantoria sertaneja, o benzedor Seu Ciço promove a mística de abertura do primeiro dia de rodas, em 2022:

Boa tarde povo que aqui estão, boa tarde povo que aqui chegou.
 Boa tarde povo que aqui estão, boa tarde povo que aqui chegou.
 Que sejam abençoados por Jesus, ele é o Salvador.
 Que sejam abençoados por Jesus, ele é o Salvador.
 Eu peço a Nossa Senhora para ela nos abençoar.
 Eu peço a Nossa Senhora para ela nos abençoar.
 Boa tarde povo que aqui estão, boa tarde povo que aqui chegou.
 Boa tarde povo que aqui estão, boa tarde povo que aqui chegou.
 Que sejam abençoados por Jesus, ele é o Salvador.
 Que sejam abençoados por Jesus, ele é o Salvador.
 Eu peço a Nossa Senhora para ela nos abençoar.
 Eu peço a Nossa Senhora para ela nos abençoar.
 Iluminar esse povo e abençoe aqui esse lugar.
 Iluminar esse povo e abençoe aqui esse lugar.
 Amém?
 - Amém

[público responde junto com aplausos ao final da cantoria] (Seu Ciço durante a Roda Inicial do Encontro - na tarde de 15.07.2022)

Em seguida, acontece a fala de orientação de Islândia:

Então, a gente sempre se reunia, né? Numa Roda... E vamos se reunir, no Raizeiro, na outra Benzedor, na outra Parteiras. E aí no último encontro em 2019 [último encontro presencial que havia acontecido]... Faz muito tempo, né? A gente recebeu [orientações espirituais] que é pra gente começar todo mundo junto e depois a gente vai, cada um, fazer seu trabalho. Mas a gente, Seu Ciço, mais um pouquinho mesmo, enquanto o pessoal vai chegando... Porque o Rezador sempre tem muita festa, muita música, né? E aí o Raizeiro diz “a gente quer ouvir”. Por isso que Seu Antônio tá pedindo mais uma

música. É porque a gente já faz muito isso. Então, São Cíço veio aqui pro Raizeiro [pro espaço/visgueiro da roda dos raizeiros, espaço onde teve início a mística geral] e vamos fazer essas músicas. Vamos começar aqui e depois a gente vai pra lá, tá certo? Mas aí eu já pediria que todo mundo entrasse nesse sentido de novo. A gente teve o teatro pra rir [apresentações culturais foram realizadas durante a manhã deste dia]. A gente já rezou hoje, e agora a gente tem esse sentido de novo, de recomeçar juntos pra ter essa conversa e ir acalmando, ir acalmando... Pra gente fazer as coisas que precisam ser feitas. E vou pedir pra quem não é Raizeiro nem Rezador ficar rodeando a roda e deixar as cadeiras pra eles, tá certo? (Islândia Carvalho, colaboradora da equipe de organização do evento e mediadora da roda de benzedores todos os anos, organizando a roda antes de mais uma cantoria de abertura. Julho, 2022)



folha de erva cidreira

2.4 As Rodas



Fotografia de Marília Nepomuceno, roda de benzedeiros, antes do início das atividades, 2022.

Após o momento de abertura e benzimento coletivo que é feito entre todos os participantes que desejam entrar na roda inicial de informes e abertura dos trabalhos, três grandes grupos distintos em formato de rodas são formados. Dois se posicionam debaixo de dois visgueiros, situados na Chácara que sedia o evento; um é formado por raizeiras e raizeiros, enquanto na outra árvore reúnem-se as benzedeiras e benzedores. A terceira roda fica abrigada em um salão aberto, bem próximo aos visgueiros, onde são recebidas as parteiras.

É na roda que abriga as parteiras onde encontramos mais pessoas, mestras, protagonistas, vindas de longe das comunidades da Chapada do Araripe, em cujo entorno, atualmente, observa-se que as práticas e saberes mais relacionados aos cuidados em saúde estão sendo concentrados entre os ofícios de raizeiras/os e benzedeiras/os. A roda das parteiras, há muitos anos, abriga e recebe parteiras indígenas, oriundas das etnias Pankararu (PE) e Potiguara (PB), por exemplo, e algumas outras poucas parteiras tradicionais vindas das comunidades locais do entorno da Chapada. Há as parteiras mais velhas, que são também em sua maioria raizeiras, e há as mais jovens, formadas pelas escolas de enfermagem, mas que se encontram ali por acreditarem em uma atenção e assistência humanizada e redutora de violências ou iatrogenias na hora do parto, e por isso reconhecem a si mesmas como parteiras.

Na roda de benzedeiras, em que a maioria das pessoas é oriunda do município de Exu e regiões do entorno, há aquelas que operam a partir dos cânticos e orações disseminadas pelo catolicismo, muito forte na região, e há também outras vertentes e doutrinas amparando as narrativas de algumas mestras e mestres benzedores que compõem a roda. É possível identificar as benzedeiras que se orientam a partir dos saberes e práticas das religiões de matriz africana: algumas delas vão, nos últimos anos, vestidas com uma indumentária possível de identificá-las e evocam em suas rezas orixás e seres encantados de matrizes africanas, umbandistas e da jurema.



Fotografia de Marília Nepomuceno, roda de benzedores, 2022.

Por fim, na roda de raizeiras e raizeiros, também constituída em grande parte por pessoas da região da Chapada e seu entorno, é possível identificar quem tem uma orientação mais estruturada pelas práticas populares e quem tem acesso às narrativas produzidas pela biomedicina, que produzem um discurso mais híbrido sobre o manejo de remédios baseados em plantas e questões acerca do cuidado com a alimentação. As pessoas que evocam o saber biomédico são costumeiramente mais jovens e vindas de outras localidades que não a Chapada do Araripe. Em muitos casos são antigos participantes que beberam da fonte das trocas de saberes dos primeiros encontros, e também da caminhada, e que, com o passar dos anos, voltam para o evento após ter vivido experiências de transformações dos seus hábitos e cuidados em saúde, podendo agora relatar seus entendimentos e vivências na roda de troca de saberes.

Todas as três rodas são dinamizadas a partir de testemunhos e narrativas pessoais de suas e seus protagonistas, e suas práticas de assistência à saúde ou cuidado comunitário. As rodas funcionam como um espaço para a partilha e demarcação de suas sapiências, e

expressões de suas práticas e combinações. Há na roda um conceito-ferramenta, que vem sendo elaborado ao longo dos anos no evento, que é o “objeto da fala”. Há em todas as rodas uma pessoa mais atenta à necessidade de estender um objeto à mão da pessoa que deseja falar para que ela receba atenção e possa se expressar.

No último ano em que passei pelas três rodas para observação com vistas a esta pesquisa, em 2022, observei que na roda de raizeiros havia um cajado funcionando como objeto de fala - um bastão grande de madeira com um gravador pregado com fita adesiva nele; na roda das benzedadeiras havia um ramo de planta; e na roda das parteiras, um novelo de linha funcionando como objetos de fala e atenção para a dinamização das rodas. Com esse instrumental, as pessoas que organizam as dinâmicas e fluxos das rodas de trocas de saberes buscam produzir uma canalização da atenção para a/o mestra/e falante. Os objetos de fala assumem uma função simbólica e prática que vai além da simples mediação das conversas. Esses itens atuam como mediadores rituais e facilitadores do compartilhamento de saberes, transformando o ato de falar em um momento de autoridade temporária e escuta atenta. Essa ferramenta canaliza a atenção coletiva, reforçando o valor da palavra proferida naquele momento.

No entanto, em todos os anos em que pude acompanhar as rodas, percebi que não havia uma preocupação explícita sobre o tempo de fala, uma equidade do tempo de narração de cada um, e sim uma livre circulação de ideias, de tempos e maneiras de usar ou pedir a palavra durante as atividades, o que difere das práticas orientadas por uma institucionalidade moderna, que frequentemente buscam distribuir o tempo de fala de maneira equitativa e ordenada. Nas rodas observadas no Encontro, o objeto de fala não busca regular o tempo, mas sim organizar a legitimidade da expressão individual naquela roda de troca coletiva. Ele serve como um marcador a indicar o momento em que a pessoa passa a deter a palavra, criando um espaço de autoridade simbólica. Além disso, os objetos – o cajado, o ramo de planta, o novelo de linha – carregam simbolismos relacionados às práticas tradicionais de cura e cuidado comunitário dos detentores de saber de cada roda, sendo também representações materiais das sabedorias compartilhadas no evento.

Naquele ambiente, esses objetos se encontram com o espiritual e o simbólico. O ramo de planta, na roda de benzedadeiras, evoca o poder das ervas medicinais e rituais de cura, enquanto o novelo de linha remete à prática de cortar o cordão umbilical dos bebês após o parto, como fazem as parteiras. Assim, o objeto de fala não apenas indica quem se expressa, mas também carrega e reforça os valores culturais e as práticas do grupo em cada uma das

rodas. Ele conecta a fala ao fazer, unindo o discurso à prática, e reafirma o papel coletivo e participativo da comunicação.

Entre os temas que tomam as narrativas dentro desses grupos, na roda de raizeiras e raizeiros chama a atenção o foco sobre o que seria a “energia das plantas”, algo como a capacidade que as plantas têm de produzir saúde e cuidado ao humano e ao território. A repetição desse conceito e entendimento ilumina uma experiência compartilhada de forma unânime na roda, que acaba por produzir uma gramática do evento. Termos como “cura”, “fé” e “alimento” são, sem dúvidas, palavras estruturadoras dessa gramática.

A valorização e a revalorização das plantas e das práticas e técnicas para seu uso, e a perenidade dos saberes que se reconstituem ali chama bastante atenção dentro do Encontro de Saberes da Caatinga. A interseção do entendimento compartilhado no evento sobre as plantas, enquanto base do instrumental dos saberes que ali circulam, figura como uma certeza de que elas foram, são e sempre serão protagonistas da cura, do cuidado e do manejo da saúde humana. A constância do consumo dos alimentos e dos remédios à base de plantas citados nas rodas se apresenta como algo contínuo ao longo das gerações como um promotor da saúde. Ou melhor, é aquilo que faz a saúde. Há quase uma pregação, dentro da fala de alguns protagonistas mais jovens, sobre a necessidade de mudança de hábitos de vida, que parece soar muito bem aos ouvidos de muitos dos participantes que estão aparentemente desiludidos com suas próprias experiências padronizadas pelo capitalismo.

Paulo Moreira, baiano, amigo de Seu Antônio, que frequenta a Caminhada de Troca de Saberes e o Encontro, fez uma grande mudança nos hábitos alimentares durante seu último período da vida, e que se coloca hoje como colaborador voluntário no Encontro, elabora sua fala na roda de raizeiros dessa maneira:

Eles estão bem aí, são simples. Alguns, vamos dizer, desses pensadores, de cuidadores, se fala de quatro venenos brancos, né? Tem quatro venenos brancos.

As farinhas, né? Mas os quatro venenos brancos, passa um pelo açúcar branco, pelo sal, e quais são os outros? O leite e farinha branca. Está vendo que, de certa forma, todo mundo tem isso dentro. E a gente passa uma vida lutando com esse tipo de alimento... A farinha branca, até porque o trigo não é mais o trigo de Jesus, né? Não é mais. A gente inventou uma tal de transgênia que deixou o trigo meio diferente. Ele parece mais uma cola do que o trigo como ele é, né? Então essa cola aí, ela é responsável hoje, para quem não tem resistência... Porque o grau de resistência ao alimento, a esse veneno, ele tem grau, né? Não é todo mundo que sofre. Tem gente que é celiaco, que é o maior grau. Mas todo mundo é sensível a ele. Aí ele, esse trigo, ele chega a colar no intestino, e quando ele cola, o intestino quer abrir o espaço para poder passar, quebrar o alimento, e entrar na nossa circulação. E quando ele faz isso, ele passa o alimento inteiro. Aí o corpo diz “mas o que é isso mesmo aqui?” Aí ele cria uma... Anticorpos, né, que a gente chama. Ele cria uns guardiões e diz “vamos combater esse rapaz”. Só que esse rapaz aí não faz parte, né, dessa substância, dessa molécula, mas faz parte do nosso corpo. Então

a gente começa a se auto-atacar. E aí tem muito nome para esse auto-ataque. Chama “auto-imune”. São doenças auto-imune, quer dizer, doenças tipo reumatismo, tipo vitiligo, né? Fibromialgia... A gente tem muitos nomes, né? São mais de quatrocentas, né? Quatrocentas doenças que esse alimento hoje, que já foi um alimento central, né? E ainda é, né? Ele é central, porque todo o planeta faz uso dele ainda. Ele é central. Mas, por ele ser central, também está provocando um bocado de dano. Ele está provocando um bocado de dano, né? E não é fácil. Ainda mais porque a gente tem uma afetividade com ele, porque é dos pais, né? Vem dos avós, vem de outras gerações. E a gente aprendeu assim. E aí o nosso comportamento e a nossa afetividade com ele é grande. Então é difícil. A gente... É meio que uma briga, né? Você vai, mas fica lá se atraindo... E ele chama, mas é por causa da nossa ancestralidade, que foi passada dessa forma. Mas hoje a gente tem que reconhecer ele (Paulo Moreira. Mais jovem que a maioria dos protagonistas da roda, alguém com menos de 50 anos de idade, colaborador voluntário do Encontro há anos, convidado por Seu Antônio para compor a roda de raizeiros no primeiro dia de roda em 2022).

Há um forte apelo nas rodas de troca de saberes, e no evento como um todo, na busca por organicidade dos modos de vida e o contato com a terra, com plantas e com dimensões espirituais. Frases como “A natureza é viva, todo corpo vivente têm espírito”, são ditas entre as rodas e trocas de saberes, por exemplo. Há ainda uma rede sociotécnica¹⁸ sendo visibilizada, (re)produzida e fomentada em cada uma dessas rodas, a partir da expressão das trajetórias de pessoas que têm suas vidas mais ou menos orientadas pelo contato e manejo com plantas, com seres espirituais e com a terra. Uma rede sociotécnica, segundo Bruno Latour (1987), é um conceito utilizado para descrever a interconexão entre atores humanos e não-humanos (tecnologias, dispositivos, instituições, etc.) em um sistema social, refletindo a ideia de que as sociedades são estruturadas por interações complexas entre elementos sociais e tecnológicos, que se influenciam mutuamente. Esses elementos, por sua vez, não agem de forma isolada, mas se organizam em redes dinâmicas, moldando práticas e comportamentos.

Nas rodas são expressas as trajetórias e histórias de vida de quem está falando, e durante esse momento são transmitidos seus aprendizados, suas sabedorias e seus hábitos. Dentro do círculo central há os mestres e mestras contadoras de si e de suas práticas de cuidado e cura, e numa roda externa, e maior, há os ouvintes, participantes que escutam esses

¹⁸ O conceito de "rede sociotécnica" tem suas raízes principalmente na Teoria Ator-Rede (ANT, em inglês, Actor-Network Theory), desenvolvida pelos sociólogos e antropólogos Bruno Latour, Michel Callon e John Law. Bruno Latour é amplamente considerado um dos principais criadores e desenvolvedores dessa abordagem. A Teoria Ator-Rede propõe que tanto atores humanos quanto não-humanos (objetos, tecnologias, instituições) formam redes de relações que se influenciam mutuamente. Latour, Callon e Law argumentam que as tecnologias e os dispositivos técnicos devem ser entendidos como parte ativa nas dinâmicas sociais, em vez de serem meros instrumentos passivos. Um dos principais textos de referência de Bruno Latour é "Science in Action" (Latour, 1987), no qual expande suas ideias sobre a construção da ciência e as redes sociotécnicas. Michel Callon também é conhecido pelo artigo "Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen of St Brieuc Bay" (Callon, 1986), em que aborda redes sociotécnicas no contexto de interações entre humanos e não-humanos.

relatos e a troca de saberes entre as mestras e mestres. Nesse ponto acontecem falas subsequentes umas às outras e são produzidas ou provocadas revisões de valores, produções de novos hábitos, e compartilhamento dos códigos e conceitos expressados durante a ocasião.

Nas trocas e aprendizagens dos raizeiros, Seu Antônio fala sobre os Vaqueiros da Morte, por exemplo. Esse tema em especial cativa as atenções de todos em seu redor. É o mesmo tema que evocado por Paulo em sua fala, mais associada à narrativa da biomedicina, sobre os 4 venenos brancos. No entanto, a maneira com que Seu Antônio e outros raizeiros mais antigos e anciões da região articulam o pensamento é muito interessante. Ele fala que, assim como os boiadeiros fazem com os bois, essas comidas tangem, os humanos para a morte. Através do linguajar popular da região, tal imagem conduz o entendimento das pessoas sobre o que é compreendido como causador de má saúde. Entre os Vaqueiros da Morte narrados por Seu Antônio estão o sal, a farinha branca, o açúcar e o óleo de cozinha. Para ele, o adequado é usar o óleo da banha de porco; o doce do mel e da rapadura; o sal integral, o sal grosso, e não o refinado; e as farinhas que não são de trigo. Fala também do consumo de água, que é melhor que seja no filtro de barro, pois através deste ingerimos a terra junto, e, segundo conta, a ingestão da terra e de tudo que vem dela é bom. Tal assunto já havia sido tocado anteriormente na fala de Paulo Moreira, que explicou que as águas que consumimos, vendidas envasilhadas em garrações, vêm cheias de benzeno, dioxina e anti-hormônio.

Na roda de raizeiros, antes de começar a discorrer sobre o poder de algumas plantas, Seu Antônio fala de uma perspectiva mais geral sobre o mundo. Ele narra, por exemplo, que o mundo é regido por eras ou épocas de energia. A primeira teria sido a “Energia da Unidade”, na época de Jacó, na qual todas as espécies seriam de interação. Seu Antônio narra que nesse período, que ele chama de “início”, não existia fome e não existia ego. O ego apareceu quando o humano comeu “a fruta do julgar”, dando início à divisão do Bem contra o Mal. A segunda era teria sido a da dispersão, que foi se afastando da energia de unidade, chamada de “Era da Energia de Dispersão do Humano”. Aqui o ser humano passou a viver do pensamento, sob forte influência da energia masculina, segundo conta, fomentando o medo e o individualismo humano. A terceira era, a da “Dispersão dos Anciões” é quando o povo cigano, o povo de Abraão, sai pelo mundo manejando a energia da fixação. A quarta é a “Energia das Leis”, com o advento dos mandamentos, que seria uma forma masculina de proteger as comunidades, quando a justiça feita através da energia do masculino produziu o método do “olho por olho”. A quinta foi a “Dispersão dos Reis”, que se relaciona a Saul e à

destruição, sem que deixasse a energia feminina se expandir. E a sexta, e aparentemente última, que estamos terminando de viver, seria a “Era da Graça”, manejada por Jesus e seus apóstolos, com forte influência da “Energia da Mãe”: ocorre então o que Seu Antônio chamou de “contracultura” e desmanche da cultura vigente. “Com a energia da graça não há culpa”, ele conta. É uma era de acolhimento, compreensão e diálogo, o retorno do não-julgamento. Jesus abriu a permissão para as pessoas serem quem são.



chá de ervas

Após uma conversa geral, na qual situa um pouco seu entendimento sobre em que ponto no tempo estamos situados, e pelo seu fio condutor acerca da história do mundo, Seu Antônio conta sobre os usos das plantas que considera importante compartilhar naquele momento entre o grupo. Ele, e outros raizeiros protagonistas da roda, sempre falam a partir de uma perspectiva de prevenção e cuidado contínuo, sobre ser importante criar rotinas e uma “farmacinha caseira” com: sementes de macela, para cuidar do intestino e da digestão; boldo; semente de urucum; erva cidreira e erva doce. Indica também para que se faça, duas vezes ao ano, uma “limpeza para verme” com doce de batata de pulga, ou mastruz com leite, ou leite de mamão, ou alho com semente de jerimum.

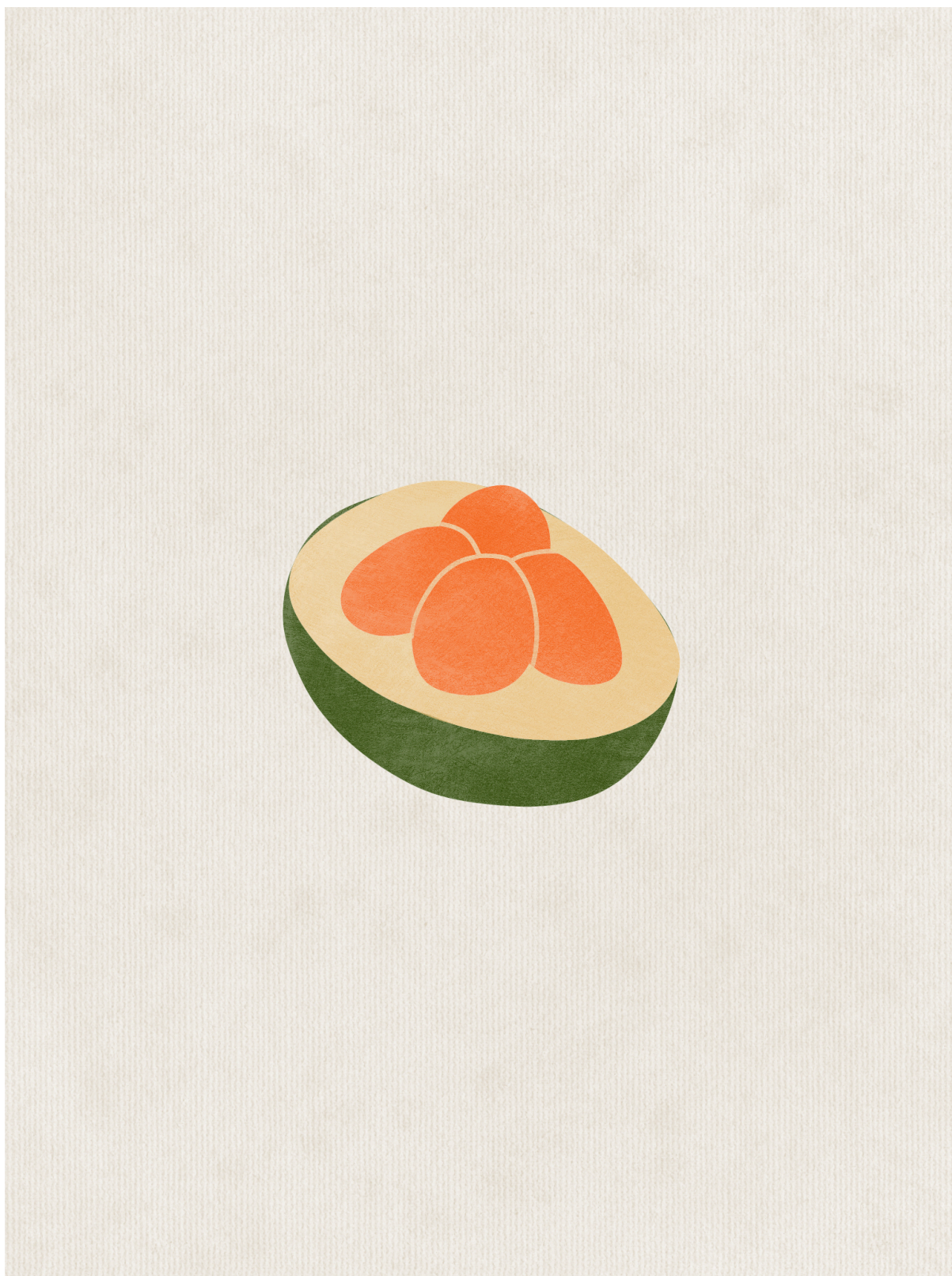
Para matar “ameba”, ele fala do poder do uso da raiz do cansanção por 21 dias, ensinando que deve-se pilar a planta, botar na água para beber e tomar banho, além do uso da folha da pitanga junto com a folha da hortelã miúda.

Sobre as rotinas para a vida, fala que, para começar, é importante tomar três colheres de gergelim, para fazer o controle hormonal, e que serve também para a memória; fala da erva-doce para o intestino; a semente da imburana de cheiro para dores de cabeça, eficiente também para intestino, estômago e fígado; casca de laranja seca como calmante; folha de juá para a queimação; erva-cidreira para acelerar a digestão e abrir o apetite; óleo de pequi como anti-inflamatório poderoso e relaxante muscular; hortelã para a febre e gripe; e ainda para casos de gripe, conta que é bom tomar também o banho da colônia.

Em seguida, menciona várias associações entre plantas e seus poderes de cuidado e prevenção de doenças e incômodos diversos, além de explicar que a má digestão no intestino grosso pode gerar problemas no coração, na garganta, sinusite e dor de ouvido, já que a febre intestinal produz toxinas.

Para cuidar e prevenir doenças na próstata, semente de jerimum; para dente de criança que está erupcionando, chanana (damiana); para Gardnerella, babosa com mel, banho de assento com alecrim, macela ou folha de goiabeira; para cuidar da vulva, pimenta de mico (macaco) branca; para engravidar ou para quem tem ovário policístico, romã junto com folha de amora; para o intestino preso, sêne, ameixa, chia e beterraba; para hemorróidas, babosa, cebola ralada, pomada de copaíba e supositório de folha de melão São Caetano; para a doença conhecida na região como “Verme do Porco”, pó de minhoca da terra; para dor de dente: cravo da Índia, azedúria, romã, melancia, óleo de girassol e própolis; para epilepsia: canabidiol, pó de mucunã e semente de mororó; para enxaqueca: noz moscada, arruda, erva-cidreira e chá de pimenta do reino; para vômito: mulungu, maracujá, umburana e raiz

da jurubeba; para anemia: jurubeba e jenipapo; para rinite e sinusite: eucalipto e macela; para diabetes: leão do norte, jurubeba, graviola e folha de oliveira.



pequi aberto

3. FUNDAMENTO CONCEITUAL: COALIZÃO ENTRE PLANTAS, SERES ESPIRITUAIS E O MANEJO COM A TERRA NO ENCONTRO



mulher e chá de ervas medicinais na caatinga

Este capítulo se dedica à análise dos fundamentos conceituais que emergem do Encontro a partir das vozes de dois dos seus principais interlocutores: Silvanete e Seu Antônio. Ambos figuram como representantes da visão que alicerça a prática e a condução do evento, articulando saberes tradicionais e espirituais que enraízam o cuidado com a saúde e o bem-estar no manejo direto com a terra e as plantas. Para eles, o Encontro não é apenas uma reunião de pessoas, mas, sim, um espaço em que a interação com seres espirituais e a natureza é central, criando uma coalizão simbiótica entre os humanos, os espíritos e o mundo vegetal e mineral.

Silvanete, uma rezadeira e guardiã dos conhecimentos tradicionais, e Seu Antônio, um raizeiro e mestre de cultura local, visionário impulsionador do evento, tratam a relação entre plantas e seres espirituais como um pilar fundamental para a compreensão da cura e da regeneração do ambiente natural e social, assim como no contexto do Encontro. Ambos apontam para uma rede viva, composta por forças da natureza, que, em conjunto com os participantes, produzem uma troca de saberes e conexões essencial para o equilíbrio e para a saúde do corpo, do espírito e da comunidade.

O Encontro de Saberes da Caatinga se produz na coalizão e coligação da diversidade, produzindo uma episteme sagaz dele, que é diferente da episteme hegemônica e da episteme nativa do território. O que se mobiliza no evento é um repertório em coalizão. E esse repertório híbrido possibilita um espaço de construção de visibilidades, enquanto as comunidades envolvidas procuram criar seu próprio protagonismo.

O Encontro emerge de uma complexa teia que envolve uma diversidade de atores, práticas e saberes. Nesse contexto, ele produz o que podemos chamar de uma episteme própria, que se distancia tanto da episteme hegemônica – vinculada às tradições científicas e acadêmicas ocidentais – quanto da episteme estritamente nativa, relacionada aos conhecimentos tradicionais e populares. O que se configura no evento é um espaço em que os diferentes saberes e práticas não apenas coexistem, mas interagem ativamente, criando uma nova forma de conhecimento que não pertence exclusivamente a nenhum dos pólos, mas que se constroi na tensão e no diálogo entre eles.

Esse repertório em coalizão, que mistura elementos de saberes ancestrais e tradicionais com práticas de cuidado contemporâneas, possibilita a construção de um espaço híbrido, no qual o conhecimento é constantemente ressignificado. Ocorre tanto a preservação, quanto a reinvenção das práticas e saberes, e as trocas e interações que acontecem no

Encontro não anulam as diferenças entre os saberes, mas conseguem produzir potencialização, gerando novas formas de entendimento e de relação com o mundo.

Além disso, essa coalizão de saberes cria um terreno fértil para o surgimento de novas visibilidades. As comunidades envolvidas no Encontro, tradicionalmente marginalizadas ou invisibilizadas pelos discursos dominantes, encontram ali uma plataforma para reivindicar seu lugar de fala e protagonismo. Por meio da partilha e da reafirmação de suas práticas, esses grupos de raizeiras, benzedeiras, parteiras e mestras e mestres de cultura constroem uma narrativa própria, que se contrapõe aos modos de conhecimento e cuidado hegemônicos, ao mesmo tempo em que dialogam com eles. O Encontro não é apenas um evento de troca de saberes, mas um espaço de reconhecimento e de legitimação das práticas e das identidades das comunidades que o constroem. Ao se basear em um repertório híbrido e dinâmico, possibilita o surgimento de novos protagonismos, tanto no nível local quanto no âmbito das discussões mais amplas sobre cuidado e saúde para além do território.

3.1 Por uma ontologia própria: os ensinamentos de Silvanete

O evento pode ser compreendido como um evento crítico que produz ou abriga uma ontologia própria, um conjunto de referências que o conecta a uma episteme. Ele conecta, de uma forma específica, os mestres e o público. O evento entrega ao público uma elaboração da relação da cultura popular dos humanos viventes no bioma da Caatinga com os mais que humanos, ou supra-humanos - plantas e seres espirituais, em especial. Termos nativos surgem em coalizão aos termos hegemônicos, e acontece uma borra na relação simbiótica de humanos e plantas, e humanos e seres espirituais. O lugar é o lugar do abrigo, uma reunião de pessoas que detêm saberes específicos e produzem uma troca de saberes na tensão da coalizão e da simbiose com o repertório da ciência e de quem está ali. Como é o caso da ciência do beber a água do filtro de barro em conjunto com o benzimento da água, há uma coalizão e uma tensão que faz parte desse repertório específico.

E é a partir da noção de coalizão que a presença e a contribuição dada por Maria Silvanete Benedito Lermen se faz dentro do Encontro de Saberes da Caatinga e também no território da Caatinga. Maria Silvanete Lermen, como se apresenta para o mundo, é uma agricultora familiar, agroflorestora do Semiárido, benzedeira e orientadora em saúde comunitária no seu território, a Serra dos Paus Dóias, comunidade próxima ao Posto da Serra, onde acontece o evento. Atualmente é membro da RAMA - Rede Nacional de Apoio às

Mulheres Agroflorestoras - e da AGRODÓIA - Associação dos/as Agricultores/as Familiares da Serra dos Paus Dóias - em Exu, Sertão do Araripe, Pernambuco, da qual foi presidente entre 2015 e 2019. A sede da associação fica abrigada dentro de seu terreno familiar de residência. No local reside Silvanete, seu marido Vilmar Lermen, agricultor agroflorestor também largamente conhecido na região e dentro do movimento agroecológico nacional, com os filhos e agora um neto.

Seu sítio, sede da associação e da sua casa, é referência regional e nacional em práticas agroflorestais e de convivência com o Semiárido, desenvolvendo uma experiência de processamento de frutas e plantas nativas e desenvolvimento de produtos para o aproveitamento integral e agroecológico de alimentos na região da Chapada do Araripe. Mestre detentora de saberes de cuidado e cura ancestrais, e defensora do alimento vivo e da terra viva como cura, Maria Silvanete é guardiã e referência em saúde tradicional ministrando oficinas, encontros e intercâmbios a partir de sua casa, promovendo a troca de saberes, o resgate e a valorização dos conhecimentos tradicionais, além da defesa da soberania alimentar e da autonomia das práticas integrais de saúde no sertão.



Fotografia de Marília Nepomuceno, início da Roda de Benzimento, Silvanete falando ao centro, Encontro de Saberes da Caatinga, 2022.

Trabalhei com Silvanete ao longo de todos esses últimos anos e pesquisas. Estivemos juntas em projetos de pesquisa culturais dos quais fomos co-coordenadoras, especialmente das ações dos projetos no âmbito do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura - FUNCULTURA, sendo um deles a pesquisa cultural que originou a publicação “Terra Linha Planta Oração”, projeto de pesquisa e criação coletiva realizado junto às mulheres detentoras dos saberes de cura da Serra dos Paus Dóias, comunidade do Sertão do Araripe/PE, com o objetivo de fortalecer e promover o reconhecimento dessas mulheres, seus saberes, a identidade e a memória de seu território a partir das plantas importantes em suas trajetórias de vida, sendo narradas por seus relatos, que foram transcritos na publicação, além das imagens das plantas bordadas pelas mulheres.



Fotografia de Ana Carvalho em trabalho de campo na imersão para a realização do projeto “Terra, Linha, Planta, Oração”. Na imagem da esquerda para a direita: neto de Dona de Jesus, filha de Silvanete, Marília e Dona de Jesus empunhando o início do bordado que Marília iniciara da sua própria mão. No bordado está a mão de Dona de Jesus, que fez muitos remédios do mato e benzeu muita gente, 2022.



Fotografia de Marília Nepomuceno, bordado da mão de Dona Maria de Jesus, 2022.

Também no âmbito do trabalho de alcance internacional, por meio da captação de recursos, pude articular em Pernambuco junto a Silvanete o trabalho com o GRRIPP (2020, 2021 e 2022). O projeto GRRIPP (Resiliência Responsiva ao Gênero e Interseccionalidade na Política e na Prática) foi sediado na Universidade de Londres (UCL), e teve por objetivo construir ou fortalecer redes entre acadêmicos, ativistas e gestores públicos para repensar o gênero a partir dos saberes e experiências do dito “Sul” global. O projeto se deu, portanto, em torno de ações e reflexões em torno do Bem Viver, do Cuidado com a Terra e com os Espíritos, evocando formas populares e ancestrais de viver, conhecer e se relacionar com humanos, não humanos e com o ambiente, consideradas fundamentais e necessárias para repensar o mundo atual, segundo nossos povos e comunidades locais do bioma Caatinga.

Éramos quatro coordenadoras, eu e mais uma coordenadora dentro de cada uma das três comunidades que confirmaram o projeto, sendo uma delas a Silvanete, pensando, refletindo e agindo para fortalecer as práticas de cuidado já operadas por elas em suas comunidades. Entendemos juntas que quem diz cuidado, diz mulher e relações de gênero. São as mulheres as principais detentoras dos conhecimentos de preparo dos alimentos e plantas de cura, assim como dos cuidados, cultivos e coletas dos alimentos e remédios vindos do mato, das plantas.

O projeto “Cosmonucleação Regenerativa” confirmou nos debates e discussões que participamos juntas, desde Londres à Colômbia e Brasil, em seminários e eventos que estivemos presentes para falar sobre o que estávamos fazendo em Pernambuco, a centralidade do que diversas feministas contemporâneas chamam de trabalho de cuidado ou da reprodução social, que são todas as atividades - visíveis e invisíveis - necessárias à reprodução da vida do ser humano, tais como manutenção dos espaços, cozinha, e cuidado com as pessoas, especialmente em debates sobre a invisibilização e a desvalorização do trabalho realizado majoritariamente por mulheres.

No contexto do projeto GRRIPP, as construções que decidimos pôr de pé permitem relações, conexões, trabalhos espirituais e de cuidados comunitários já antes realizados pelas mulheres e pessoas das comunidades, mas que não tinham lugar oportuno para serem abrigadas em seus territórios e comunidades. O projeto deixou evidente a demanda dessas mulheres e necessidade de uma ligação entre o material e o imaterial para fortalecer os ofícios, práticas e saberes das mulheres detentoras de saberes de cuidado e cura comunitária.

Entre a natureza e o ser humano, nos relatos transcritos dos cadernos de saberes que produzimos, é possível materializar o entendimento de que a natureza realmente aparece em vários momentos como protagonista, acima de todos, “mãe-terra”, fonte de sabedoria e de

vida. Salienta-se, especialmente a partir do que é trazido por Silvanete, a importância de cuidar de suas (nossas) raízes, como ser humano e como povo, e de plantar sementes



árvore do cajuzinho da caatinga

Além desses projetos, trabalhamos em colaboração, produzindo para o Selvagem Ciclo de Estudos Sobre a Vida, um ciclo de estudos idealizado pela Dantes Editora e orientado por Ailton Krenak (2021 e 2022), que realizou um intercâmbio no sítio de Silvanete, gerando vídeo-poéticos inspiradores e que podem ser acessados no *Youtube* do Selvagem. Participamos, ainda, das rodas de troca de saberes *online* com o tema Mulheres, Plantas e Cura I e II - ciclo inspirado pelos saberes de Silvanete e outras mulheres de territórios negros e indígenas de Pernambuco e da Paraíba - e que propôs uma deriva pelas práticas e saberes dessas mulheres-território a partir de suas narrativas, trajetórias e de seus quintais medicinais e comestíveis, onde habitam uma coleção de ervas e plantas utilizadas nos seus fazeres de partejar, curar, benzer e rezar.



Print de um dos episódios do Clico Selvagem “Mulheres, Plantas e Cura”, Protagonismo de Silvanete, Verônica e Valéria Carvalho, em conversa sobre germinar as árvores que somos no mundo, 2022.

Dessa relação, além de conseguirmos desenvolver e construir fomento às atividades já antes realizadas, sem aporte de recursos, por Silvanete e pelas pessoas da região, conseguimos produzir alguns feitos significativos juntas, segundo elabora Silvanete. A partir de nosso trabalho conjunto, possibilitamos a construção física demandada por Silvanete no projeto GRRIPP, que é onde ocorrem reuniões políticas, oficinas, recepção de universidades, institutos federais e escolas que vão até o território de Silvanete fazer atividades e imersões, tornando possível que hoje haja um centro de referência de práticas de cura, benzimentos e também beneficiamento de plantas e de alimentos na região. A estrutura é constituída por salas redondas separadas por paredes sinuosas onde são realizados benzimentos, reuniões e oficinas. Além de estar funcionando hoje também como uma lojinha e ponto de venda dos produtos beneficiados pela agricultura familiar da região, oriundos da AGRODÓIA. Silvanete nomeou o espaço de Espaço Maiêutica de Cura.

A relação com Silvanete se imbrica enquanto uma parceria e colaboração intensa. Foi com Silvanete que pude acessar as aprendizagens com o fogo, com as chamas das velas como canalizadoras de intenções, que via anos atrás as minhas avós fazendo. Foi também nessa parceria de trabalho e de realização de projetos profissionais e de vida que pude me sentir contribuindo com o território e com o campo, trabalhando para produzir pesquisas-ações na Serra dos Paus Dóias que geraram feitos que atendem algumas demandas daquele território.

Portanto, de 2021, ano que iniciei esta etnografia, até os dias de hoje, tenho percorrido uma estrada extensa e intensa de elaboração de ações, e também de elaboração de mundos, junto a Silvanete. Nossa primeira interlocução e momento de parceria e irmanação se deu por meio das oficinas de agrofloresta, extração e destilação de óleos essenciais do Encontro de Saberes da Caatinga, do qual eu não participei, mas como voluntária do evento ia cotidianamente entregar o almoço para os participantes. Nos três dias finais de roda de benzedeadas do Encontro, resolvi me benzer apenas com ela. Eu não costumava me benzer para não ser mais uma pessoa nas filas de benzimento. No Encontro, sobretudo dentro da equipe que organiza o evento e seus voluntários, há um entendimento de que as benzedeadas ficam física e energeticamente estafadas, e, por esse motivo, eu nunca ia para as filas me benzer para não sobrecarregá-las, até que um dia resolvi ser benzida por Silvanete e ela me passou uma longa mensagem, contou sobre minha missão na terra, segundo o que ela estava vendo e, de lá até aqui, temos produzido parcerias em projetos e situações diversas.

Dessa maneira, e a partir da ligação que criamos, pude fazer um longo e vasto caderno de campo junto às vivências e imersões com Silvanete. E a partir dele é que trago aqui alguns trechos importantes para que entendamos o que ela mobiliza dentro e para além do Encontro

de Saberes da Caatinga. Silvanete, assim como Seu Antônio, são dois protagonistas do Encontro que produzem uma reverberação muito grande diante de suas práticas e narrativas e, assim, tornam-se sujeitos e personagens de fundamental importância para a fama e o conhecimento que o evento e a região vêm tomando ao longo dos anos.

Silvanete convoca a todos durante suas atividades no evento a moverem-se no mundo, a fazerem algo onde vivem e se relacionam socialmente, para acessarem o que existe de adormecido ou de vontade de práticas de cuidado dentro de si em colaboração com seu entorno, seja a partir do cultivo e do manejo com a agrofloresta, seja pelo o que ela própria chama de “isca”, que ela produz com a oficina de extração e destilação de óleos essenciais durante o Encontro de Saberes da Caatinga. Ela diz que coloca esse nome para atrair as pessoas, mas que o que ela trabalha na oficina é o autoconhecimento de cada um, a destilação é só um detalhe no meio de tudo que é vivenciado.

Em todas as vivências que acompanhei com ela conduzindo, seja nos momentos de evento ou pós-evento, ela fala sobre a importância de narrarmos sobre nós mesmos e descobrirmos que plantas somos e quais nossos propósitos de vida. Em setembro de 2022, fiz uma imersão de duas semanas com ela para produzir material para esta pesquisa. Na ocasião, ela dizia assim:

Falar dos Paus Dóias é dizer que aqui nós temos um berço de saberes ancestrais muito profundo, que muitas vezes nós, que estamos aqui, nem nos tocamos que temos isso tão profundo, tão histórico. É o que faz a nossa resistência e nossa continuidade. Quando a gente fala que os Paus Dóias tem uma efervescência histórica, ancestral, de pertença da mata, da terra, tem tudo isso. Quando você busca essa história você vivencia isso. Estar aqui no meio desse pessoal [se referindo às benzedadeiras antigas que residem na serra] é você sentir essas histórias. Isso é bem forte. (Maria Silvanete, em setembro de 2022).

Essa fala de Silvanete sobre a Serra dos Paus Dóias destaca sua compreensão e senso de pertencimento em relação à valorização de saberes ancestrais que são entendidos como essenciais para a continuidade e resistência cultural de uma comunidade. O discurso dela enfatiza que esses saberes estão enraizados no território, revelando uma conexão simbiótica entre as pessoas e a terra na região. A ancestralidade, aqui, não é vista apenas como algo do passado, mas como uma força viva que define a identidade coletiva e atua como um motor de resistência cultural. Ao dizer que muitas vezes os próprios habitantes "nem se tocam" dessa profundidade histórica, a fala de Silvanete chama atenção para a invisibilidade ou desvalorização que os saberes tradicionais podem sofrer, especialmente em um mundo cada

vez mais dominado por narrativas modernas e hegemônicas que não valorizam esses saberes. Ela propõe uma valorização dos saberes que são marginalizados pelas epistemologias dominantes, mas que carregam alternativas de resistência e continuidade cultural. A menção à "efervescência histórica" sugere que a história desses saberes não é apenas uma memória passiva, mas uma atividade dinâmica que continua a moldar a vida contemporânea na comunidade. Isso pode ser entendido a partir da ideia de que o território e a prática comunitária criam uma continuidade histórica na qual o passado não é distante, mas presente e em constante reconstrução.

A convivência com as benzedeiras antigas na comunidade ressalta a importância da transmissão de saberes entre gerações e das práticas de cura. O modo como essas histórias e saberes são "sentidos" e não apenas ouvidos, mostra uma dimensão corpórea, dotada também de sentido espiritual, da transmissão cultural em que o saber está enraizado tanto no corpo físico e espiritual, quanto na terra, na comunidade e no ambiente natural. Esses elementos apontados por Silvanete sugerem que, em seu território dos Paus Dóias, do Sertão do Araripe e da Chapada, quando estamos pensando no Encontro de Saberes da Caatinga e suas práticas espirituais e de cuidado, eles são fundamentais para a construção de uma identidade coletiva, enraizada tanto no espaço físico quanto no espiritual e ambiental.

Sua mãe, Maria de Souza Benedito, benzedeira católica da região, segundo conta Silvanete, tem o dom de benzer famílias. Fazia novenas poderosas nas casas dos agricultores vizinhos e promovia muita proteção e cuidado comunitário com suas práticas, dando continuidade a um trabalho já feito por sua avó.

Mãe vem de uma turma de gente que eu chamo de cordão do umbigo, cordão umbilical. Que vem lá de muito antes, lá da sua bisavó e vem puxando tudo isso. Todos eles eram curadores, todos eles eram benzedeiros, todos eles faziam esse processo de cura. E essas mulheres vão dando continuidade. Então vizinha... Vizinha fazia muito um trabalho de equilíbrio familiar. Era tão forte que, quando tinha problema com a gurizada, as mães vinham e chamavam ela pra fazer a correção. Então, mãe chega com esse mesmo equilíbrio. Quando você percebe que ela vai pra casa fazer o benzo, percebe que ela traz isso da mãe dela, sabe? Isso é interessante, a gente compreender o que é que nós trazemos enquanto saberes, enquanto talento. Mas é necessário nós despertarmos para isso, porque muitas vezes a gente tá ali e alguém veio e nos sufocou, e disse que aquilo era errado. É quando se diz: "eu não pratico"... Muitas vezes, quando eu me apresento, não digo que sou cuidadora, porque também já fui muito sufocada (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2021).

A reflexão sobre a transmissão e manutenção dos saberes locais e ancestrais no contexto da cura e das práticas espirituais, especialmente os benzimentos, é o mote de Silvanete, que expressa uma consciência enraizada em seu território e na relação com os outros ao seu redor, ressaltando a importância das redes comunitárias e familiares na preservação e disseminação desses saberes. Ela destaca as técnicas de benzimento, enfatizando que essas práticas são não apenas espirituais, mas também físicas e promotoras de saúde comunitária, demonstrando uma visão integrada do corpo e do ambiente.

Há uma consciência sobre por quem está rodeada, e Silvanete sabe apontar o que acredita ser necessário para a manutenção dos saberes e das práticas de cuidado e de cura da sua comunidade, além de saber identificar em seu entorno quem possui práticas mais específicas. Há, por exemplo, benzimentos para levantar a espinhela, a coluna, há benzimento para não engasgar, não soluçar, não deixar o fogo queimar matas ou casas. Há muitos tipos de benzimentos entre a comunidade. Há muitas técnicas de benzimento que evocam uma espécie de reeducação física, e também energética do corpo, para ela em interlocução com o ambiente. Para Silvanete, e para as pessoas que promovem e realizam o Encontro de Saberes da Caatinga, benzer o outro, cuidar do outro, fazer o bem ao outro e à comunidade, produz uma relação de reciprocidade tão grande para o bem que se expande e também gera saúde para o local e para quem está realizando o benzimento.

Quando a gente escuta Dona de Jesus [benzedeira de mão cheia, não praticante, da comunidade] dizer “eu sou Maria de Jesus, tenho tantos anos, nasci e me criei aqui, nunca precisei sair daqui”, quando essas mulheres trazem esses depoimentos, você vai percebendo que se ela diz: “eu nasci e me criei aqui”, ela tá dizendo assim: que eu nasci e me criei e quem me ajudou a criar, me criar e criar os demais foi tudo isso que está aqui no meu entorno, foram as frutas daqui, as frutas nativas que também se utilizam bastante, foi a própria madeira, foram as próprias folhas. Dona de Jesus é uma benzedeira, e ela não se apresenta como tal. Mas ela é benzedeira. Dona de Jesus faz um benzo que são poucas as pessoas que fazem. São poucas as pessoas que têm o que eu chamo de dom, as que trabalham os dons em determinados locais do corpo. Todos nós temos um dom. A gente nasce com esse dom, mas são poucas as pessoas que fazem aflorar esse dom, fazem despertar, fazem acordar. Essas são coisas que são poucas as pessoas que conhecem, mas é necessário nós trazermos porque esses são os nossos saberes. Dona de Jesus faz o benzo da garganta. Ela faz um benzo geral, mas ela tem uma oração específica da garganta, que faz esse equilíbrio. Quando eu era pequena, eu lembro que quando a gente começava a se engasgar demais, diziam: “vai lá que ela levanta o pinguelinho e você para de se engasgar tanto”. É quando se dizia que a campainha estava desregulada, e fazia isso. A gente cresceu ouvindo isso. Essas são coisas que poucas pessoas conhecem, mas é necessário a gente trazer, porque esses são os nossos saberes. Dona de Jesus faz oração geral e faz essa oração também.

Como eu falei de mãe, mãe também faz essa oração e faz também a oração das casas, que é o benzo nas casas, o benzo familiar. Ela faz muito isso nas famílias, entre as famílias. É tanto que às vezes eu digo: “mãe, faça mais, vai mais”, porque tem dia que ela tá muito se reclamando de dores. “Mãe, vai mais, faz mais orações, tá precisando fazer esse equilíbrio”, então ela faz isso.

Por isso eu tô puxando o cordão, porque quando você puxa o cordão de Dona Maria, aí vai pra Dona de Jesus, aí de Dona de Jesus vem pras netas. Isso é uma continuidade histórica, não é mesmo? Então faz esse equilíbrio familiar. Quando a gente tem esses dons, os dons são principalmente para a família, e aí, depois, a família é que vai irradiando, e vai irradiando e vai chegando mais. E como é que se irradia? Aquilo que é bom, todo mundo quer. Assim, é necessário nós praticarmos em casa e, depois, nos demais que vão chegando, vão se agrupando, vão se achegando e vão vivenciando tudo isso.

Aqui perto a gente tem um caso bem interessante, que é Carlos. Ele, muito próximo da outra avó, que vem com isso muito forte lá do sertão [lugar que ela se refere como fora do alto da Chapado do Araripe]. A vó de Carlos, que ele é criado por ela, morou um bom tempo lá nas Cacimba. Carlos diz pra todo mundo: “eu não acredito muito nisso, eu não acredito muito em tal coisa”. Mas ele é muito firme e forte naquilo que ele aprendeu com a avó. Você sente aquela firmeza. Mas ele diz: “eu não creio”. E eu digo: - Tu crê, Carlos! Quando tu diz que tu faz e tu aprendeu e tu vai lá e faz, tu crê em alguma coisa! É sempre uma luta pra que, na conversa com Carlos, ele compreenda o que é crer, o que é acreditar, o que é fazer, o que é praticar. Tudo isso que se faz é um rezo de orações, de crenças, de práticas e de cura. Por isso eu vejo a importância do objetivo de registrar essas práticas de uso das plantas, no dia a dia. O uso das plantas seja no chá, nos lambedores, nas raizadas. E, ao mesmo tempo, o que é que eu faço no dia a dia. (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2022).



Colher com lambedor de ervas

A descrição de Dona de Jesus, uma benzedeira que não se identifica diretamente como tal, revela a humildade e a invisibilidade que muitas dessas figuras de saber tradicional assumem em suas comunidades. Mesmo com dons reconhecidos e práticas diferenciadas, como o "benzo da garganta", a sua autopercepção como guardiã desse conhecimento ancestral é moldada pela dinâmica local de humildade e discrição. O "dom", como Silvanete menciona, é algo que as pessoas possuem, mas poucos conseguem despertar, revelando a importância de uma autoconsciência, visibilidade e legitimação de seus saberes e práticas como ferramentas capazes de mobilizar essas sabedorias.

A ideia de continuidade histórica e intergeracional, em que os saberes e dons técnicos e espirituais são transmitidos de geração em geração, fortalecendo laços familiares e comunitários, é uma herança que não é vista como algo estático, mas como uma prática ativa e viva, que vai se irradiando para além da família, alcançando e impactando a comunidade mais ampla. Essa noção de "puxar o cordão" sugere que a conexão entre o presente e o passado é mantida por meio de práticas e saberes transmitidos oralmente e por meio da convivência diária. O caso de Carlos ilustra um aspecto interessante da relação entre crença e prática. Embora ele verbalize uma descrença, suas ações revelam o oposto: uma conexão intrínseca com o saber de sua avó, que molda suas práticas e condutas. Esse paradoxo entre crença e prática sugere que a fé ou crença de Carlos, ou das pessoas de maneira geral, não é necessariamente um ato consciente, mas pode ser algo que se manifesta por meio da repetição de ações aprendidas e incorporadas na vida cotidiana.

No entendimento de Silvanete, vemos o reforço sobre a importância de registrar e documentar essas práticas tradicionais, não apenas para preservar o conhecimento, mas também para reafirmar a relevância dessas sabedorias no contexto atual. A menção aos usos cotidianos das plantas, como chás e lambedores, revela a integração prática e simbólica desses saberes nas rotinas diárias das comunidades, ligando a cura física à cura espiritual e comunitária. Há uma articulação sublinhada na relação complexa entre saberes tradicionais, espiritualidade e a vivência cotidiana, evidenciando como o cuidado e a cura se estendem para além do corpo físico e englobam toda uma rede de relações familiares, comunitárias e ambientais.

Silvanete demonstra muita satisfação por demandar para que, quem puder, registre os saberes que estão em efervescência em seu território. Ela se empenhou e se empenha, até hoje, para que se registre o que ela entende que há de poderoso e profundo em seu entorno. Hoje, Silvanete, inclusive, coleciona coordenações e co-articulações inúmeras com pessoas e organizações que buscam produzir conhecimento e também salvaguarda dos saberes, das

práticas e dos elementos existentes na Chapado do Araripe e em sua comunidade, a Serra dos Paus Dóias. Silvanete fez, nos últimos anos, graduação, especialização e, em 2024, ingressou no mestrado em desenvolvimento territorial na Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, e tem se empenhado em registrar e produzir autonomia e auto-atenção comunitária em sua região. Em suas palavras: “Eu sempre digo que quem faz a nossa história somos nós, desde que a gente conte, que a gente registre. Nós precisamos registrar” (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2022).

Fortalecer e produzir autonomia e auto-atenção comunitária em sua região significa narrar e fortalecer os conhecimentos sobre os “remédios do mato”, como os mais antigos chamam. Tal qual ela aponta:

Os remédios do mato são feitos pelos nossos cientistas populares. É importante a gente ter isso bem claro. Nós, que estamos na comunidade, somos os cientistas populares. E por que é isso? Porque a ciência do laboratório se baseia no que os cientistas populares estão falando. Sentar na roda (do Encontro de Saberes da Caatinga) é muito bom, porque são muitas as histórias que o pessoal conta e pratica no dia a dia. As conversas vão surgindo e você vai se lembrando. Dona Maria de Jesus mesmo, quando eu sento com ela, ela que não vai pro *Encontro*, ela conta como utilizava a raiz do cambuí, como as mulheres utilizavam o chá, por exemplo. Ela diz que a raiz do cambuí, a tia dela, irmã do pai dela, fazia remédio pra mulher que tava meio descontrolada. Era do lado do sol, quando o sol nascia. Então, ela ensinava como era que fazia o chá da raiz do cambuí. E Dona Maria de Jesus aprendeu com a irmã do pai, que falava isso. E cambuí é nosso. E Dona de Jesus conta que hoje em dia o pessoal não acredita mais em remédio do mato... Quando ela adoeceu... A mãe morreu de diabetes, então ela disse: “eita, quando eu adoecer de diabetes, eu vou castigar no remédio do mato!” Mas quando eu vim me acordar, a diabetes já estava lá em cima, já estava descontrolada demais. Aí não controlou mais não. Mas ela disse: “eu vou tomar pata de vaca, vou tomar todo remédio aí de quem ensina, chá de goiaba... Dona de Jesus conta que caju e chá de manga, todos eles servem pra diabetes. Para os rins, hoje em dia aqui não tem nem aquele estreito de passarinho com aquele espinho de cigano. Tem mais no inverno, na seca não tem não. Um dia, com uma dor assim do lado, a irmã dela disse a ela: “Maria, faz o chá do estreito do passarinho com espinho de cigano, tu não toma três chás!”. Ela conta que fez e não sentiu mais dor de jeito nenhum. Esse estreito de passarinho serve para muito remédio. E são desses matos que se criam nos pés de pau. (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2022).

Em um dos dias que estive junto de Silvanete e que saímos para conversar com outros vizinhos, ela contou que eu estava com ela fazendo um trabalho de registrar os saberes das plantas e pude gravar uma roda de conversa entre alguns agricultores e curandeiros da Serra

dos Paus Dóias, com Francisco Carlos Gonçalves Barbosa, Josiana Gonçalves da Silva, Maria Lucélia Souza Silva, Maria de Jesus Souza Ferreira, Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen, Maria Ni Gonçalves da Silva, Moisés de Oliveira, Maria de Lourdes Souza da Silva, Maria de Souza Benedito e Maria Ferreira Gonçalves.

Trago aqui um destaque para a fala de Moisés e Dona Maria de Jesus, raizeiros amigos de Silvanete, moradores da Serra dos Paus Dóias:

Eu tinha outras doenças no corpo, tipo gastrite. A gastrite foi curada com mel de abelha e babosa. Foi-se embora a gastrite. Eu não podia comer essa coisa de massa, qualquer coisa: macaxeira, macarrão, cuscuz... Na hora que eu comia ficava uma queima muito forte. Com o remédio do estreito de passarinho me curei. O uso das plantas medicinais até hoje lá em casa se mantém. Ontem mesmo chegou minha tia com a espinheira santa, que serve para matar bactérias. Úlcera ela cura também, a espinheira santa. Mas acredito que o mastruz foi o principal pra esse problema que eu tinha e que no início era muito sério, me impedia de andar. Eu sentia muitas dores. Só o mastruz limpo passado no liquidificador, isso foi cicatrizando [a úlcera ativa]. As febres que sentia não sinto mais. As dores que eu sentia, na hora que eu tomava o mastruz dava um choque, parava de doer. O mastruz dura em média oito horas no organismo. Quando passava o efeito do mastruz, começava a doer de novo, aí você tem que tomar novamente. E por aí vieram muitas coisas que me ensinaram: a aroeira, a ameixa, a quina quina, que também é para desinflamar. O banho do açafraão, que é muito bom também. Ele dá um choque no corpo, tira toda moleza que tiver no corpo. Febre, tira na hora com o banho do açafraão. O eucalipto, quando eu sentia febre, tomava o banho do eucalipto e a febre ia-se embora. Dava uma esquentada tão grande no corpo que molhava tudo. Com meia hora já não tinha mais febre, não tinha mais nada. O alecrim, a baraúna, a semente de melancia também são bons pra febre. (Moisés, em conversa gravada em Setembro de 2022).

Tem o lambedor de juá. Ele é feito assim: a gente bota mais ou menos um quilo de juá, meio quilo. A quantidade de um pacotinho, cheinho de juá raspado. Você bate ele com a mão. Pode mexer com a mão mesmo. É bem forte, vai ficar bem cheio. Tirou aquela espuma, torna a repetir novamente. Tira a segunda. Nove vezes! Tem que dar nove espumas. Depois que tirar as nove espumas, coloca, na quantidade de dois litros, três copos desses de açúcar. Aí pode mexer até ele se unir. Quando ele se une, você bota a garrafa e leva pra um lugar que tenha sol e sereno pra ele passar três dias. Três dias com três noites. Assim ele está se reproduzindo ali. Por conta do clima do dia e da noite, ela vai ficar tipo um caldo, vai chocar todinho. A quantidade de um litro é suficiente para você ficar bom: três vezes ao dia, meio copo de manhã depois da merenda, meio copo antes do almoço, porque já vai forrar o organismo, e outro antes da janta. Sempre manter ele antes, porque depois que se alimenta, o alimento vai controlar. Como é um remédio antigo, é um remédio que pouco se vê falar. Muitas vezes você gasta duzentos, trezentos reais de remédio e não fica bom, e com um remédio bem simplesinho, barato... O juá, com vinte reais você resolve! Esse era um remédio que a gente tomava. A gente não tinha médico, nosso sítio que a gente morava não tinha médico. Era novidade você ver falar de um médico. Quem eram os médicos? Nossos pais mesmo! Às vezes, tinha criança ali que caía nos

braços doente e o remédio era um vizinho ou um amigo quem ensinava, e ficava bom. E tudinho se criaram! Mas na primeira água, tudinho adoecer. Vai tomar daquela água e vai adoecer, que a gente, mantido unido com a natureza, se o clima mudar a gente muda também. Se você vai de um lugar pro outro, você sente o impacto (Moisés, em conversa gravada em Setembro de 2022).

Veja, Moisés traz essa mudança das águas. Todo mundo sente, todo mundo fica empazinado ou sente alguma cólica, alguma coisa assim. Isso é interessante, porque vizinha quando dizia assim: “tá chegando o período da chuva nova”, ela botava a gente pra ir atrás de pitanga, já de olho na mudança das águas. Na mudança das águas a gente tomava muito chá de pitanga. Mas por que isso? Porque todos nós temos um bichinho chamado ameba. Às vezes, a pessoa acha que ameba é verme, mas é um protozoário. Nesse sentido, na mudança das águas, ela aparece com força, provoca dores, provoca empazamento, o intestino trava. Fica como se fosse o bucho inchado. E o chá da pitanga faz cuidar justamente disso. Então, vizinha botava pra ir atrás das folhas de pitanga. Na vizinhança, quando tinha alguém com problema, já corria lá atrás das folha da pitanga, que era pra fazer o chá. Assim, quando Moisés traz isso, você percebe que os povos, nas suas regiões, nos seus territórios, cada um construía suas estratégias de enfrentamento, percebe? (Maria Silvanete, em conversa gravada em Setembro de 2022).

A palma santa é santa mesmo, não é? Minha mãe, quando ela tinha criança pequena que dava dor de barriga com espremedeira, ela tirava uns pedaços da palma, tirava os espinhos e botava assim, no rescaldo com fogo; puxava a labareda e botava só no rescaldo, e ela ficava bem molinha. Então era descascar, espremer, adoçar e dar o menino. Ela dava era muito, que não tinha outro jeito. Por isso que nós é sábio. O Brasil só sabe da medicina, mas nós sabemos dos remédios das raizadas, que nós se criemos assim (Dona Maria de Jesus, em conversa gravada em Setembro de 2022).

Bom, o pessoal vem trazendo uma série de coisas. Por trás de tudo isso tem também os alimentos. Aqui, o pessoal utiliza muito o jatobá, que é utilizado tanto o fruto quanto a farinha, pra alimentação. Mas também a casca dele para o remédio, para os lambedores. Saiu também a fala do cambuí para pressão alta. O pessoal antes aqui comia muito mais o fruto do cambuí, que traz um equilíbrio muito interessante. Quando você traz esse relato dessas pessoas com tanta idade, que não tiveram tanto esse desequilíbrio na saúde, quando você vê o histórico delas com o cambuí, a murta... Esses são alimentos que existem aqui, e quando a gente fez a análise, realmente o cambuí é riquíssimo em ferro, riquíssimo em tanino. Quando se fala: “eu não tive problema de circulação sanguínea ou de pressão alta”, sabemos que pra tudo isso o tanino ajuda. O tanino é justamente a substância que está lá no vinho, mas aqui o pessoal come o tanino naturalmente e muitas vezes nem percebe. Tá dentro do cambuí, tá na murta. Isso do uso das plantas na alimentação e no remédio a gente traz para dentro da pesquisa científica, que eu chamo de pesquisa científica do laboratório. E tem essa nossa, que é a científica do popular. Então, esses são os nossos cientistas populares. É importante a gente ter isso bem claro. Nós, que estamos na comunidade, somos os cientistas populares. A ciência do laboratório se baseia no que os cientistas populares estão falando. Por isso é interessante esse relato aqui, com todas essas gerações juntas. Pra gente, isso é muito bom, porque você vai vendo as gerações, vai passando de geração em geração, vai passando de

mãe pra filha, de filha para irmão, de irmão para sobrinho, e isso é uma continuidade. (Maria Silvanete, em conversa gravada em Setembro de 2022).

A conversa que se tece entre os vizinhos destaca a continuidade dos saberes transmitidos de geração em geração e a importância da conexão com a natureza para o bem-estar físico e emocional das pessoas. Vamos explorar alguns dos principais pontos abordados no texto.

Moisés dá um testemunho vívido do poder da medicina popular, apontando para o uso de plantas medicinais como ferramenta importante na cura de suas doenças, como a gastrite e úlceras, por meio do uso do mastruz, da espinheira santa e do juá, por exemplo. O processo de cura é descrito com detalhamento, destacando o papel de elementos da natureza que são muitas vezes ignorados pela medicina hegemônica e alopática. O conhecimento de Moisés sobre essas plantas e suas propriedades revela uma relação íntima com o ambiente, na qual ele compreende não apenas o que usar, mas também como e quando utilizar esses remédios. Além disso, o uso do lambedor de juá, descrito com cuidado e detalhamento, demonstra o profundo respeito e compreensão sobre os processos e ciclos naturais, como a influência do clima e o "reproduzir" do remédio em sincronia com o sol e o sereno, evidenciando como o cuidado e a cura popular manejam uma ritualística conectada aos fluxos da natureza, em que o ato de preparação é parte integrante do processo curativo e de cuidado.

A interconexão entre o ser humano e os ciclos da natureza, como a mudança das águas envolvendo o regime das chuvas, afetam e afetaram desde outras gerações a saúde comunitária na região, como demonstra a conversa. As comunidades e as pessoas, em sintonia com esses ciclos, desenvolvem suas próprias estratégias de enfrentamento aos desafios que vivenciam. A relação com a mudança das águas é um exemplo de como as sabedorias populares tradicionais e os povos que as manejam entendem e respondem a fenômenos naturais que impactam sua vida e sua saúde, e de como vão desenvolvendo remédios e técnicas específicas para lidar com esses momentos, como o chá de pitanga mencionado por Silvanete. Além disso, o testemunho de Dona Maria de Jesus também reforça a ideia de que os remédios naturais eram essenciais para a sobrevivência, especialmente em comunidades onde o acesso à medicina formal e hegemônica era limitado. A palma santa, usada para tratar dores de barriga em crianças, é um exemplo de como o conhecimento empírico foi passado por meio das gerações, garantindo a sobrevivência em tempos difíceis.

Na conversa, Silvanete chama atenção para a validade científica dos saberes populares ao afirmar que as práticas tradicionais muitas vezes servem de base para a pesquisa científica

em laboratórios. Por mais esse motivo, ela destaca a importância de reconhecer os "cientistas populares" como aqueles que, em suas comunidades, mantêm vivas essas tradições e práticas, muitas vezes com uma compreensão tão profunda quanto a ciência hegemônica e formal. Silvanete reconhece que os alimentos e plantas usados pelas gerações mais velhas, como o cambuí e a murta, têm efeitos comprovados, aplicando uma episteme validada pelos componentes químicos das plantas, como o caso do tanino no controle da circulação sanguínea e da pressão alta, que hoje são validados pela ciência e medicina moderna. Assim, ela vai justificando a integração necessária entre o conhecimento tradicional e científico na qual o saber popular não deve ser desqualificado, mas, sim, reconhecido como parte de um sistema de conhecimento mais amplo. A fala de Silvanete propõe uma visão complementar entre esses dois mundos, na qual a ciência popular é tão valiosa quanto a ciência de laboratório, e ambos podem colaborar para uma compreensão mais profunda da cura e da saúde.

Há uma vastidão e uma profundidade de saberes populares e tradicionais sobre a cura e o cuidado na região, que apontam como a medicina popular, profundamente enraizada na relação com a natureza, e isso oferece, entre o entendimento dessas curandeiras e curandeiros, detentores de saberes e mestres de cultura, uma abordagem complementar e eficaz para o cuidado da saúde. Os testemunhos de Moisés, Maria Silvanete e Dona de Jesus refletem um sistema de conhecimento integrado no qual corpo, mente, natureza e espírito estão interligados, e, ainda, a cura e o cuidado não são apenas físicos, mas também espiritual, cultural e ambiental.

Além de reunir pessoas para falar de remédios do mato, dentro e fora das rodas do Encontro de Saberes da Caatinga, Silvanete leva consigo e entre o grupo que realiza o evento, uma máxima: “Existe um portal da gratidão, que é o que atravessamos na vida aqui e no Encontro.” Além de evocar as águas. A Chapada do Araripe, no alto de seus mais de 1000 metros de altitude, tem muito problema com o abastecimento de água. No filme-documentário “Saber da Caatinga” é comovente ouvir uma benzedeira cantando e benzendo a partir de um cântico de Iemanjá. A referência sempre tão viva sobre a escassez e também a importância das águas para as pessoas daquela região é de saltar aos olhos e ouvidos de quem conversa com elas. Dona Socorro canta e benze assim:

Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar. Mãe d'água, seu canto é bonito quando faz “chuar”. Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar. Mãe d'água, seu canto é bonito quando faz “chuar”. Iemanjá, Iemanjá, rainha das ondas, sereia do mar. Rainha das ondas, sereia do mar. O canto é bonito

quando faz “chuar”. Sempre faz o pescador chorar. Ele escuta a mãe d'água cantar. Vai com ela pro fundo do mar.

Vai com ela pro fundo do mar. Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar. Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar. Mãe d'água, seu canto é bonito quando faz “chuar”.

Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar. Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar. Mãe d'água, seu canto é bonito quando faz “chuar”. É Iemanjá, Iemanjá, rainha das ondas, sereia do mar. (Dona Socorro, benzedeira do Posto da Serra)

Silvanete, por sua vez, se narra assim, enquanto água e enquanto árvore:

Nosso caminho, nossa vida, tem que saber ver. O meu caminho é o caminho das águas. Trazer isso é trazer a história de como uma área passa a ficar tão forte quando você quer, quando você sonha, trazendo alimento, trazendo remédio, trazendo aquele bem-estar que você tanto almeja. Hoje eu tenho bem claro como é o meu caminho das águas, tenho claro como é tudo por aqui. Mas, quando chegamos, a gente olhava e era como se a água descesse para o outro lado. Essa era a visão que a visão nossa passava. O ideal era que a gente conseguisse ver. Um pouco aquela história de poder morar num local por um ano pra perceber o espaço. Mas a realidade muitas vezes não permite, e a gente faz errado mesmo. Quando as pessoas vêm aqui, a gente pergunta: - Qual é o caminho da água? E o pessoal responde: - O caminho da água é pra acolá! Nunca imaginam que o caminho da água é este outro. Hoje a gente sabe. É um caminho de água muito forte. Tem que saber ver! Chegamos nos Paus Dóias em dezembro de 2006 [quando Silvanete e família compram seu primeiro terreno na vida]. Primeiro em mãe, pra romper o ano. Depois nos mudamos pra cá, acho que em novembro de 2007. Eu já tinha vontade de vir logo. Voltar pro campo [Silvanete morou nas cidades de Caruaru, Belo Jardim e Exu em alguns períodos de sua vida] pra vivenciar tudo aquilo que a gente tem guardado na mente, aquilo que a gente vivencia quando criança, os saberes praticados na própria família. Você vai crescendo, vai construindo e vivenciando aquilo. No meu pensamento, eu queria uma entrada com árvore grande! Então a gente plantou o guapuruvu, que cresce bastante. E do outro lado o tamboril, que a semente a gente lança. No início, lançamos muitas sementes dentro da área - sementes que a gente ia pegar lá no Agreste e também aqui no entorno. Lançamos sacos de sementes pra ver se vinha logo árvore grande. Mas a baraúna, que é aquela que só se vê os pauzinhos, nasce por conta. Não sei quem trouxe: se foi algum pássaro ou se foi o gado passando, a gente não sabe. O fato é que a baraúna surge lá e é bem interessante isso. Porque quando a gente busca a baraúna na história dos usos, ela é uma das plantas que se utiliza para inflamações na gengiva, dores de dente. Para desinflamar, a baraúna é muito forte. Os mandacarus a gente trouxe lá de papai e plantamos cá deste lado, e o danado do mandacaru nunca cresceu. Tá lá, pequenininho. Mas quando vinha pra cá, toda gente dizia assim: - Onde é a casa de vocês? - Passando pelo pé de mandacaru grande, a primeira entrada! - a gente respondia. Depois, o outro mandacaru surge e cresce bastante. Então a gente completou: - Passando o mandacaru grande, a outra entrada do pezinho de mandacaru! Depois surge mais outro. Aí mudou: - Passando a casa do pé de mandacaru, a entrada que tem dois pés de mandacaru. E assim vão surgindo as formas que vão trazendo outras referências. Vai surgindo tudo isso que a

gente vê aqui. Do outro lado tem o jatobá, que é uma planta que tem no imaginário da gente muito forte também. A gente subia a mata grande. Subia e ia comendo jatobá. A gente dava graças a Deus quando tinha jatobá! Cada um queria chegar primeiro no pé pra quebrar e comer. Quando chegamos aqui já tinha um pezinho, hoje ele está daquele tamanho todo! E, por fim, aqui deste outro lado, nós temos o pé de pau dóia, a árvore símbolo da nossa comunidade. Ela é a nossa copaíba. É uma árvore que tá muito forte nos usos dos povos. Mas quando a gente chega aqui já não tem mais como tirar o óleo dos paus dóias. A história que o pessoal conta já é a história do fogo, do incêndio. Os paus dóias mais grossos foram queimados. Existe uma área aqui, que está sendo derrubada agora [pelos fazendeiros], que é onde tinha os paus dóias mais grossos. A gente achava que em pouco tempo conseguiria tirar o óleo. Mas estão sendo derrubados. Então, a gente fez uma campanha muito grande para que todo mundo tivesse um pau dóia em sua casa, para repovoar os paus dóias. Trazer tudo isso é trazer a história de como uma área passa a ficar tão forte quando você quer, quando você sonha, trazendo alimento, trazendo remédio, trazendo aquele bem-estar que você tanto almeja (Maria Silvanete, em conversa gravada em Setembro de 2022).

A referência à água na região destaca um desafio ambiental e social significativo para os moradores da Chapada do Araripe. O cântico de Dona Socorro, que inclui a invocação a Iemanjá, a deusa das águas, reflete uma dimensão espiritual e cultural da água, reconhecendo-a como fonte de vida e também como uma força poderosa a ser reverenciada. A relação com a água passa, então, a ser espiritualizada em muitas das práticas de cuidado no território, mostrando como a água é considerada uma entidade viva e sagrada que influencia a vida cotidiana e a saúde das pessoas. O cântico é um meio de render homenagem e expressar agradecimento à água, refletindo a crença em sua capacidade de trazer cura, cuidado e sustento para as pessoas.

Silvanete fala sobre o “caminho das águas” e como isso se relaciona com a sua vida e com o Encontro. Ela descreve como, ao chegar na área em que hoje reside, a percepção inicial era de que a água seguia em uma direção, mas que, com o tempo, ela aprendeu a ver e compreender o verdadeiro caminho das águas. Esse conceito reflete a necessidade de se adaptar e compreender o ambiente ao longo do tempo. A descrição da plantação de árvores e o esforço para criar um ambiente propício também ilustram a interação entre conhecimento ancestral e práticas de sustentabilidade ambiental. Silvanete fala sobre a importância de árvores como o guapuruvu, o tamboril e o pau dóia, que têm significados específicos e usos práticos na vida da comunidade. Para ela, há uma importância fundamental das plantas para a saúde e a vida cotidiana. Silvanete relata como diferentes plantas, como a baraúna, o mandacaru e o jatobá, têm usos variados e significados culturais. Cada planta representa não

apenas uma fonte de remédio, mas também um elemento importante na paisagem e na identidade da comunidade.

A importância das plantas e das tradições são reconhecidas e valorizadas, tanto para a saúde quanto para a identidade cultural da comunidade. Silvanete descreve como a experiência pessoal e o conhecimento ancestral se entrelaçam para criar um ambiente ambientalmente e comunitariamente saudável. A interconexão entre água, plantas e práticas culturais forma a base da vida e da saúde na região. A água é tratada como um elemento sagrado e essencial, e as plantas são vistas como fontes de cura e de simbolismo.



Fotografia de Elisa Mendes, Silvanete checando a viabilidade de colher plantas para iniciar o beneficiamento de óleo vegetais e hidrolatos em seu quintal, 2022.



Fotografia de Elisa Mensa com Silvanete e sua colheita para fazer óleo vegetal e hidrolato de cambuí, 2022.



Fotografia de Mariana Rotili, Silvanete feliz fazendo o beneficiamento de óleo vegetal e hidrolato, 2022.

O que continua somos nós. E se nós não despertarmos para esse olhar, matamos a nós mesmos antes de nos percebermos. Essa copinha de mata aqui a gente chama de Floresta dos Paus Dóias. É um local que eu considero sagrado. É um portal também. Eu o chamo do Portal da Gratidão daqui. Gosto sempre de trazer as pessoas aqui para que possam compreender o quão profundo é tudo isso, como tudo está interligado. Trago as pessoas aqui para falar sobre como nós somos responsáveis por tudo aquilo que acontece e, também, qual o nosso comprometimento de olhar, de dar continuidade, de seguir. Porque o que continua somos nós e se nós não despertarmos para esse olhar, matamos a nós mesmos antes de nos perceber. Neste sentido, se você olhar para cada uma dessas árvores [paus dóias], vai perceber que cada uma tem uma cicatriz. Quando chegamos, a gente fez muita lama com esse barro aqui. Pisamos bastante o barro e molhamos os troncos, cobrimos com lama. A esperança era ver as árvores saudáveis, embora a gente estivesse consciente de que elas morreriam antes de completadas, antes de poderem fechar seu ciclo. Assim como nós chegamos ao mundo e fechamos um ciclo de vida - nascer, crescer, reproduzir e morrer. Para reproduzir nós precisamos ter filhos, e que nossos filhos tenham filhos também, e os filhos de nossos filhos, porque a partir disso você percebe que a vida continua, que a geração continua, a essência continua. E isso dá continuidade. Quando você chega próximo a uma árvore dessas, você percebe que ela não vai conseguir fechar esse ciclo. Para fechar seu ciclo, ela precisa dar o óleo. Então essa planta precisa trabalhar isso, porque na sua essência ela foi construída para ter óleo também. Quando chego aqui e não consigo tirar o seu óleo, porque ela foi machucada, ela não fecha o seu ciclo. Ela se retira do espaço sem completar esse fechamento. Ela veio ao mundo, mas não chegou à sua essência.

Muitas vezes temos esse olhar tão imaturo de achar que o ciclo de uma árvore se fecha quando ela dá suas sementes. Mas quando você chega aqui, percebe que o ciclo é muito mais profundo. Nós cuidamos delas, cresceram, estão bonitas, mas não nos dão seu óleo. Por isso a importância de saber usar. Muitas vezes trazemos as pessoas aqui e dizemos: “olha, quando quiser um sabonete, um xarope, um lambedor, um extrato, quando quiser uma essência, seja ela qual for, precisa primeiro saber como ela é tirada, de onde está sendo tirada, como eu quero e preciso que seja tirada. É preciso compreender que a árvore é um ser vivo e, dependendo de como você faz, você pode matá-la”. Assim, a gente diz que sim, que é importante continuar com todos esses saberes, com todas essas práticas e usos, mas que é importante saber tirar o remédio também. Tirar a partir da poda, cortar um galho lá em cima e tirar dele tudo o que você precisar, mas nunca do caule principal, como fizeram aqui antigamente.

Para cada uso dos paus dóias tem uma prática. Quando você conhece a história, você já sabe só de olhar, porque você entende o formato do corte, como foi tirado. Para fortalecer a sexualidade masculina, por exemplo, tira a casca de baixo para cima, e a feminina, de cima para baixo. Ela também é utilizada nos xaropes, no lambedor, nas tinturas, para fortalecer os brônquios respiratórios. Para dores na coluna. As pessoas tiram muito a casca para dor na coluna. Ela tem um uso infinito, muito infinito. Cada vez que você fala, vai surgindo mais e mais usos. Então aqui é a nossa mata de paus dóias. Para onde trazemos as pessoas, fazemos nossas rodas de conversa. É muito profundo. Mais ainda quando falamos da questão dos dons, dos espíritos, dos saberes. A gente faz as pessoas se voltarem para isso também. Saber reconhecer qual árvore é você, quem é a árvore que você representa

enquanto mata, enquanto floresta. Qual é essa árvore que te fortalece e te equilibra, que te traz essa firmeza enquanto sujeito no cosmo, enquanto ecossistema (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2022).

A reflexão sobre a relação entre seres humanos, natureza e espiritualidade, evidenciando a importância do respeito e da compreensão das interações, é destacada quando há o entendimento de que "o que continua somos nós", acerca da responsabilidade que os seres humanos têm em relação ao meio ambiente e ao ciclo da vida.

A "Floresta dos Paus Dóias" descrita como um local sagrado e um "Portal da Gratidão" é compreendida como mais que um espaço físico, é um lugar de conexão espiritual e cultural, pois por meio da visita a esse local, Silvanete busca mostrar às pessoas a interligação entre a natureza e os seres humanos, desde a analogia entre o ciclo de vida das árvores e o ciclo humano à comparação da morte das árvores que não completam seu ciclo com a vida humana. Assim como uma árvore deve dar seu óleo para completar seu ciclo, os seres humanos também devem cumprir suas etapas de vida e deixar um legado para as futuras gerações. A ideia é que cada ser vivo tem um propósito e um ciclo natural, e a compreensão e o respeito por isso são essenciais para nossas existências humanas e mais que humanas.

Silvanete retoma, sempre que pode, a gratidão, o benzo e as nossas missões no mundo. A partir da ligação com as matas, a conexão com o povo, com a vida, com o sentir, com o fazer, com o perceber que tudo faz parte de uma coisa que ela chama de "sincronia", e que essa sincronia não está separada, mas interligada entre si.

Quando cheguei aqui era uma miopia tão doida! Por mais que todo mundo dissesse que era um deserto... Eu ficava irritada em dizer que era um deserto, não aceitava de jeito nenhum que isso aqui era um deserto. E então as coisas foram acontecendo. Fomos fazendo, resolvendo, reconstruindo. Eu e o Vilmar. Hoje eu compreendo perfeitamente. Sempre falo que nós temos missões na terra. Temos uma missão muito profunda. Cada um vem e é preciso que cada um compreenda essa sua missão. É necessário compreender que, em alguns momentos da vida, a gente tem a sensação de que aquilo que você está fazendo hoje, você já fez em outro momento, você tá repetindo. Se você já sentiu isso, você está com os canais abertos. Canais de comunicação com vidas anteriores. Você está apenas continuando. Mas é preciso saber também que cada vida é uma vida e, por mais que você dê continuidade, você não pode jamais permitir que a vida anterior lhe sufoque ou lhe prejudique, porque em algum momento ela nos prejudica se a gente não tiver um pouco desse olhar, desse despertar, dessa sensibilidade. Se a gente não tiver isso bem claro, nós nos perdemos novamente na vida. Digo que já estou no final dessa busca. Já consegui compreender que já estou num processo de conclusão, que determinadas coisas da vida anterior eu já

fechei, já consegui fechar, já consegui identificar. Sei olhar e dizer: “isso aqui não é meu. Foi de um outro momento, mas não é meu”. Porque o meu é agora. Sinto também que estou nesse final quando percebo que quando criança eu dizia: “é isso o que quero fazer”. Identifico isso ainda criança. Muitas vezes, por não compreender, mamãe me batia, papai me batia. Como despertei cedo, eu sabia que era aquilo o que eu queria.

Tudo isso me faz ter consciência de que despertei cedo para minha missão. É complexo e muito mais profundo. Mas é por aí o caminho. Compreender tudo isso, essa ligação com as matas, essa conexão com o povo, com a vida, com o sentir, com o fazer, com o perceber que tudo faz parte de uma sincronia e que essa sincronia não está separada, mas interligada. É sentir que estamos aqui por essa causa do construir, do fazer, do sentir, do realizar, do ajudar um ao outro. E quando falo ajudar, nem é ajudar, é fazer sua parte. Não tem isso de ajudar: se você está fazendo é porque era o seu trabalho, a sua parte que estava faltando ser feita. Lá em casa a gente cria muito essa questão de que todos tem que fazer, então todos têm que lavar banheiro, todos têm que lavar prato. Todos têm que fazer, porque não é uma questão de ajudar, mas de fazer o seu pedacinho, a sua parte. Então, quando jogamos isso pra sociedade, se a gente consegue compreender isso num espírito maior, a gente vai percebendo que não era pra estarmos nessa situação, na situação que a humanidade está hoje. Nesse processo de não compreendermos qual a nossa missão, eu faço o caminho de volta [junto com a pessoa] para ver se encontramos novamente, pra ver se consigo despertar essa missão. Isso é um poder iluminado? Não! Todos nós somos iluminados, todos nós temos este dom, todos nós temos esse poder, todos nós temos essa capacidade. Muitas vezes a gente não consegue é despertar assim tão rápido. Às vezes, desperta no momento da passagem final. Então, com certeza volta, porque sabe que não cumpriu sua missão. É tão profundo isso! Por isso, eu faço a vivência dos conhecimentos ancestrais e das práticas de cura. Faço para despertar, para provocar em cada um o seu dom: qual o seu dom? Qual a sua missão? O que você veio fazer aqui? É uma forma de rezo, uma forma de benzo. Isso é uma forma de oração (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2022).

Questionando uma visão externa e histórica sobre o ambiente em que vive - a ideia de que a região da Caatinga seria um deserto, vazio e desolado - Silvanete, ao rejeitar essa caracterização, expressa uma conexão intrínseca com a terra e uma compreensão de que o ambiente é rico e vivo, portador de saberes e significados ancestrais. Quando fala sobre "missão" sugere uma cosmologia cíclica, na qual a vida atual é uma continuação de vidas passadas, e cada pessoa tem um papel específico a desempenhar. O reconhecimento desse papel é fundamental para seu entendimento sobre uma vida com sentido e ela sugere que, ao despertar para essa missão, os "canais de comunicação com vidas anteriores" se abrem, permitindo que a pessoa compreenda a continuidade e profundidade do seu propósito.

A narrativa de Silvanete também reflete uma dualidade temporal em que há uma coexistência entre o passado e o presente. Ela reconhece que algumas coisas são de vidas anteriores, mas enfatiza a necessidade de não permitir que o passado prejudique o presente.

Essa distinção entre o que pertence ao passado e o que é relevante para o presente é central para seu entendimento de cura espiritual, pois indica um processo de fechamento de ciclos, no qual é necessário identificar e resolver o que pertence a outras vidas para focar no "aqui e agora". Além disso, reflete a percepção de sincronicidade, uma visão de que tudo está interconectado: as pessoas, a natureza, as missões individuais.

Para Silvanete, a vida é um fluxo de interdependências no qual cada um tem seu papel a cumprir e não apenas como um ato de ajuda, mas como uma parte essencial do todo. Esse entendimento do "fazer sua parte" é aplicado tanto no nível micro (a dinâmica doméstica, como todos lavarem os pratos ou o banheiro) quanto no nível macro (o papel de cada indivíduo na sociedade). É uma visão que está em consonância com uma ética comunitária, na qual a inter-relação entre o individual e o coletivo é fundamental para o bem-estar geral. Silvanete ainda se aprofunda na dimensão espiritual do trabalho e, ao falar sobre "despertar dons", sugere que seu trabalho de cura e benção vai além da cura física ou imediata; trata-se de ajudar as pessoas a reconhecerem e ativarem suas próprias capacidades e missões espirituais. A prática do benzer, nesse contexto, é uma forma de provocar esse despertar, uma maneira de "rezar" ou "orar", em que a cura e o rezo estão intimamente ligados à autoconsciência espiritual. Ela desafia a ideia de que apenas alguns são "iluminados" ou "especiais". Para Silvanete, todos têm o poder de despertar e cumprir sua missão, mas o tempo e a forma como isso acontece varia. Seu trabalho é ajudar as pessoas a acelerar esse processo, a fim de que possam compreender e agir em harmonia com seu propósito antes que seja tarde demais.

Ouvir, para Silvanete, é como um remédio, falar é uma oração. Para quem frequenta por anos consecutivos o Encontro de Saberes da Caatinga, essa é uma das mensagens que são subjetivamente construídas no imaginário de seus participantes por protagonistas diversos, desde Seu Antônio à Silvanete, entre outros. Além dessa referência importante ao ouvir atentamente os protagonistas do evento e à concepção de suas falas como rezas, há um entendimento partilhado e, por vezes, desafiador politicamente, de que somos todos um, reafirmando também por meio dessa narrativa e dimensão de que o que se faz nesse Encontro é um encontro de coalizão.

Nós somos um povo só. A diferença é que temos detalhes diferentes, mas nossa história é a mesma. A história de resistência, a história de luta, a história de conexão com o ser, com os demais, a história de pertença. A luta dos povos para continuar existindo. É a mesma história. Quando se traz a [a história] da perseguição, você percebe que eles [os indígenas e as comunidades tradicionais] foram perseguidos. Todos continuam sendo perseguidos. Mas todos também buscam essa resistência, essa resiliência, essa continuidade e essa pertença enquanto povos, enquanto saberes. Saberes que, muitas vezes, a gente deixa passar despercebido. Mas são os saberes, as práticas, os fazeres que nos tornam fortes, que nos fazem continuar.

Por isso é tão necessário fazer, é seguir fazendo o que nos mantém existindo. E saber. Saber por que é importante ficar um cambuí de pé, por que é interessante ficar uma baraúna de pé, por que é interessante ficar um pau dóia de pé, por que é interessante eu ter toda essa diversidade de pé, e que ela só faz sentido pra mim se estiver de pé. Porque essa diversidade está dentro do fazer de um povo, de uma existência, de um território, de uma comunidade, de uma região, de um país, está contida no mundo. Se a gente não tiver isso muito claro pra gente, perdemos o foco e começamos a achar que não faz sentido.

Essa diversidade é a condição da nossa saúde, da nossa cura e da nossa sobrevivência, como povos, como humanidade e como planeta.

Um dia Islândia me disse: “Silvanete, você despertou para o dom da oração!” Desde quando eu estava no hospital, eu atendia as pessoas e rezava. Então, isso do benzo, da oração, é muito profundo. Você precisa sentir. Muitas vezes, lá no hospital, eu chegava, ficava conversando, era um alimento pra alma. Existem várias formas de benzo, várias formas de alimento da alma, várias formas de nos alimentar e de nos fortalecer, e é isso que muitas vezes a gente vem falando, tentando construir nos espaços dos hospitais. O médico, o cuidador, quando o povo chega nos seus consultórios, eles precisam ouvir mais. Muitas vezes, o remédio é só ficar ali ouvindo. Neste sentido, você já fez uma oração, você já fez um benzo. Como nossos curandeiros, que eram os médicos daquela época. Quando a gente chegava, ele ficava muito no ouvir, no compreender a pessoa. Já sentia e conseguia compreender o que teria que fazer. Você é escutado e já volta mais fortalecido, volta com outro ânimo pra casa. Naquele momento você precisava ser ouvido, alimentado. Não com um comprimido, ou com um chá, mas simplesmente por ter sido ouvido. Parar para ouvir.

Na nossa sociedade, muita gente vai para o hospital. Mas vai para o hospital porque, muitas vezes, não tem quem escute você em casa, não tem com quem compartilhar. Chega lá e também não encontra o que foi procurar. Então você volta, às vezes, muito mais perdido do que foi. São desafios muito grandes que nós temos e as outras gerações precisam conhecer isso. É fundamental para continuarmos existindo, para continuarmos nos orientando, para compreendermos que o universo é muito além do que aquilo que a gente enxerga, é muito mais dinâmico, mais complexo.

Por isso eu digo, este é um espaço muito sagrado pra mim, porque ele vem com todas essas conexões, com tudo o que eu ainda nem enxerguei. Compreendo que quando eu sair daqui talvez também não tenha enxergado tudo, porque também não é minha função, não é minha obrigação enxergar tudo. Ele está aí pra quem quiser enxergar, e o que eu fizer já é o tudo.

Quando recebo as pessoas aqui em casa, entendo que cada um vem com uma missão, cada um vem com sua força, com sua compreensão, cada um vem com aquilo para o que já foi despertado e que é uma forma de cura. Enxergo cada pessoa como um tipo de rezo, um tipo de cura. Todos nós temos essa capacidade de fazer a cura também. E isso me deixa muito feliz! Eu sempre digo que quem vem aqui em casa não vem por acaso, vem porque tinha que vir. Algumas vezes é desafiador, e faz você aprender como lidar com situações tão profundas, que chegam abrindo e trabalhando a abertura de ferimentos tão profundos. E ao mesmo tempo desperta essa compreensão de que eu preciso fazer mais, para que a gente se fortaleça ainda mais, para enfrentar as situações que vivemos (Maria Silvanete, em conversa gravada em setembro de 2022).

A ideia de que "ouvir é como um remédio e falar é uma oração" sugere uma compreensão da linguagem e da comunicação como ferramentas de cuidado e cura em saúde humana que transcendem o tratamento médico tradicional. Silvanete acredita que a escuta atenta tem um valor transformador, funcionando como uma espécie de "benzo" - uma prática de cura espiritual que envolve cuidado, presença e conexão emocional.

Silvanete faz uma crítica implícita ao sistema de saúde moderno no qual muitas vezes as pessoas não encontram o acolhimento que buscam. Ela identifica que a ausência de escuta no ambiente familiar e comunitário leva muitos a buscar os hospitais, mas o resultado pode ser ainda mais frustrante quando essas pessoas não encontram ali o que precisavam -atenção e compreensão, em vez de remédios. Essa crítica aponta para um desafio cultural e social: a desconexão emocional entre as pessoas, o que acaba criando uma demanda por cuidados médicos que, na verdade, poderiam ser resolvidos por meio de uma escuta compassiva. Silvanete propõe que médicos e cuidadores assumam o papel de curandeiros, reconhecendo que, muitas vezes, o ato de ouvir já é, por si só, um ato curativo, evidenciando a importância das práticas de cura ancestrais e tradicionais, como os "benzos", que envolvem mais do que apenas o corpo físico. Para Silvanete, a cura também é espiritual e emocional, e os curandeiros de antigamente, ao ouvir e compreender as pessoas, já sabiam o que fazer. Esse saber tradicional é descrito como algo profundamente enraizado na relação entre a pessoa e a comunidade, e entre a pessoa e o ambiente, como ela menciona no cuidado com as árvores como o cambuí, a baraúna e o pau dóia. Esses elementos naturais representam a diversidade que sustenta a vida e a saúde não apenas do indivíduo, mas da coletividade que permeia os territórios.

Um de seus pontos centrais é a noção de que somos todos um. Apesar das diferenças de origem, cultura e história, ela acredita que há uma unidade essencial que nos conecta. Essa

unidade se manifesta na luta pela resistência às crises e aos desafios sociais e comunitários, pela continuidade dos saberes e práticas ancestrais, especialmente em contextos de perseguição histórica de povos indígenas e comunidades tradicionais. Silvanete enxerga essa perseguição como algo contínuo, mas que também é enfrentada com resiliência e com a força das práticas e sabedorias que são mantidas vivas. Ao falar da importância de manter a diversidade de pé, tanto no sentido ambiental quanto no cultural, ela reforça que essa pluralidade é a condição essencial para a saúde, a cura e a sobrevivência, não apenas das pessoas, mas de toda a humanidade e do planeta. Essa é uma crítica ao mundo moderno, em que a homogeneização e a destruição da diversidade, tanto biológica quanto cultural, colocam em risco a saúde coletiva e ambiental.

A missão pessoal de cada ser humano está fortemente vinculada à sua compreensão de que a vida é um ciclo no qual as conexões entre o presente e o passado são fundamentais para a compreensão do agora. Para Silvanete, ajudar as pessoas a despertar para suas próprias missões e dons foi um mecanismo de como ela própria foi despertada para seu dom de rezar e curar. Essa noção de despertar espiritual e de assumir sua missão como um ato de cura é central para a filosofia de vida de Silvanete.

Silvanete vê o Encontro de Saberes da Caatinga como um espaço sagrado no qual múltiplas conexões e saberes se encontram. Ela reconhece que nem sempre é possível enxergar tudo e que sua função não é entender todas as conexões, mas fazer sua parte dentro desse grande sistema interconectado. Isso demonstra que cada pessoa deve reconhecer seus limites dentro de um todo maior, comunitário, territorial, político e social, mas também deve assumir a responsabilidade de fazer o que está ao seu alcance, ressaltando a ideia de que cada pessoa tem o potencial de curar, de agir, de contribuir para o bem-estar coletivo. Essa compreensão de "fazer sua parte" é compreendida também como parte de uma missão maior, uma responsabilidade de manter a comunidade saudável e conectada. A fala de Silvanete oferece uma visão abrangente de cura, resistência e pertencimento, enraizada em saberes ancestrais e práticas tradicionais. Sua ênfase na escuta como um ato curativo e na fala como uma oração revela uma compreensão da dimensão espiritual e emocional do cuidado. Para ela, a verdadeira cura ocorre em um contexto de conexão, seja com a comunidade, com o ambiente e com a própria missão espiritual de cada um.

3.2 A natureza e saberes tradicionais no pensamento de Seu Antônio

O pensamento de Seu Antônio reflete uma característica própria do pensamento de boa parte das pessoas de sua região: há uma integração entre a sabedoria tradicional e a natureza, que em conversas despretensiosas evidenciam com tranquila naturalidade como os conhecimentos ancestrais são transmitidos e ressignificados no contexto contemporâneo em seu território.

Quando a pessoa pode ser o que ela é, ela ganha fama. Essas pessoas não são nada mais do que qualquer outra pessoa, simplesmente são pessoas que são, que são elas. [...] A única coisa que você tem, que ninguém tem, é você mesmo. [...] Não tem como você não ser famoso, entendeste? Porque o que é ser famoso? É você ter uma coisa que ninguém tem. Então a única coisa que você tem, que ninguém tem, é você mesmo e o que você aprendeu e ensina nesse mundo... (Seu Antônio, em conversa no mês de setembro de 2022).

Ao afirmar que "a única coisa que você tem, que ninguém tem, é você mesmo", ele faz uma poderosa alusão à importância da autenticidade e do reconhecimento individual como fontes de valor comunitário e social. Essa percepção converge com a perspectiva dos sistemas de conhecimento tradicionais, nos quais o valor não está na acumulação de informações, mas na capacidade de estar em sintonia com a própria essência e com o meio ambiente, o que gera sabedorias particulares a alguns seres, em muitos dos casos.

O Encontro de Saberes da Caatinga é, para Seu Antônio, muito mais do que um espaço de troca de informações técnicas ou receitas.

Vocês não estão aqui para receber, aprender receita. [...] Tem outra razão. Tem uma razão interior bem maior do que isso, né? Se for para pegar receita de raizeiro, vocês pegam na internet, né? (Seu Antônio, em conversa no mês de setembro de 2022).

Para ele, há uma "razão interior bem maior" que motiva a participação das pessoas no evento, e esses conhecimentos e sabedorias particulares que vão sendo gerados entre alguns seres e os seus ambientes são a tônica da reunião e do Encontro de Saberes da Caatinga. Seu Antônio não deixa escapar que o objetivo do encontro está na busca pelo autoconhecimento e pela reconexão com os próprios saberes individuais e coletivos de quem compõe aquela rede. Esse aspecto ressalta o caráter espiritual e transformador dos encontros, nos quais os participantes não estão apenas em busca de soluções práticas, mas de uma integração mais profunda com sua própria identidade e com os meios, territórios e ecossistemas que habitam.

O reconhecimento da sabedoria popular, a valorização de um conhecimento intuitivo e prático, que transcende a educação formal, são chaves de leitura e impulsionamento do que é tecido anualmente no Encontro. Para Seu Antônio, o saber deve vir da vivência e da experiência cotidiana com a natureza e a comunidade. Essa sabedoria empírica, passada de geração em geração, é a chave para o manejo saudável das questões de saúde humana e comunitária e também da saúde do meio ambiente. No pensamento de Seu Antônio, a natureza e os saberes tradicionais são inseparáveis. Eles não apenas guiam o modo de vida das pessoas da Caatinga, mas também fornecem um modelo de vida em consonância com o meio ambiente, em que a sabedoria não é algo a ser adquirido mecanicamente, mas algo que emerge da convivência íntima com o território e com a comunidade.

É habitual, em suas conversas, um convite para uma reconexão do humano com o que chamamos natureza e seus seres, colocando sempre em destaque um saber tradicional que ultrapassa as fronteiras da ciência formal e adentra o campo da experiência direta com o ambiente. Seu Antônio evidencia sempre que pode a importância da curiosidade das pessoas na vida, no que ele chama de “caminhada”. Ele destaca que o aprendizado e o conhecimento genuíno sobre a natureza não surge apenas do que é transmitido em sala de aula, mas da vivência, da observação atenta e da interação com o mundo natural. A curiosidade é vista como uma ferramenta transformadora para ele, que torna a jornada mais significativa, enriquecendo o espírito e o entendimento das pessoas.

Então, na sua caminhada você vai se encontrar com vários seres que não são da sua família, nem são da sua escola, mas que são os seres que compõem a história da vida na Terra. São os primeiros que compõem a história da vida na Terra. [...] Vocês tenham curiosidade. Procurem o máximo de curiosidade. Isso vai tornar essa caminhada mais interessante. [...] Vocês não vieram pra fazer uma visita? Observe. Cada coisa dessa aí faz parte da história do mundo. Faz parte da história da família de vocês também. [...] Não converse coisas da cidade. Vocês têm a cidade o tempo todo pra conversar. Converse o que tá vendo. [...] A gente pode fazer uma caminhada de observação... Com o ouvido atento, com o horário próprio, dependendo do que a gente quer ver, tem um horário... Se quiser ver anfíbio, você nunca vai ver de dia. Você vai ter que vir de noite. Se essa pessoa tem interesse nisso... Aqui tem alguns animais importantes... Então, outra coisa aqui, a gente pode conhecer um bioma, é a Caatinga e um bioma que é o bioma cerrado, que vocês vão entrar e não devem conhecer uma planta da região... (Seu Antônio, em conversa no mês de setembro de 2022).

Seu Antônio estabelece uma conexão entre o mundo humano e o natural, ao sugerir que conversas durante a caminhada das pessoas deveriam ser focadas no que está sendo visto

na natureza, e não nas questões do que ele nomeia como “cidade”, local de onde muitas pessoas vêm para o Encontro. Ele sugere um tipo de conhecimento situado, onde o espaço determina o que é relevante discutir e aprender. A cidade é o espaço cotidiano, mas a caminhada pelo ambiente natural abre espaço para um outro tipo de conhecimento, o conhecimento dos seres vivos, das plantas, das paisagens e dos biomas que compõem o ecossistema da Caatinga e do Cerrado.

Para ele, a observação atenta é fundamental nesse processo de aprendizagem. Seu Antônio ressalta que muitos animais, como os anfíbios, não podem ser vistos em determinados horários e que é preciso ter a sabedoria de saber "quando observar". O respeito pelos ritmos naturais da fauna e flora são centrais na vivência ecológica que ele propõe. Isso se alinha com a ideia de um saber tradicional que é experiencial e contextual, envolvendo a sintonia com o ciclo de vida das espécies e do ambiente ao redor.

O conhecimento tradicional é também um processo de aprendizagem continuada, em que a pessoa não se limita a um único momento de descoberta, mas pode retornar à natureza sempre que sentir necessidade de aprofundar seu entendimento. Para seu Antônio, o conhecimento é construído em comunidade, entre humanos e natureza. Ele parece sugerir que, embora vivamos próximos a dinâmicas e ecossistemas “naturais”, elas permanecem invisíveis para quem não tem o olhar atento ou a disposição de aprender sobre elas. O conhecimento experiencial, a postura da “curiosidade” e a necessidade de observar o mundo natural em seus próprios termos, respeitando os ciclos de vida e a biodiversidade, parece ser sempre o caminho sugerido por ele em uma jornada de aprendizado contínuo, em que o ser humano se coloca como um aprendiz diante da vastidão e da complexidade do mundo natural, um processo fundamental para a preservação tanto do ambiente, quanto dos saberes tradicionais que dele emergem.

Enquanto fala de sua filosofia e ontologia regional, de conexão entre os seres mais que humanos e os humanos, Seu Antônio mescla seus entendimentos junto a histórias e causos entre pessoas da região, para demonstrar o que busca dizer com simplicidade:

Pra abrandar o bicho, ele, João, fazia vários buracos dentro da propriedade dele, não para criar o bicho, mas para observá-lo. Ele sabia quando o bicho ia e vinha. Era uma pessoa que não tinha interesse na vida senão pela verdade, simplicidade e amor. Ele não tinha outro foco. Ele tinha muita terra e gado, mas nunca se importou com isso.

Ele deixou de caçar e criou outro sistema, porque o caçador é como um viciado... Ele desenvolveu um sistema baseado em outro conhecimento que tinha, o de rastreamento... Era um mestre em rastreio, muito mais que os rastreadores comuns. Ele seguia rastros pela coloração e conseguia

diferenciar eles... Ele era capaz de rastrear uma pessoa que tivesse levado algo seu e chegar até a casa do ladrão. Uma vez, chegou na casa de alguém, bateu à porta e disse que havia um ladrão lá dentro. A pessoa negou, mas ele insistiu até que o culpado devolvesse o que havia roubado.

Seu José, uma figura que enfrentou dificuldades, era alcoólatra como o filho. Apesar disso, ele sempre foi um homem bom... José, em um momento de sua vida, foi tomado pelo espírito, que o levou à Floresta Nacional... O espírito guiava José, que pulava cercas e subia em árvores. José foi chamado de volta pelo espírito, que disse apenas: "Desça daí e vamos para casa." Quando voltou, José era outra pessoa, sem mais envolvimento com bebida ou irresponsabilidade, e até trabalhava à noite... [...] Seu João era um homem simples, que cuidava de sua casa e de sua roça com muito zelo. Ele tinha uma árvore em frente à sua casa, e mesmo após ser questionado várias vezes sobre tirar ele de lá... Ele se recusou... Quando voltou de uma pescaria viu que sua esposa tinha derrubado a árvore, e fez ele se separar dela, mas sem deixar de cumprir seus deveres de sustento da casa... Ele construiu uma casinha simples para si, sem janelas, apenas com uma porta e um fogão do lado de fora. Ao redor da casa, ele plantou o que precisava para se alimentar e criou um ambiente limpo e organizado, onde plantava mandioca e abacaxi, vivendo apenas do que produzia. Já velho, não conseguia mais acender o fogo para preparar suas refeições, aí usava jiquiri, que deixava o fogo aceso... Seu João criou uma floresta ao redor de sua casa, um pomar de frutas, e, mesmo debilitado, continuava cuidando de tudo com zelo... Chegou a um ponto em que só conseguia se locomover se arrastando mas ainda assim mantinha tudo limpo e organizado... Ele era um exemplo de integridade, um homem que vivia de acordo com o que sentia e pensava, era da simplicidade e do amor, um mestre da natureza... A história de seu João foi tema de uma palestra que fiz em Goiás, que falei sobre sua vida e como ele enfrentou suas dificuldades sem falsificar sua essência... Ele dizia que o mais difícil foi abandonar a caça, mas que ele encontrou uma maneira de continuar observando, através dos buracos que cavava na terra. Essa era a curiosidade que o movia... (Seu Antônio, em conversa no mês de setembro de 2022).

De Seu José e João, Seu Antônio regressa a pensar e falar sobre como enxerga o movimento que constrói o Encontro de Saberes da Caatinga:

Quase todos os profetas passam por momentos de loucura, porque estão enxergando de maneira diferente do que todo mundo vê... Eles veem uma realidade distante daquele local, então eles estão à frente e talvez nem precisassem tomar remédio... Podiam simplesmente ser curandeiros, pajés ou profetas, mas pra isso precisariam ter consciência de sua condição... Esses encontros ajudam muito a despertar essa consciência. Você vai perceber que todo curandeiro, quando compartilha seu depoimento, em algum momento passou por isso... Podia até ter começado com o uso de gardenal, mas depois ele começou a compreender essa nova "vestimenta" que ele está usando, esse novo poder que está chegando nele... As plantas trazem um processo de revigoramento, de fortalecimento, especialmente em momentos de confusão interior... Elas preenchem isso. E você percebe que está pronto, equilibrado para continuar a luta... (Seu Antônio, em conversa no mês de setembro de 2022).

Temas profundos e espirituais relacionados ao cuidado e à cura da saúde humana, mental e física, que ele interpreta como a confusão entre depressão e mediunidade são matéria de suas conversas e entendimento sobre as mestras e mestres que povoam o Encontro de Saberes da Caatinga. Seu Antônio se refere à ideia de que, muitas vezes, o que as pessoas consideram uma doença pode ser uma forma de sensibilidade espiritual ou mediúnica.

Ao mencionar que profetas e curandeiros frequentemente passam por momentos em que são mal interpretados como loucos, por possuírem uma visão do mundo que está além da compreensão imediata dos outros, ele sugere que, em vez de medicar essas pessoas, deveríamos reconhecer suas capacidades espirituais como algo valioso, uma "nova vestimenta" ou "poder" que surge neles. Os profetas e curandeiros frequentemente vistos como "loucos" ou anormais, estão, para Seu Antônio, acessando realidades que os outros não conseguem ver. E essas suas visões particulares fazem com que sejam marginalizados ou mal interpretados, principalmente por uma sociedade que tende a patologizar o que é diferente ou incompreensível. Isso se conecta à tradição histórica e mística em que figuras visionárias, seja na cultura popular, seja em contextos religiosos, frequentemente são vistas como fora de sua época ou incompreendidas por seus contemporâneos.

A partir de seu entendimento, Seu Antônio sugere que essas pessoas talvez nem precisassem de remédios, como o Gardenal (um medicamento usado para tratar epilepsia e condições relacionadas à mente), porque a questão não é necessariamente patológica, mas espiritual. Ele acredita na ideia de que a medicina tradicional, ao lidar com esses dons espirituais como problemas psiquiátricos, suprime algo que poderia ser compreendido e integrado como uma habilidade espiritual, desde que a pessoa desenvolva a consciência de seu papel.

Essa crítica à medicalização, que vem presente na narrativa e no vocabulário de muitas pessoas que constroem o Encontro de Saberes da Caatinga, também remete à prática contemporânea de se tratar problemas espirituais ou emocionais com remédios, em vez de explorar a raiz espiritual da experiência, como se ensina e se aprende na Caatinga. Há uma abordagem mais integradora e menos clínica diante do conhecimento produzido pelas pessoas e seres que fazem o Encontro de Saberes da Caatinga a esse respeito, valorizando a autoconsciência e o papel da espiritualidade, além da relação com plantas, animais e natureza, de maneira geral, nos contextos de cuidado e cura da saúde humana.

Nesse sentido, a natureza comunitária do cuidado e a compreensão espiritual são fundamentais no processo de despertar essa consciência humana, em nível individual e também coletivo. Reuniões como o Encontro de Saberes da Caatinga, por exemplo, funcionam como momentos de compartilhamento e validação de experiências diversas acerca das eficácias relacionadas ao cuidado em saúde, nos quais os indivíduos podem reconhecer e aceitar seus dons espirituais em um ambiente de apoio e compreensão. Esses encontros, então, tornam-se não apenas encontros de cuidados e cura física, mas de autoconhecimento e integração comunitária e também espiritual. Esse discurso ressoa com tradições ancestrais de cuidado e cura em saúde e espiritualidade, como as dos pajés e curandeiros, que enxergam o poder curativo da natureza e a sensibilidade espiritual como fundamentais para o bem-estar humano e do ambiente.



Fotografia de Marília Nepomuceno, na imagem Seu Antônio rindo no Encontro de Saberes da Caatinga de 2022.



Fotografia de Marília Nepomuceno de Seu Antônio mostrando plantas medicinais em seu quintal,
2022.

3.3 O Rastro do Encontro de Saberes da Caatinga e o rastro da fricção sobre o fazer da Antropologia

O Encontro de Saberes da Caatinga é um horizonte e um ambiente de encontro, literalmente. Poderíamos percebê-lo, inclusive, através de outros encontros para além dos que acontecem entre humanos e mais que humanos naquele ambiente. Há um encontro de áreas de saber, uma fricção entre outras formas de fazer ciência e perceber epistemologias que estão sendo propostas sem que sejam narradas expressamente ou teoricamente naquele espaço. O evento é um campo de encontro epistemológico, que pode ser visto desde a Antropologia Ambiental até a Filosofia Ambiental, aos Estudos Ambientais, às discussões sobre o Antropoceno ou à Ecologia das Práticas.

Anna Lowenhaupt Tsing (2019), ao longo de sua obra e trajetória, buscou contextualizar e produzir questionamentos que merecem nossa atenção dentre a antropologia e a etnografia produzida nos dias de hoje, justamente por oferecer conceitos fundamentais aos chamados Estudos Ambientais, campo que é uma espécie de estudo dos códigos que nos ajudam a pensar as relações entre humanos e natureza, e que por conseguinte pode também nos auxiliar a refletir sobre o Encontro de Saberes da Caatinga.

Anna Tsing exercita o fazer antropologia no “agora”, nesse mundo de fricção e pensamento interconectado entre natureza e cultura, e nos ajuda a pensar, desde antes dos anos de 1990, quando torna-se professora e colega de Donna Haraway, o campo e a etnografia que busquei exercitar, praticando uma antropologia e uma epistemologia transdisciplinar a partir do Encontro de Saberes da Caatinga. Tanto Anna Tsing (2019), como Donna Haraway (2022, 2023a; 2023b), Marilyn Strathern (2018), Vinciane Despret (2021), Isabelle Stengers (2002; 2005; 2015; 2017; 2018a; 2018b); e outras têm produzido reflexões importantes e oportunas para a prática da antropologia e da etnografia contemporânea, estabelecendo um lastro para pensarmos como fazer uma Antropologia Ambiental e, assim, nos debruçarmos sobre o Encontro de Saberes da Caatinga neste estudo, por exemplo.

A ato de nos posicionarmos diante da ideia de “natureza”, ou o que a gente entende como “a natureza”, a partir de suas contribuições, prescinde do entendimento de que há um projeto de criação, histórico, que se relaciona com humanos e não humanos através de momentos históricos, políticos, éticos e artísticos. Por tanto, os conceitos e as práticas em volta da natureza não são simplesmente algo pressuposto que diz respeito àquilo que não é humano, como aprendemos a pensar corriqueiramente através das socializações urbanas e

contemporâneas. Essas maneiras de pensar o mundo são, antes de qualquer coisa, um modo de habitar a terra, e estas autoras nos ajudam a investigar a epistemologia dessa construção.

No decorrer de suas obras, Tsing reflete sobre o globo terrestre e a noção moderna das conexões globalizantes através das margens, daquilo que ela nomeia enquanto local. Ela não usa o termo “território”, como uso nesta pesquisa sobre o Encontro de Saberes da Caatinga, mas produz uma interlocução direta acerca dos territórios locais onde atuou, enquanto pesquisadora, e as dinâmicas e fluxos globais que se relacionam com as relações desses territórios locais. A autora articula suas conceitualizações através da compreensão sobre escalas e métricas de fluxos que partem do local ao global, refletindo acerca do movimento que é feito do global para o local, e vice-versa, em seus territórios de experiência etnográfica. Dessa maneira, ela mobiliza nossa atenção para a circulação, seja de trabalhadores, mercadorias, e insumos, e os compreendem enquanto produtores de perturbações que geram conflitos locais, políticos e sociais, mobilizando também a noção de “fricção”.

O conceito de fricção em Anna Tsing (2019) é central em sua obra e refere-se às interações e tensões que surgem quando forças globais, como o capitalismo, colonialismo, ou o desenvolvimento econômico, encontram práticas culturais e ecológicas locais, ganhando novos contornos e produzindo outros movimentos no “local”. A fricção se constitui a partir da resistência e do atrito que ocorrem quando diferentes sistemas de valores, modos de vida e formas de conhecimento entram em contato. Essa noção vai além da simples metáfora e inaugura o entendimento de que é a partir dessas fricções que novas realidades, relações e histórias são produzidas.

Tsing (2019) evidencia controvérsias científicas, políticas e espirituais em meio a estas circulações, fricções e perturbações, e assim desenvolve o pensamento sobre como a prática da antropologia passa a pensar e a lidar com o local e o global, produzindo estudos sobre globalização e outros entendimentos antropológicos e políticos no mundo. Afinal, a questão da globalização é um ponto de relevância que surge para todas as ciências no início do século XX, como uma questão em si para a ciência, e posteriormente para a sociedade, após a queda do muro de Berlim, em meio ao momento de grande conexão entre mercados, indústrias, relações de consumo, hábitos, costumes, pensamentos e culturas.

Trazendo brevemente esse plano de fundo de (re)pensamento da Ciência e da Antropologia no mundo contemporâneo, o trabalho de Tsing é um caminho, ou uma maneira, de seguir honrando as questões levantadas por sua área e pensando como se dá a investigação científica à luz da Etnografia, trilhando em nossos territórios de interlocução as relações e efeitos do que acontece nas ditas margens do mundo e seus ditos centros. No entanto, aqui

junto a Tsing nos interessa ainda outra contribuição, mais recente, dada por ela ao campo da Antropologia. Tsing (2019) representa uma tendência de transformação dos focos de atenção e estudos do horizonte da Antropologia quando ajuda a descortinar os estudos das relações humano-animais, ajudando e abrindo caminho para que possamos hoje estender a discussão para as relações humanos-mais-que-humanos, que no caso do Encontro de Saberes da Caatinga se alarga para relações entre seres vegetais e minerais, e esse entorno que pode alcançar os seres encantados espirituais que habitam e constroem o território da Caatinga.

Uma etnografia da paisagem social e ambiental, pensando esses seres mais que humanos em conjunto com os humanos, passa a figurar junto às etnografias contemporâneas, e assim as zonas de fricção, fronteiras e traduções entre os territórios etnográficos ganham novas camadas, novos fios, novos enredos e novas práticas.

Tsing, Strathern, Haraway, Stengers, Despret e outros autores produzem insumos teóricos e narrativos para os estudos da ciência contemporânea, bem como para novas atenções e cuidados na construção dos ambientes, com exigências metodológicas, afetivas e históricas partindo de preocupações de naturezas diferentes do que era hegemonicamente experimentado pela ciência moderna. A teorização é compreendida no momento do próprio acontecimento etnográfico.

Assim, a perspectiva de Tsing debate o mundo contemporâneo, as relações entre local e o global, suas tensões e transformações, levando a discussão para a etnografia multiespécie, que faz a autora direcionar o foco de suas discussões para a obtenção da adaptabilidade terrestre. Tsing sugere que “deveríamos criar uma vizinhança” com os modos ditos por ela enquanto “brejeiros” de cuidado com os ambientes, para conseguirmos coabitar o mundo de maneira mais saudável. Ela pauta locais supostamente deslocados ou distantes do dito centro do globo, lugares ou territórios deslocados “de poder”, os quais estão dentro do desenho de entendimento do global enquanto margens, mas que não são lidos como o centro. No entanto, Tsing não está interessada em descrever o sistema de representação das pessoas que se articulam em seu campo de estudos, nem quer dizer que o externo é que molda aquelas pessoas: ela afirma que o globo faz as margens, mas tais margens também fazem o globo, ressignificam-no e dobrando a si mesma, ou seja, declara que há uma relação de sentido recíproca.

Tal reflexão é alimentada pela discussão pós-colonial de Gayatri Spivak (2010), Homi Bhabha (1998), Frantz Fanon (2020), Donna Haraway (2022, 2023a; 2023b) e Marilyn Strathern (2018), cada um contribuindo de forma distinta para a crítica das relações de poder e dominação colonial vivenciadas até os dias de hoje no mundo contemporâneo. Spivak

(2010), em sua famosa obra em forma de pergunta “Pode o subalterno falar?”, discute a exclusão e silenciamento de vozes marginalizadas, especialmente das mulheres do Sul Global, sugerindo que essas vozes são frequentemente cooptadas pelas estruturas hegemônicas da sociedade. Homi Bhabha (1998) introduz o conceito de “hibridismo”, que desafia a ideia de identidades puras e estáveis, argumentando que a cultura é formada por encontros e tensões entre colonizadores e colonizados. Fanon (2008), com seu foco no colonialismo e suas consequências psicológicas, como exposto em “Pele Negra, Máscaras Brancas”, explora a desumanização dos povos colonizados. Haraway (2023a), com sua crítica feminista e a figura do *Cyborg*, questiona as fronteiras entre natureza e cultura, humano e não-humano, e explora a necessidade de novas epistemologias que superem dicotomias coloniais. Strathern (2018), por sua vez, desafia as formas ocidentais de conhecimento com sua abordagem etnográfica, problematizando o conceito de individualidade e destacando modos alternativos de relações e agências, especialmente entre comunidades não-ocidentais. Essas vozes reconfiguram a compreensão de poder, identidade e subjetividade em contextos globais e nos ajudam a exercitar novas perguntas acerca de novos entendimentos sobre as paisagens sociais e ambientais vigentes no mundo contemporâneo.

Ao explorar como os encontros globais são moldados por diferenças culturais, nos âmbitos econômico e ambiental, gerando “fricções” que produzem novas formas de vida, Tsing reatualiza o diálogo e discussão antiga no campo da Antropologia sobre “natureza x cultura” e oferece a ela novos contornos, enfatizando que a natureza não é uma entidade fixa, mas sim uma construção social e histórica, uma invenção dos povos modernos moldada por contextos históricos e sociais que produz interconexões. Em vez de ver a natureza e os humanos como entidades separadas, há um exercício antropológico de observar como humanos, não humanos e ambientes co-produzem maneiras de habitar o planeta. A compreensão da natureza vem sendo sistematicamente reavaliada à luz das questões ambientais contemporâneas, como as mudanças climáticas, para pensarmos melhores alianças políticas, sociais e ambientais entre diferentes pautas e questões sociais que possam produzir melhores ou mais saudáveis maneiras de habitar a Terra. Dessa forma, Tsing desenvolve a ideia de contaminação, partindo do pressuposto de que todas as histórias no mundo são sobre contaminação, enfatizando a interconexão e a co-criação entre humanos e não-humanos das realidades que temos vigentes no mundo. Assim, em seu famoso livro *The Mushroom at the End of the World*, Tsing (2015) usa o cogumelo matsutake e a sua colheita como um símbolo para discutir a sobrevivência nas ruínas do capitalismo e como seres humanos e não-humanos coabitam ambientes perturbados.

No contexto do Encontro de Saberes da Caatinga, a discussão sobre a relação do humano com a natureza ressoa com as práticas tradicionais de cuidado e cura operadas pelas mestras e mestres de cultura da Caatinga. Diferente do que é avaliado e compreendido em grandes centros urbanos de nossa sociedade, há no Encontro uma reavaliação da natureza, em que as sabedorias locais, frequentemente marginalizadas, porém até hoje atualizadas por essas mestras e mestres de cultura, trazem à tona a importância de uma relação integrada entre humanos e não humanos. A concepção de natureza na Chapada do Araripe, e entre os habitantes do bioma da Caatinga, nos ensina que a cura não se limita a intervenções biomédicas e a compreensões hegemônicas sobre cuidado, mas inclui também o entendimento profundo da interconexão do humano com plantas, animais, ambientes, e seres encantados e espirituais. As práticas das curandeiras e dos curandeiros, frequentemente vistas através da lente da "loucura", equívoco ou marginalização, desafiam a bifurcação moderna entre razão e crença, saúde e espiritualidade (Silva, 2022). Além disso, ao reconhecer a produção conjunta de modos de habitar a terra entre humanos, animais, plantas e seres espirituais, as pessoas que tecem o Encontro de Saberes da Caatinga exercitam e evidenciam que a sabedoria popular e a ciência moderna podem coexistir, produzindo simbiose de expertises e manejos em saúde, oferecendo um espaço para diálogos que desafiam a medicalização alopática da vida.

A crítica à hegemonia da ideia de natureza como algo separado do humano nos permite questionar como nossas questões e lutas por justiça social e ambiental podem ser mais eficazes ao integrar as vozes das raizeiras, benzedadeiras, parteiras, curandeiras, curandeiros, e mestres de cultura de maneira geral, bem como a ontologia personificada por esses indivíduos, ao mundo contemporâneo. A busca por práticas de cuidado que promovam uma saúde integral e a valorização da natureza como um ente vivo, e não um recurso a ser explorado, nos convoca a reimaginar um futuro e uma outra maneira de coabitar a terra, individual e coletivamente. A ideia de que a natureza separada do humano é repetível e manipulável, como é compreendido por praticantes de monoculturas, por exemplo, ao que parece não tem nos ajudado a resolver nossos problemas individuais e coletivos segundo contam os protagonistas e mestres de cultura do Encontro de Saberes da Caatinga, e por isso apontam para uma experiência comunitária pautada na co-produção de ambientes, interligando e produzindo coalizões entre o natural e o humano, com atenção e produção de sabedorias.

Ao nos debruçarmos sobre o Encontro de Saberes da Caatinga, é possível observar os complexos agenciamentos entre plantas, alimentos, espiritualidades e pessoas que

protagonizam esse evento. O Encontro funciona como uma ferramenta de salvaguarda dos saberes e práticas de cuidado em saúde humana e ambiental, entre humanos e demais seres que povoam o ambiente da Chapada do Araripe, e promove um diálogo multiespécie, definindo e regulando uma ontologia específica (Latour, 1994) desses protagonistas do evento, possibilitando-nos revelar ou sentir a força do repertório do povo e do território que motiva a reunião anual.

Por isso, nesse contexto, é interessante mobilizar o conceito de "fricções" de Anna Tsing (2004) para entender como os encontros globais e locais geram novas formas de vida e conhecimento, como no caso do Encontro, que desperta e oferece outros horizontes aos estudos de acompanhamento feitos no evento através da Fiocruz Pernambuco. As interações entre humanos, plantas, alimentos e espiritualidades no Encontro podem ser vistas como fricções produtivas, em que as diferenças culturais, econômicas e ambientais se encontram em um mesmo ambiente e se transformam em coalizão e vontade de produzir outras maneiras para lidar com os problemas de saúde humana, ambiental e desafios comunitários em nossa sociedade. As fricções entre saberes tradicionais, saberes biomédicos, plantas medicinais, espiritualidades diversas e práticas locais de cuidado e manejo com a terra resultam em um espaço de aprendizado mútuo, no qual cada interação gera novas possibilidades e entendimentos sobre como produzir cuidado e saúde.

Pensando em tudo isso, na fricção em curso na epistemologia da ciência contemporânea, bem como naquela que se desenvolve dentro de um evento como o Encontro de Saberes da Caatinga, outra autora valiosa para nos ajudar a pensar essa paisagem antropológica e etnográfica é Isabelle Stengers (2021), com a noção de ecologia das práticas, que enfatiza a necessidade de valorizar as práticas locais e específicas para entender o que estamos vivenciando e produzindo no mundo. O Encontro de Saberes da Caatinga orienta de maneira não objetivamente narrada o evento e a reunião de participantes para pensarem sobre práticas culturais e ecológicas, e em como elas são centrais para a sustentação e resiliência de suas comunidades e territórios. Ao valorizar as práticas locais de cuidado e respeito entre humanos e não-humanos, o Encontro promove uma ecologia das práticas que fortalece os laços comunitários e os saberes tradicionais. Além disso, a noção de parentesco e rede de Marilyn Strathern (2018) também é relevante nesse contexto, pois em vez de observar o Encontro como uma simples reunião de indivíduos, podemos entendê-lo como uma rede de relações permeadas por afeto, onde os saberes e práticas são continuamente negociados e redefinidos. Strathern é conhecida por suas análises de parentesco como redes de relações, em vez de apenas laços de sangue ou afinidade. Ela desafia as formas tradicionais de pensar o

conhecimento e sugere que as relações e contextos são fundamentais para entender como o conhecimento é produzido. Para etnografia e estudo junto ao Encontro de Saberes da Caatinga, este pressuposto é essencial. A malha formada pelas pessoas que fazem o Encontro e se relacionam com laços de intimidade, agendando em suas vidas compromissos periódicos de preparação para o grande evento anual do Encontro, com o objetivo de fomentar empoderamento de pessoas, e a salvaguarda de saberes e patrimônios coletivos é peça chave nesse campo.

Além disso, outras autoras, como Donna Haraway (2016), que nos oferece a ideia de "pensamento tentacular", que se encaixa bem com a visão de uma rede complexa e interconectada como a do Encontro de Saberes da Caatinga, e Vinciane Despret (2021), que nos leva a considerar o "agenciamento animal" e as histórias de coabitação desses seres com humanos, destacando como os animais e outros seres não-humanos agenciam suas próprias vidas e contribuem para o tecido social e ecológico, são contribuições importantes para a malha de atenções que se faz necessária nesta paisagem da Caatinga e do Encontro de Saberes da Caatinga. A perspectiva de Haraway (2023b) sobre a coabitação multiespécie nos ajuda a ver como humanos e não-humanos co-evoluem e coabitam a terra, moldando mutuamente suas existências, e Despret (2021) elabora como essas interações evidenciam a importância de incluir múltiplas espécies em nossas narrativas, estudos e vidas, ao argumentar que os animais não são simples objetos de estudo ou de manipulação humana, mas agentes ativos que desempenham papéis significativos em suas próprias vidas e no mundo compartilhado com os seres humanos. Ela propõe que devemos repensar nossas interações com os animais, não apenas observando seus comportamentos de forma descontextualizada, mas reconhecendo suas capacidades de agência e a complexidade de suas vidas (Despret, 2021). Despret sugere que os animais influenciam suas interações com humanos e outros seres, e que essas relações moldam a ecologia e o tecido social. Alargando sua compreensão, podemos pensar nas plantas e seres espirituais no Encontro de Saberes da Caatinga moldando a existência dos humanos que fazem o Encontro. Esse enfoque no agenciamento de outros seres não humanos é crucial para a ideia de coabitação e interdependência ecológica que é explorada no evento. Os animais, assim como plantas e outros seres, desempenham papéis fundamentais na vida das pessoas e no ecossistema em que vivem, e seus agenciamentos ajudam a definir as dinâmicas sociais e ecológicas das paisagens, comunidades e territórios que habitam, como por exemplo a Caatinga.

Todas essas abordagens valorizam uma malha de atenções, na qual todos os seres envolvidos são reconhecidos como participantes ativos do movimento e atividades sociais,

contribuindo para a construção e o equilíbrio ecológico e comunitário. Isso reverbera na narrativa de cuidado e cura através das plantas, das rezas e dos animais junto à interação humana, figurando como uma colaboração consciente e respeitosa com a totalidade da vida no território.

Essa malha, teia, ou mosaico de seres e relações interespecíficas (re)encorajam humanos, pelo menos, entre o Encontro de Saberes da Caatinga, ajudando-os a produzir uma maneira encantada (Simas, 2020) de viver e se relacionar com outros seres no mundo. Entregar poder às plantas, minerais, animais e seres espirituais no manejo da saúde colabora para que esses seres permaneçam vivos na paisagem da comunidade e do território, enquanto esses mesmos seres colaboram com o cuidado em saúde entre os humanos. Rezar, fazer mezinhas de ervas, ou remédios à base de raízes, ajuda a garantir que o humano permaneça preenchido de seu território, de sua paisagem e das propriedades químicas do meio ambiente que o entorna.

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios.

[...]

É fundamental soprar palavras de força, aprender o saber dos anciãos da terra. Ele não foi perdido. Não basta colher a folha para fazer remédio; é preciso saber cantá-la e encantá-la. Cantar a folha é reverenciar a permanência da árvore.

[...]

Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundo - múltiplos feitos as folhas - como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo. (Simas; Rufino 2020, s.p.)

3.4 Considerações Finais

A análise apresentada nesta pesquisa etnografia articula saberes populares e tradicionais a debates contemporâneos no campo da antropologia, sobretudo da antropologia multiespécie e da ecologia política, para evidenciar os caminhos possíveis para uma convivência mais saudável entre humanos e não-humanos no mundo que existimos. No contexto do Encontro de Saberes da Caatinga, testemunhamos como os saberes marginalizados – articulados por curandeiros, raizeiros, benzedeiros e mestres de cultura – se tornam protagonistas na construção de práticas integradoras, de conservação e preservação do ambiente e da cultura, que ultrapassam dicotomias modernas, como natureza versus cultura ou ciência versus espiritualidade. O conhecimento produzido em fricção naquele ambiente é uma boa amostragem de organização portadora do entendimento que um enfoque local, prático e metodológico que articula diferentes áreas do conhecimento de forma transdisciplinar e sistêmica é capaz de orientar ou desenvolver outras searas da dos espaços viventes daqueles humanos, como na lida da agricultura de subsistência que operam em suas comunidades e famílias, na lida das soluções fito-elaboradas para produção de remédios locais advindos do mato, e das rezas, cantos, danças e entendimentos manifestados por hábitos e costumes locais, em permanente diálogo com o ambiente que os entorna e os demais seres animais, vegetais e minerais que constituem seus territórios. Além disso, há também uma crescente produção de estratégias comunitárias em movimento, buscando desenvolver conceitos, métodos e estratégias que permitam (re)estabelecer conexões existentes entre ciência, políticas públicas de patrimonialização e conservação do território, a ação coletiva e pública naquela paisagem. Nesse ínterim existem também inúmeras contradições que atravessam a prática de uma ciência popular, como conceitua Silvanete, que possam ser experimentada de forma crítica, criativa e contextualizada, em um esforço permanente no sentido de reconstruir os nexos existentes entre o conhecimento local, o conhecimento acadêmico e o mundo da vida, em uma paisagem material, ética, política e cultural.

O Encontro, enquanto espaço de fricção (Tsing, 2004), é também um espaço de coalizão, onde diferentes práticas, seres e epistemologias dialogam, confrontam-se e se transformam mutuamente. Este ambiente reforça a relevância de uma "ecologia das práticas" (Stengers, 2021), evidenciando que não há apenas um caminho para a cura ou para o cuidado, mas uma teia complexa de relações e saberes que deve ser respeitada e fortalecida para que possamos existir de maneira mais cuidadosa e saudável no mundo. É nessa rede que se descobre futuros alternativos aos anunciados trágica e hegemonicamente no mundo que habitamos, onde os desafios ambientais e sociais não são encarados isoladamente, mas como parte de um projeto coletivo de reinvenção das formas de habitar a terra e o planeta.

O conceito de encantamento, elucidado por Simas e Rufino (2020), emerge como um eixo central para compreender essa integração. Encantar a folha, a paisagem e os seres, como acontece no Encontro de Saberes da Caatinga, é um ato político e espiritual, que reconhece a interdependência entre o visível e o invisível, a materialidade e a ancestralidade. Este encantamento praticado no Encontro não é apenas um ritual simbólico, mas uma prática e projeto de vida, de resistência e restauração, que enraíza e vincula os humanos em seus

territórios e os conecta às forças de suas comunidades ambientes para que sustentem a vida.

Ao longo do estudo, procurou-se delinear uma análise abrangente acerca dos principais aprendizados e desafios relacionados às vivências no território como Encontro de Saberes da Caatinga, com ênfase nas implicações teóricas e práticas das ações realizadas. Observou-se que, em um contexto de complexidade crescente, a articulação entre diferentes atores sociais e a incorporação de abordagens interdisciplinares mostraram-se fundamentais para o êxito anual do Encontro. Ademais, a capacidade de adaptação e o uso de metodologias participativas destacaram-se como estratégias essenciais para atender às especificidades dos territórios e dos sujeitos envolvidos.

Os desafios encontrados ao longo do processo, embora significativos, revelaram-se igualmente fontes de aprendizado e inovação. Entre eles, destacaram-se as limitações estruturais, como restrições orçamentárias e logísticas, que foram enfrentadas por meio de soluções criativas e colaborativas. Além disso, questões relacionadas à mobilização e ao engajamento comunitário sublinharam a importância de um diálogo constante e sensível às dinâmicas locais, de modo a assegurar a legitimidade e a eficácia das atividades que acontecem no Encontro.

Os impactos gerados pelo Encontro de Saberes da Caatinga entre os sujeitos e comunidades presentes promovem transformações significativas em diversos níveis. No âmbito social, destaca-se o fortalecimento das redes comunitárias e o empoderamento de grupos historicamente marginalizados. Já no campo ambiental, as práticas pautadas no Encontro contribuem para a valorização e a preservação dos ditos recursos naturais, gerando impactos a curto, médio e longo prazo. Em termos da dimensão da cultura, a valorização dos conhecimentos e saberes tradicionais emerge como uma conquista central do evento, ressaltando a relevância sobre a integração de tais conhecimentos às estratégias contemporâneas de gestão e desenvolvimento.

À luz dessas reflexões, destaca-se a necessidade de aprofundar as investigações acadêmicas sobre a ecologia política, a agricultura familiar e as práticas de cura das pessoas raizeiras, benzedeiras e parteiras, a fim de subsidiar a formulação de práticas sociais de convivência com o dito meio ambiente e a saúde comunitária de maneira que sejam ainda mais eficazes, inclusivas e efetivas, de resolução de nossos desafios e questões sociais, de maneira geral. Ampliar o diálogo entre diferentes campos do saber, inspirando novas ações e colaborando para a construção de sociedades capazes de compreender e efetivar práticas e políticas públicas promotoras de bem-estar social cada vez mais justas, resilientes e sustentáveis. O diálogo entre as ciências, desde a ciência popular, nomeada por Silvanete neste estudo, e a ciência acadêmica, hegemonicamente conhecida, deve ser compreendido para além de uma tradução de conceitos e ideias, sendo um diálogo pautado por uma disposição que busca constituir alianças e a integração dos sistemas de conhecimentos, como nos ensina o Encontro de Saberes da Caatinga.

Os seres e as vidas se estabelecem em conexão, e compreender essa rede, diversamente potente e multiespécie, de relações, nos parece ser a chave para a manutenção da vida e da biodiversidade em nossos territórios e comunidades.

Dessa maneira, ao fim, considero que para coexistirmos de forma saudável em tempos de crise ecológica e social é necessário não apenas ouvir, mas aprender com os saberes populares, tradicionais e ancestrais. É necessário cantar as folhas, reverenciar as árvores e reencantar o mundo. É nesse movimento, de mãos dadas com mestres, mestras, crianças, jovens, adultos, velhos, plantas, animais e espíritos da Caatinga, que a humanidade pode aprender a vislumbrar um futuro de cuidado coletivo, sustentado por múltiplas alianças, reafirmando a vida como um ato corajoso, coletivo e encantado.

REFERÊNCIAS

AGROECOLOGIA EM REDE. **Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe.**

Disponível em:

<<https://agroecologiaemrede.org.br/rede/rede-de-agricultores-experimentadores-do-araripe/>>.

Acesso em 04 fev 2024.

ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (Org.). **Salvaguarda de bens registrados:** patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento / coordenação e organização. Brasília: IPHAN, 2017.

BRASIL. **Ministra participa de seminário sobre a Chapada do Araripe**, candidata a Patrimônio Mundial. 2024. Disponível em:

<<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/ministra-participa-de-seminario-sobre-a-chapada-do-araripe-candidata-a-patrimonio-mundial>>. Acesso em 04 fev 2024.

CAATINGA - Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições

Não-Governamentais Alternativas. s.d. Disponível em: <<https://caatinga.org.br/sobre/>>.

Acesso em 04 fev 2024.

CHAPADA. **Missão e Visão de Futuro.** s.d. Disponível em:

<<https://www.ongchapada.org.br/missaovisaoeprojetos/>>. Acesso em 04 fev 2024.

CINE.EMA. **Festival Cine.Ema anuncia filmes premiados na Mostra Competitiva 2022.**

2022. Disponível em:

<<https://cineema.com.br/2022/10/03/festival-cine-ema-anuncia-filmes-premiados-na-mostra-competitiva-2022/>>. Acesso em 04 fev 2024.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística.** São Paulo, Summus, 1989.

INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve?. 2a imp. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

_____. **Estar Vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. 2015. 5a imp. Petrópolis: Vozes, 2021b.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. **The sociological review**, n. 32 v. 1, 1984. p. 196-233.

CFM. **Explode número de médicos no Brasil**, mas distorções na distribuição dos profissionais ainda é desafio para gestores. 2020. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/noticias/explode-numero-de-medicos-no-brasil-mas-distorcoes-na-distribuicao-dos-profissionais-ainda-e-desafio-para-gestores>>. Acesso em 01 fev 2024

DESPRET, Vinciane. **Que diriam os animais?**: Fábulas científicas. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

EXU. **História**. 2023. Disponível em: <<https://www.exu.pe.gov.br/historia/>>. Acesso em 15 jan 2024.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Ubu Editora, Éditions du Seuil, 2020.

FERNANDES, Tania. A peste em Exu: a narrativa de Célio Rodrigues. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, n. 3, 1996. p. 349-368.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza - símios, ciborgues e mulheres**. WMF Martins Fontes, 2023a.

_____. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023b.

_____. **Quando as espécies se encontram**. UBU editora, 2022.

_____. Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucener. **E-flux journal**, n. 75, set. 2016.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

IBGE. **Exu**. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/exu.html>>. Acesso em 20 jan 2024.

IPHAN. **Seminário lança a candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio Mundial**. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/seminario-lanca-a-candidatura-da-chapada-do-araripe-a-patrimonio-mundial>>. Acesso em 04 fev 2024.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

_____. **O Antropoceno e a destruição (da imagem) do globo**. Quarta conferência. s/d.

_____. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

_____. **Science in action**: How to follow scientists and engineers through society. Harvard UP, 1987.

MAIA, Vera Lúcia G. Matos de. **José Lourenço: o beato camponês da comunidade do caldeirão**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992

MENENDEZ, Eduardo L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 8 (1), 2003. p. 185-207.

MÜLLER, Elaine. Simbiose de saberes: a parteira Maria dos Prazeres de Souza. In: MORIM, Júlia. **Mães de Umbigo**. Recife: Bebinho Salgado, 2017.

NEVES, Julia. **Entrevista: Grasielle Nespoli** - 'A educação popular é importante porque reconhece as condições de vida, atua a partir da realidade, promove e organiza redes de apoio social que, neste momento, são fundamentais'. Fiocruz, 2022. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-educacao-popular-e-importante-porque-re-conhece-condicoes-de-vida-atua-a-partir>>. Acesso em 06 jun 2024

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico**. 1981. Disponível em: <<http://mapa-nimuendaju.eita.coop.br/>>. Acesso em: 15 jan 2024.

PARENTE, Claudia. Bárbara de Alencar: Uma guerreira da “legião de sonhadores”. **Revista Continente**, 2014. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/159/barbara-de-alencar--uma-guerreira-da-rlegiao-d-e-sonhadoresr>>. Acesso em 15 jul 2024.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Caldeirão**. Fortaleza: EDUECE, 1991

SANTOS, Mark. 1935: o ano em que a peste assolou o Sertão. **Diário de Pernambuco**, Recife, 2021. Disponível em <<http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/vidaurbana/2021/07/1935-o-ano-em-que-a-pesto-assolou-o-sertao.html>>.. Acesso em 15 jan 2024.

SILVA, Fernando Silva e. **Introdução aos Estudos Ambientais**. Palestra. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Mórula Editorial, 2020.

SOSA, Mercedes. Volver A Los 17. In: NASCIMENTO, Milton. **Geraes**. Rio de Janeiro: EMI/ODEON, 1976. 1 CD: digital, estéreo.

SOUSA, Célia Camelo de. **Saberes e Práticas Educativas no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto**. (Monografia). Centro de Educação – UECE, 2009.

SOUZA, Abraão Rodolfo Santana de. **Da Lei do morrer ou matar: A tradição da vingança no sertão-Os Alencar contra os Sampaio (1949-1981)**. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Editora 34, 2002.

_____. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, 2018a. p. 442-464.

_____. Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas. **Cultural studies review**, n. 11, v. 1, 2021. p. 183-196.

_____. **No Tempo das Catástrofes**. Paris: Cosac Naify, 2015.

_____. Reativar o animismo. **Caderno de leituras**, n. 62, 2017. p. 1-15.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

TEIXEIRA, E. Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, n. 30, 1996. p. 286-290.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins**. Princeton University, 2015.

_____. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WEIL, Andrew. **Spontaneous healing: How to discover and enhance your body's natural ability to maintain and heal itself**. Ballantine Books, 2011.